VANGA. O MAIOR SEGREDO DA PROFETIZA

SOFIA BENOIS

Tradução: Amadeu António

VANGA - O MAIOR SEGREDO DA PROFETIZA

Sofia Benois

© Benois S., 2014

© Algorithm Publishing House LLC, 2014

CAPÍTULO 1

O SEGREDO DA PÍTIA, OU BRUXARIA

COMO FORMA MAIS ANTIGA DE RELIGIÃO

A mulher é a criação mais misteriosa de todas as que existem na Terra. Ela possui qualidades diferentes, mais subtis, do que os homens e, devido a essas e outras características, foi entre as mulheres que, em todas as épocas, se registou a esmagadora maioria de adivinhas e videntes. A sociedade era mais tolerante com o sexo forte e, por isso, os homens adivinhos, magos, feiticeiros, xamãs e astrólogos sofreram menos do que as suas colegas, as representantes do belo sexo. Sabemos que nas fogueiras da Inquisição arderam dezenas de milhares daquelas que a Igreja considerou bruxas. Esta sorte ingrata podia atingir alguém até pela recolha de ervas medicinais e pela cura de doenças; aliás, muitas pereceram nas chamas infernais do fogo simplesmente por denúncias de mal-intencionados ou pela sua beleza inata, que provocava inveja.

Mas, apesar da monstruosa pressão em todas as épocas, as dotadas de talento sobrenatural vivem e vivem entre nós, no nosso tempo. Muitos de nós compreenderam isso especialmente de forma clara durante a visualização do popular ciclo de programas «Batalha de Sensitivos».

Na feitiçaria e na magia popular, desempenha um papel enorme não só a intuição, mas também os «conhecimentos genéticos» — conhecimentos ao nível dos genes, quando as capacidades extrassensoriais se transmitem de geração em geração. A alguns consegue-se desenvolver capacidades semelhantes de forma autónoma através dos mais diversos, muitas vezes perigosos para a vida, artifícios.

Se dirigirmos o olhar para a história do Antigo Egito, veremos lá as famosas sacerdotisas das deusas Ísis e Bastet, que eram obrigadas a saber não só curar as pessoas, mas também se ocupavam da interpretação de sonhos e da predição do destino. Bast ou Bastet era, para os antigos egípcios, a Deusa da alegria, da diversão e do amor, da beleza feminina, da fertilidade e do lar. Em tempos posteriores, o culto de Bast aproximou-se do culto de Ísis, uma das maiores deusas da antiguidade, que se tornou o modelo do ideal de feminilidade e maternidade.

Ísis — uma das maiores deusas da antiguidade, que se tornou o modelo para a compreensão do ideal egípcio de feminilidade e maternidade.

Entre os antigos magos havia aqueles cujas obrigações incluíam a adivinhação pelas estrelas, por vasos com água, pelas entranhas de animais, pelo voo das aves e por diversos objetos. Por exemplo, os sacerdotes etruscos — harúspices — dominavam a arte da predição pelo fígado de animais sacrificados, bem como pelos relâmpagos. «De uma forma ou de outra, ao longo de toda a história da Itália antiga, os harúspices eram considerados mestres inigualáveis da profecia não só na Etrúria, mas também em Roma — notava Raymond Bloch no livro «Os Etruscos: Preditores do Futuro». — Já assinalámos os curiosos motivos orientais que se revelam em alguns aspetos da sua arte. No fundo, ela baseava-se na invariável tendência dos etruscos para ler no livro do mundo não só as revelações do passado, mas também os presságios do futuro. Na ordem natural, com raízes sagradas profundas, qualquer fenómeno serve de sinal, e o milagre é apenas um sinal de particular importância».

Os etruscos acreditavam possuir conhecimentos recebidos do alto. Os romanos consultavam frequentemente os sacerdotes etruscos sobre diversos presságios preocupantes. É curioso que os etruscos, segundo Dionísio de Halicarnasso (historiador e retórico grego antigo da segunda metade do século I a.C.), se chamassem a si próprios «rasena»; Estêvão de Bizâncio chamava-lhes uma tribo eslava. Sobre as sacerdotisas desta tribo eslava restaram poucas informações. A Etrúria era um antigo estado no centro de Itália, que atingiu o apogeu ainda antes do surgimento de Roma. O escritor cristão do século IV, Arnóbio, chama à Etrúria «progenitora e mãe de todas as superstições». Segundo a tradição, os conhecimentos foram transmitidos aos etruscos pelos próprios deuses (informações sobre isso preservaram-se em fontes isoladas). Posteriormente, os romanos, querendo provar que eram precisamente eles os descendentes dos deuses, esforçaram-se por apagar da memória da humanidade os vestígios da existência dos etruscos por eles conquistados.

Nós sabemos apenas que os etruscos, estes muito prováveis antepassados dos eslavos, eram chamados mestres dos antigos gregos. E sabemos com certeza que na Antiga Grécia existiam profetisas — pítias, que

serviam no templo de Apolo em Delfos. Antes de proferir profecias, a sacerdotisa tinha de realizar preparações especiais: a mulher jejuava durante três dias, depois realizava abluções na fonte Castália. No dia marcado para as profecias, vestiam-na com ricos trajes e colocavam na cabeça uma coroa de loureiro. A pítia bebia água da fonte Cassótis, depois mastigava uma folha do loureiro sagrado. Após as preparações necessárias, a adivinha retirava-se para o santuário interior do templo, situado junto a uma fenda na rocha, de onde subiam gases com algum efeito inebriante. A pítia inspirava profundamente e, sob a influência do entorpecente, emitia sons, pronunciava palavras e gritava. As sacerdotisas que observavam a predição tinham de julgar o futuro a partir das frases e fragmentos proferidos.

Cena de profecia no oráculo de Delfos. No centro — a profetisa pítia em transe, ao lado dela — as virgens auxiliares e aqueles que vieram pedir conselho.

Considerava-se que pela boca da pítia falava o próprio Apolo e que a inspiração divina não era acessível a todos, mas apenas aos escolhidos dotados de um dom especial.

Do alto dos tempos, compreendemos que a pítia atingia um estado de consciência alterada, inspirando vapores desconhecidos. Aliás, sobre o perigo desta ocupação contou aos descendentes Plutarco; acontece que houve um caso em que a profetisa gritou subitamente qualquer coisa, depois caiu do tripé sem sentidos e pouco depois morreu.

De diferentes lugares do mundo antigo chegavam a Delfos aqueles que desejavam obter respostas para questões vitais. Aqui chegava, juntamente com uma embaixada, o lendário rei de Roma, Tarquínio, o Soberbo.

«As predições relativas à política externa e interna do Estado trouxeram ao templo de Delfos a maior glória e tornaram o oráculo um instrumento importante na luta política. Assim, Heródoto menciona repetidamente que consultavam a pítia sobre guerra e paz, sobre a organização estatal», informam-nos os historiadores.

As predições e adivinhações eram particularmente populares em tempos remotos. Apesar de o interesse por tais coisas se preservar em cada geração, atualmente não se relacionam com elas com tanta fé e tanto esmero como outrora. Uma atenção especial daqueles que desejavam conhecer o futuro era dedicada aos sonhos, pois as visões do homem durante o sono eram consideradas uma revelação divina, à qual se devia relacionar com seriedade.

De fontes escritas antigas e testemunhos sabemos que personalidades históricas cujos nomes ficaram conhecidos até aos nossos dias, bem como figuras bíblicas, entravam em contacto com Deus nos sonhos, recebendo mensagens diretas ou veladas. Para compreender o sentido do visto no sonho,

eram necessários conhecimentos inacessíveis aos simples mortais, por isso interpretar sonhos só podiam os escolhidos.

Na antiguidade, os egípcios acreditavam que a deusa Ísis inventara não só os remédios curativos, mas também dera aos homens a capacidade de se curarem durante o sono. Ela aparecia em visões noturnas aos sofredores e curava-os. Considerava-se que as sacerdotisas desta deusa também possuíam o dom mágico de curar.

Na Antiga Roma também eram comuns as adivinhações. Lá existia uma toda uma «ciência» da oniromancia — a arte da profecia pelos sonhos. O sono era percebido pelos romanos como uma possessão divina, que tirava à alma a autoconsciência, deixando o homem como observador passivo das imagens enviadas por alguma força superior, nas quais a alma olha durante o sono. Por isso, os romanos consideravam a oniromancia uma das mais significativas entre outros tipos de adivinhação. A interpretação de sonhos ocupava muitos povos antigos. No épico heroico sobre Gilgamesh, o protagonista e o seu amigo Enkidu, graças aos sonhos, anteviam todos os eventos notáveis da sua vida. Grande honra era concedida aos intérpretes de sonhos. Sabe-se que o profeta Daniel se tornou um homem poderoso no Estado ao interpretar ao rei Nabucodonosor o seu sonho (Daniel, II, 48).

Os sonhos desempenhavam um papel tão importante entre os caldeus que os registavam detalhadamente nas suas crónicas históricas! Assim, nas crónicas do rei Assurbanipal há toda uma série de sonhos proféticos que o rei viu pouco antes de eventos notáveis.

O sono era percebido pelos romanos como uma possessão divina, que tirava à alma a autoconsciência, deixando o homem como observador passivo das imagens enviadas por uma força superior, nas quais a alma olha durante o sono.

Sabiam predizer o destino também as sacerdotisas da deusa Hécate. O culto desta deusa tessália era difundido na Grécia e em Itália. Hécate, como senhora do mundo das trevas, era representada com uma tocha na mão. A ela, através das sacerdotisas, recorriam por ajuda. As mulheres que se consagravam ao serviço de Hécate ocupavam-se de necromancia. O próprio conceito de necromancia (do grego nekros — morto e manteia — adivinhação) significa adivinhação sobre cadáveres ou adivinhação mediante apelo às almas dos mortos; num sentido mais amplo — todas as ações mágicas que, de uma forma ou de outra, influenciam a morte ou os mortos. A necromancia é uma divisão da magia ligada à interação com o mundo dos mortos, à utilização da sua energia, à criação e controlo de mortos-vivos. Os praticantes de necromancia chamam-se necromantes, especialistas semelhantes existem ainda hoje. As sacerdotisas de Hécate também sabiam predizer o destino tanto pelos sonhos como pelas estrelas.

Entre os estranhos métodos de predição descobre-se também a adivinhação pelas árvores (por exemplo, entre os etruscos; também os antigos gregos mencionavam frequentemente o «carvalho falante», o «adivinho faia»), a cledonomancia — adivinhação por uma palavra dita casualmente. Entre os antigos caldeus estavam em uso a astrologia — adivinhação pelas estrelas, bem como a extispicina — predição do futuro pelo aspeto, por diversas alterações e outras particularidades das entranhas dos animais. Esta última estava em uso também entre os magos da China e do Sudeste Asiático. Os caldeus ocupavam-se, entre outras coisas, de lecanomancia — observação do óleo na água. Acontecia assim: o sacerdote deitava algumas gotas de óleo numa taça cheia de água e estudava depois que forma tomava o óleo na superfície da água, se se espalhava criando alguma forma ou se mantinha como uma massa compacta. Em tempos posteriores apareceu uma adivinhação muito semelhante pela borra de café.

«Hécate. A Noite da Alegria de Enitharmon». William Blake. 1795.

Por mais cómico que pareça, existia a adivinhação alektoromancia — conhecer o futuro com a ajuda de um galo; miomancia — pelo piar e comportamento de ratos e ratazanas. Modos surpreendentes de conhecer o futuro eram a adivinhação por anomalias no corpo de um animal ou humano recém-nascido, a adivinhação por anomalias naturais, pelo lançamento de sortes. Esta última estava pouco desenvolvida na Caldeia, no entanto é mencionada na Bíblia: «…o rei da Babilónia parou na encruzilhada, no início de dois caminhos, para adivinhar: agita as flechas, consulta os terafins, examina o fígado» (Ezequiel, XXI, 21).

Em essência, a predição é um modo de comunicação com forças sobrenaturais: deuses, espíritos, demónios, que, como se considerava, influenciam a vida de todo um grupo de pessoas, de uma linhagem ou de um indivíduo tomado separadamente. Na base das predições está a profunda convicção de que tudo na natureza está interligado: o movimento dos planetas, a mudança de fenómenos naturais e climáticos, o nascimento entre animais domésticos e pessoas de indivíduos com desvios físicos, bem como as guerras — tudo isso está ligado por fios invisíveis pela vontade da divindade. Os adivinhos partem do princípio de que as forças sobrenaturais podem e querem comunicar as suas intenções, tanto benignas como malignas, porque estão interessadas no bem-estar do homem e de toda a humanidade, e se sobre as desgraças iminentes se souber com antecedência, a infelicidade pode ser prevenida, mudando quer os próprios atos, quer empreendendo ações para a recuperação da sociedade. Em geral, como se diz: muda-te a ti mesmo e tudo à volta mudará. E ainda: será retribuído segundo as nossas ações (como dito na Bíblia).

Os antigos gregos recorriam à adivinhação chamada cledonomancia, quando tiravam conclusões dos movimentos involuntários do homem, das suas

palavras isoladas, do espirro e até do zumbido nos ouvidos. Por vezes, simplesmente espalhavam no chão várias letras, com as quais ligavam palavras ou feitiços inteiros concebidos.

Na maioria das vezes, o contacto ou comunicação com as misteriosas forças sobrenaturais estabelecia-se através de um mediador-sacerdote. No entanto, as pessoas exigiam do mago não tanto conhecimentos sobre a ordem do mundo e o futuro global, mas respostas para perguntas simples: qual o destino dele e dos seus entes queridos, e do que depende o bem-estar das suas sortes?

No livro «As Maiores Enigmas e Mistérios da Magia» de I.M. Smirnova escreve-se: «Significa isso que a feitiçaria é a forma mais antiga de religião, e os feiticeiros foram os seus primeiros servos secretos.

Quem eram eles — os primeiros feiticeiros, magos, sacerdotes e encantadores? O investigador R. Briffault na monografia «As Mães» (R. Briffoult. The Mothers. London, 1927) apresenta numerosos testemunhos etnográficos de que inicialmente as funções de feitiçaria e sacerdócio pertenciam… À MULHER, e que mais tarde os homens, por via violenta, privaram as mulheres destas funções honrosas e influentes e apropriaram-se delas. Uma das principais funções da feitiçaria consistia na luta contra as doenças, sendo que a cura se realizava predominantemente com a ajuda de plantas medicinais, cuja recolha era tarefa das mulheres. Quanto aos rituais feiticeiros («sugar» a doença, encantamentos e assim por diante), tinham principalmente significado psicológico.

Assim, entre os dayaks de Bornéu até há pouco tempo as funções religiosas eram executadas exclusivamente por mulheres; se por vezes um homem era admitido à execução de ritos religiosos, era obrigado a vestir traje feminino. Os dayaks têm uma lenda segundo a qual a arte da feitiçaria foi trazida à sua terra por uma divindade feminina chamada Taypa, que ensinou a feitiçaria às mulheres dayaks.

Facto curioso: as vestes cultuais dos sacerdotes e clérigos em todas as épocas e entre todos os povos são precisamente vestes femininas. Ainda recentemente, quando os chefes zulus realizavam a cerimónia mágica de invocação da chuva, vestiam a saia inferior feminina. Em Madagáscar, os sacerdotes vestem-se à maneira feminina. Na ilha de Taiti e nas ilhas Marquesas, os sacerdotes pintavam o rosto de cor clara, como fazem as mulheres locais, e também imitavam os seus modos. Entre todas as tribos dos índios norte-americanos, os feiticeiros durante as cerimónias mágicas vestiam-se com traje feminino. O mesmo na América Central. O antigo escritor romano Tácito (c. 55 – c. 120 d.C.) informa que entre os antigos germanos os sacerdotes, ao executarem cerimónias religiosas, vestiam roupa feminina. Na

antiga Babilónia, os sacerdotes da deusa Ishtar também vestiam roupas femininas.

Provavelmente, esta tradição aponta para a prioridade feminina na área da magia.

Mais tarde, as funções da feitiçaria passaram para os homens, mas as mulheres ainda por muito tempo conservaram a sua influência nesta área: assim, ao longo dos séculos, a par dos feiticeiros existiam bruxas, a par dos sacerdotes — sacerdotisas. E só em religiões mais tardias, por exemplo no cristianismo, na execução dos ritos os homens expulsaram completamente as mulheres».

Os feiticeiros e magos na sociedade antiga ocupavam uma posição proeminente. Já sabemos que este estranho dom se transmitia de mãe para filha, de pai para filho. Além disso, os métodos e os «profissionais» aperfeiçoavam-se de geração em geração. Curiosamente, o antigo historiador Heródoto até atribui os magos a uma tribo separada entre as demais. A ocupação com magia e o desempenho de funções sacerdotais era uma profissão familiar. Segundo Heródoto, os magos formaram o seu clã; o filho de cada sacerdote ao nascer era chamado «osto», e a filha — «osti» (a palavra provém de «Havishta» e significa «aquele que prepara a bebida sagrada»).

Entre outras coisas, vale a pena mencionar os famosos Livros Sibilinos, cujas predições desempenhavam um papel importante na vida política e cultural da antiguidade. De onde apareceram os Livros Sibilinos é desconhecido; a lenda atribui-lhes origem troiana. Livros das Sibilas — assim se chamam 12 coletâneas poéticas antigas (anteriormente eram 14), escritas em hexâmetro em grego antigo, que, como se considerava, continham profecias proferidas pelas sibilas. O tempo da sua redação não está exatamente estabelecido. Os oráculos que chegaram até nós datam do século II a.C. – século II d.C. Parte deles tem origem greco-pagã, parte — judaica e cristã. As secções judaicas dos Livros Sibilinos apareceram em Alexandria por volta de 140 a.C. e representavam uma combinação de motivos gregos e judaicos. Com o tempo, as predições com a ajuda dos Livros Sibilinos esgotaram-se; e durante o incêndio no Capitólio os livros arderam (preservaram-se apenas parcialmente). No entanto, pode supor-se que estes misteriosos trabalhos foram precursores do aparecimento da Bíblia, como obra compilativa de diferentes povos. Não se deve esquecer que na Bíblia há profecias, prediz-se o trágico fim de tudo o que existe sob o nome de Armagedão.

Fresco de Michelangelo. «A Sibila de Cumas». Com esta personagem associam o aparecimento dos mágicos Livros Sibilinos.

Se os Livros Sibilinos foram escritos por mulheres-sacerdotisas ou escritos sob ditado das profetisas-sibilas, não sabemos exatamente. No

entanto, vale a pena falar especialmente das mulheres clarividentes. E se não nos aprofundarmos mais na história antiga, por mais cativante e ambígua que seja, chegaremos à compreensão de que todos os subsequentes adivinhos foram apenas continuadores da obra dos antigos magos. E a mais famosa adivinha do século XX foi Vangelia Gushterova, a clarividente búlgara Vanga. A sua primeira profecia fez aos 16 anos, quando indicou o lugar onde se encontrava a ovelha desaparecida do rebanho do seu pai. Durante a Segunda Guerra Mundial, ela dizia onde se encontravam os locais de sepultamento das pessoas desaparecidas, bem como predizia quem regressaria da frente e quem não. Vanga podia predizer os destinos das pessoas e também ajudava a curar-se de diversas doenças. Possivelmente, foi a única pessoa cujas capacidades sobrenaturais foram oficialmente reconhecidas pelo governo. A poucos é dado o dom de predizer o futuro com tal precisão, e Vanga sabia até a data da sua própria morte! Até ao fim não é claro de onde Vangelia sabia o que aconteceria após decorrido muito tempo. Explicam isso não de outra forma senão como um dom de Deus, e dificilmente se encontrará outra interpretação mais comum para o fenómeno. Embora houvesse (e haja) quem considere o seu dom mero palpite, beirando a intuição. Mas vale mencionar que para os antigos gregos e indianos a intuição significava algo mais do que aquilo que nós entendemos por este conceito.

A expressão «scientia intuitiva» foi usada pela primeira vez por Spinoza. Mais tarde, Goethe deu uma definição de intuição, chamando-lhe «fantasia exata». O filósofo Kant na sua «Crítica da Razão Pura» interpreta a intuição como «correspondência natural e livre da força da imaginação às leis da razão». Ou seja, concorda com que tudo no mundo que nos rodeia está interligado. Segundo Kant, a razão ajuda a obter pensamentos verdadeiros, enquanto a intuição é responsável pela veracidade dos sentimentos.

Se foram os sentimentos ou outras sensações que ajudavam Vanga, mas por ela foram feitas numerosas profecias exatas. Entre elas — a derrota de Hitler na guerra, a predição da trágica morte do «Kursk», a morte da princesa Diana, a dissolução da União Soviética e outras. O maior interesse suscita a profecia sobre uma certa Irmandade Branca — um ensinamento que substituirá a religião; surgindo na Rússia, espalhar-se-á pelo mundo e salvará da degradação e miséria muitos países. Aliás, a conversa sobre isso espera-nos mais adiante.

Segundo Descartes e outros filósofos antigos, os conhecimentos obtidos por via intuitiva são simples e evidentes, sendo a intuição o caminho mais elevado do conhecimento intelectual, no processo do qual o homem simultaneamente pensa e contempla. Um dos mais significativos filósofos do século XX, o francês Henri Bergson, chamava à intuição a capacidade do homem de ver o todo antes das suas partes; ou seja, nós todo o tempo destacamos algumas partes, não vendo a coisa (evento) no seu todo, e por

isso tendemos a tirar conclusões erróneas. Em geral, aqui a intuição coincide com a analítica, que pressupõe ver o quadro dos eventos como que de cima, e não por partes. Pois na Antiga Grécia, Sócrates e Platão consideravam a intuição como a capacidade do homem para o conhecimento holístico da verdade. Além disso, este conhecimento não se limitava a quadros temporais, reduzindo-se à compreensão da essência no passado, presente e futuro. Como vemos, o mesmo análise no Espaço e na Eternidade.

Segundo a profecia de Vanga, um dia a religião será substituída pela Irmandade Branca — um ensinamento que surgirá na Rússia e se espalhará pelo mundo inteiro, para salvar a humanidade da degradação.

Curiosa é também esta afirmação. Alguns filósofos consideram que o homem tem experiência adquirida pela sua alma em vidas passadas, e a intuição não é mais do que a manifestação dessa experiência. As pessoas percebem-na como iluminação, mas na realidade no nosso subconsciente já está depositada a informação, e nós simplesmente como que a recordamos. Aliás, deve-se aqui indicar também que outros investigadores tendem a considerar que a alguns talentosos no plano das predições (intuição) abre-se a ligação com o chamado banco informativo cósmico, no qual se contêm todos os eventos do passado-presente-futuro. A que códigos de iluminação estava ligada Vangelia Gushterova, falaremos mais detalhadamente, e, possivelmente, conseguiremos desvendar os últimos mistérios desta famosa profetisa.

Alguns filósofos consideram que o homem tem experiência adquirida pela sua alma em vidas passadas, e a intuição não é mais do que a manifestação dessa experiência…

Vanga com o marido e a irmã Lyubka

CAPÍTULO 2

VANGELIA, «A QUE TRAZ A BOA NOVA»

Vangelia Pandeva Gushterova, de solteira Dimitrova, veio ao mundo em 1911 na pequena cidade de Strumica, na Macedónia, numa família camponesa. A sua mãe morreu quando a menina tinha três anos, e isso tornou-se o primeiro sério trauma psicológico da futura vidente. A desgraça tornou-se a primeira, mas não a última provação no processo de transformação da alma humana num instrumento subtil, afinado para a ligação com o Cosmos.

A infância de Vanga foi difícil: um ano após a morte da mãe, o pai foi chamado para o exército búlgaro e enviado para a frente. A menina foi acolhida por uma vizinha turca. Durante três anos não houve notícias do pai, e todos decidiram que a infeliz rapariguinha se tornara órfã completa. Mas um dia o pai regressou vivo e saudável.

No entanto, antes de continuarmos o nosso relato sobre a genial vidente, observemos os seus parentes e próximos. Além disso, ainda não conseguimos dizer como apareceu no mundo esta estranha menina, cujo nome em tradução do grego significa «a que traz a boa nova».

Pande Surchev, o pai da nossa heroína, ainda jovem, partiu para lutar contra os turcos, pelo que foi condenado pelas autoridades a prisão perpétua. Felizmente, pouco tempo depois o rapaz foi anistiado. Encontrou a sua

predestinada Paraskeva, e em breve os jovens casaram-se. Na família tudo corria como nas outras famílias semelhantes: Pande ocupava-se da horta, cuidava do gado, e a sua jovem esposa, estando grávida, trabalhava afincadamente nas tarefas domésticas. Nada fazia prever complicações, mas um dia, num dia claro e gelado, aconteceu um fenómeno estranho: subitamente, inesperadamente, o vento reforçou-se, levantou-se uma nevasca, e longe no céu brilhou um relâmpago. As mulheres que estavam em casa — Paraskeva e a sua mãe — começaram a persignar-se convulsivamente, repetindo: «Santo, santo, coisa nunca vista: um relâmpago em janeiro…». E então a grávida começou a queixar-se de uma dor aguda, a gemer, a gritar, e tornou-se claro que os partos estavam prestes a começar.

Vangelia Pandeva Gushterova, de solteira Dimitrova, na juventude

Assim, no último dia de janeiro de 1911, veio ao mundo uma minúscula menina de sete meses. A criaturinha era franzina, com dedinhos fundidos nas mãos e nos pés, com as orelhinhas fortemente coladas à cabeça. Nem forças tinha para chorar; em vez disso, emitia apenas uns pios quase inaudíveis. Os vizinhos, que vinham felicitar os jovens pais, mal viam a recém-nascida, viravam o rosto e calavam-se por piedade.

«Sobreviverá ou não sobreviverá?» — era a pergunta que atormentava os pais e a avó.

Para salvar a menina e dar-lhe mais hipóteses de sobrevivência, a avó embrulhava a bebé com especial cuidado num estômago de boi, depois numa pele de ovelha, e colocava-a bem perto do fogão. O carinho fez o seu efeito: após dois meses nestas «fraldas» naturais junto ao fogão, a bebé começou a melhorar; a menina ganhava peso, chorava alto, exigindo atenção e mais comida. E como até então se decidira não dar qualquer nome à pequenina, a jovem mãe finalmente suspirou aliviada:

— Agora sim, mãe, vai à rua e pergunta, segundo o nosso antigo costume, à primeira pessoa que encontrares como devemos chamar a nossa menina.

A primeira mulher encontrada sugeriu o nome Andromacha, mas à avó não agradou, e perguntou a outro transeunte. O segundo nome foi Vangelia, que em tradução do grego significa «a que traz a boa nova» («boa nova»). Este nome não podia deixar ninguém indiferente.

O pai de Vangelia, Pande

A felicidade dos jovens durou apenas três anos: no segundo parto morre a mãe de Vanga, e o viúvo Pande fica com a bebé nos braços. Teve de contar apenas com as suas forças e a ajuda dos vizinhos. Assim passou um ano, mas eis que eclodiu a Primeira Guerra Mundial. Pande Surchev, embora tivesse uma criança pequena, foi chamado para o exército búlgaro, e a menina foi

acolhida pela vizinha turca Asanitsa. Ela ensinava à menina habilidades simples, mostrava-lhe as letras, mas não conseguiu ensinar-lhe a ler, pois ela própria era pouco letrada. Assim passaram longos três anos, e depois, quando a esperança do regresso do pai parecia apagada, Pande voltou para junto da filha de sete anos.

Jovem, simpático, forte, o homem cedo casou com uma rapariga jovem, Tanka Georgieva. Contam que a enteada comunicativa e trabalhadora surpreendia Tanka pela sua asseio e amor à limpeza, e ainda a menina espantava com os seus estranhos relatos sobre visões maravilhosas e as suas conversas com seres celestiais. A própria Vangelia não compreendia se eram sonhos ou realidade. No resto, era como todas: ajudava nas tarefas domésticas, lavava, varria, apascentava gansos — fazia o mesmo que as suas contemporâneas.

Os biógrafos de Vanga, que se encontraram com quem a conheceu na infância, recordavam que mais de uma vez as amigas foram testemunhas de fenómenos estranhos, quando a pequena Vangelia, transformada até ficar irreconhecível, de repente empalidecia, abria amplamente os olhos e olhava para o céu com um olhar de outro mundo, sem vida, como à espera que de lá descesse alguém desconhecido, ou que algo importante estivesse prestes a acontecer… Às vezes, em resposta às perguntas, a menina apenas respondia enigmaticamente:

— É ele, ele tocou-me… que asas tão macias ele tem, é ele… Ele disse-me que eu devo cumprir uma missão.

E uma vez Vangelia disse aos seus entes queridos:

— Ontem, em sonho, falei com dois anjos e com algum outro ser, e perto deles havia muitos outros… Todos transparentes, sem cabeça nem olhos, mas voavam ao redor e observavam-me. E os dois anjos tocavam constantemente no meu rosto, olhos, mãos e sussurravam sem parar: «Prepara-te para as mudanças, espera-te um grande destino».

A cidade de Strumica, Macedónia

Não só para as amigas e familiares esta «missão» e este «grande destino» eram um mistério, mas também para a própria menina estranha. Mas como as visões duravam muito pouco tempo, e depois a menina voltava a ser normal, todos os do seu entorno rapidamente se acalmavam: que mal tem uma criança impressionável imaginar coisas, as crianças gostam de fantasiar.

Embora todos sem exceção notassem que esta criança realmente possuía algum dom. Por exemplo, na vida da jovem Vanga houve um episódio em que um simples aviso a um amigo se revelou uma verdadeira profecia.

Num dia quente, as crianças vizinhas brincavam num jogo inventado por elas, quando inesperadamente para todos Vanga se dirigiu a um dos rapazes:

— Hristo, não vás à noite para junto do barranco, espera-te lá uma desgraça!

— O que pode acontecer-me? — respondeu o rapaz.

— Vi em sonho um anjo a voar à tua volta, pedia: «Que Hristo não ande no escuro junto ao barranco, transmite-lhe as minhas palavras».

O rapaz não seguiu o conselho da amiga, e um dia realmente lhe aconteceu uma desgraça naquele lugar fatídico. No escuro, assustou-se com uns olhos brilhantes e, tomando-os por olhos de lobo, correu aterrorizado, mas caiu num barranco profundo. O resultado da queda foram não só nódoas negras e arranhões, mas também uma perna partida; no fim, Hristo ficou coxo para sempre.

Após este caso, Vanga passou a ser respeitada por crianças e adultos, e até por vezes recorriam a ela em busca de conselho. A alguns ajudava a encontrar objetos perdidos, a outros indicava onde poderia estar enterrado um tesouro…

Na série «Vangelia», o papel da jovem Vanga foi interpretado pela minskense Dasha Otroshko

CAPÍTULO 3

COMO ELLIE DO CIDADE ESMERALDA ACABOU…

NUMA CASA DE CEGOS

Ainda na mais tenra infância, Vanga gostava de representar o médico nas brincadeiras com os contemporâneos. Colhia ervas diferentes e curava com elas os seus pacientes. No livro de Nadezhda Dimova «Vanga. O Mistério do Dom da Cassandra Búlgara», logo na primeira página há um relato assim:

«Na periferia de uma aldeia búlgara, entre ervas perfumadas e árvores, brinca «ao médico» um grupo de crianças.

— Ai, a minha perna dói tanto, quem me curaria… — finge coxear e gemer Bogdan.

A primeira a responder é a menina de nove anos Vangelia, de cabelos claros, olhos azuis, grande fantasiosa e inventora:

— O que aconteceu à tua perna?

— Estava a ceifar feno com o pai e cortei-me com a foice — ao mesmo tempo, o rapaz mostra uma ferida inexistente no tornozelo.

— Sim, é coisa séria, mas não te preocupes, arranca trevo, que a mãe limpe as raízes e ferva em água. Lava a ferida com o decocção, e tudo cicatriza.

— E eu! E eu, olha! Dói-me aqui, pisei sem querer um prego. Também preciso de raiz de trevo, não é, Vanga? — grita Milka, a melhor amiga da pequena «curandeira».

— Não, o que serve para Bogdan não te serve a ti. Todos somos diferentes, a um ajuda uma coisa, a outro — outra, a um terceiro — algo diferente.

Rua em Strumica. Início do século XX

— Onde aprendeste tudo isso, leste nalgum lado? — admira-se Boyan, o rapazinho moreno de olhos vivos.

— Sabes que ainda não sei ler, a tia Asanitsa só me mostrou as letras. Vejo em sonho as plantas: ervinhas úteis, raízes, flores e raminhos. Elas têm olhos, ouvidos, boca — tudo como nós. Falam comigo, e cada uma conta de que doenças cura as pessoas…

De repente, a menina interrompe o relato:

— O que fizeste, Milka! Para que arrancaste essa flor? Ela está viva, dói-lhe, ouço-a chorar!... Bom, chega, tenho de ir para casa, alimentar o gado, lavar roupa e arrumar a casa.»

O pai de Vanga era trabalhador, gostava de trabalhar a terra e o labor camponês não lhe pesava. Em breve, o seu terreno começou a aumentar, e já trabalhavam na sua terra jornaleiros diligentes. Vizinhos invejosos até chamavam ao chefe da família «rico», porque na família de Vanga finalmente havia abundância e dinheiro. Como se diz: a felicidade não é eterna, e um dia, quando os sérvios chegaram ao poder, lembrando-se dos impulsos rebeldes juvenis do pai de Vanga, confiscaram todos os bens, o terreno e até o mantiveram algum tempo na prisão. Após estes eventos, Pande regressou destroçado física (nas masmorras fora espancado) e moralmente. Durante muito tempo, a sua família não conseguiu lidar com a miséria e as adversidades.

Pande Surchev caiu na pobreza por longos anos, agora o chefe da família era obrigado a trabalhar como jornaleiro nas aldeias vizinhas para alimentar a família aumentada (Vanga teve um irmão). O pai estava nos trabalhos, e Vanga ajudava a madrasta nas tarefas domésticas.

Em 1923, a família mudou-se para Novo Selo, para junto do tio abastado de Vanga. Quando este soube em que situação precária ficara a família do irmão, chamou-os para junto de si. Vanga tinha então 12 anos, e a menina era obrigada todos os dias a ajudar nas tarefas domésticas.

Aqui a vida seguiu o seu curso: o pai trabalhava para o patrão, apascentava ovelhas e cabras, a filha ajudava-lhe a ele e à madrasta, cuidava do irmãozinho Vasil. Entre as suas obrigações estava também ir todas as manhãs ao pasto buscar leite. Nos seus percursos matinais, a menina era acompanhada por um burrico simpático — precisamente um burrico, que no regresso devia trazer às costas dois bidões de leite. Às vezes, Vanga era acompanhada pelas filhas do tio Kosta, que se tornaram suas amigas.

Vanga desde a infância curava todos os conhecidos com ervas. E ainda hoje muitos dos seus receitas ajudam a aliviar dores de cabeça, curar anemia, reumatismo, hipertensão…

Num dos dias aconteceu um evento marcante que mudou a vida da adolescente búlgara. Um dia, Vangelia regressava do campo para casa com duas primas. Pelo caminho, as meninas decidiram ir à fonte próxima Hannska Cheshma para descansar um pouco. De repente, soprou um furacão de força terrível, que arrancava árvores jovens pelas raízes, quebrava as velhas, levantava nuvens de areia e poeira. Muitos de nós na infância lemos o conto de A. Volkov «O Feiticeiro da Cidade Esmeralda», em que se descreve como uma pequena menina, Ellie, foi levantada por um tornado, e que aventuras incríveis a esperavam a ela e aos amigos depois. Para mim pessoalmente, o momento trágico da vida de Vangelia sempre esteve indissociavelmente ligado ao destino da Ellie do livro.

«Na vasta estepe do Kansas vivia uma menina chamada Ellie. O seu pai, o agricultor John, trabalhava o dia inteiro no campo, a mãe Anna ocupava-se das tarefas domésticas.

Viviam num pequeno carroção sem rodas, colocado no chão. A mobília da casinha era pobre: um fogão de ferro, um armário, uma mesa, três cadeiras e duas camas. Junto à casa, mesmo à porta, fora cavado um «porão para furacões». No porão a família se abrigava durante as tempestades.

Os furacões da estepe já várias vezes derrubaram a leve habitação do agricultor John. Mas John não desanimava: quando o vento acalmava, levantava a casinha, o fogão e as camas eram colocados nos lugares, Ellie recolhia do chão os pratos e canecas de lata — e tudo voltava ao normal até ao próximo furacão.

Até ao horizonte estendia-se uma estepe plana como uma toalha. Aqui e ali viam-se casinhas pobres como a de John. À volta delas havia campos lavrados, onde os agricultores semeavam trigo e milho. Ellie conhecia bem todos os vizinhos num raio de três milhas. A oeste vivia o tio Robert com os filhos Bob e Dick. <…>

Nas filmagens da série «Vangelia». Nos percursos matinais, a menina era acompanhada por um burrico simpático, pois era o burrico que, no regresso, devia trazer às costas dois bidões de leite

O furacão invocado pela magia de Gingema chegou ao Kansas e aproximava-se a cada minuto da casinha de John. Ao longe, no horizonte, acumulavam-se nuvens, relampejavam relâmpagos.

Totoshka corria inquieto, com a cabeça erguida, e ladrava desafiadoramente às nuvens que corriam rapidamente pelo céu.

— Ai, Totoshka, que engraçado és! — disse Ellie. — Assustas as nuvens, e tens tanto medo!

O cãozinho realmente tinha muito medo de trovoadas. Já vira muitas na sua curta vida. Anna inquietou-se.

— Falei demais contigo, filha, olha, aproxima-se um verdadeiro furacão…

Já se ouvia claramente o rugido ameaçador do vento.

O trigo no campo curvou-se à terra, e por ele, como por um rio, rolaram ondas.

Chegou do campo o agricultor John agitado.

— Tempestade, vem uma tempestade terrível! — gritou ele. — Escondam-se depressa no porão, que eu vou fechar o gado no celeiro!

Anna correu para o porão, abriu a tampa.

— Ellie, Ellie! Vem cá depressa! — gritava ela.

Mas Totoshka, assustado com o rugido da tormenta e os trovões incessantes, fugiu para dentro da casinha e escondeu-se debaixo da cama, no canto mais afastado.

Ellie não queria deixar o seu favorito sozinho e correu atrás dele para o carroção.

E nesse momento aconteceu uma coisa extraordinária.

A casinha rodopiou duas ou três vezes, como um carrossel. Ficou no meio do furacão. O redemoinho girou-a, levantou-a no ar e levou-a pelos ares.

O momento trágico da vida de Vangelia está indissociavelmente ligado ao destino da Ellie do livro, o conto adorado por todos de A. Volkov «O Feiticeiro da Cidade Esmeralda»

Na porta do carroção apareceu Ellie assustada com Totoshka nos braços. O que fazer? Saltar para o chão?

Mas já era tarde: a casinha voava alto sobre a terra…

O vento despenteava os cabelos de Anna. Ela estava junto ao porão, estendia os braços para cima e gritava desesperada.

Chegou do celeiro o agricultor John e correu para o lugar onde estava o carroção. Os pais órfãos olharam longamente para o céu escuro, iluminado a cada instante pelos relâmpagos, a tormenta ainda rugia, e a casinha, balançando, voava pelos ares. Totoshka, abalado com o que acontecia à volta, corria pela sala escura com latidos assustados. Ellie, aturdida, sentada no chão, agarrava-se à cabeça com as mãos. Sentia-se muito só. O vento zumbia de tal modo que a ensurdecia. Parecia-lhe que a casinha ia cair e estilhaçar-se. Mas o tempo passava, e a casinha ainda voava. Ellie trepou para a cama e deitou-se, apertando Totoshka contra si. Ao som do vento, que balançava suavemente a casinha, Ellie adormeceu profundamente…»

Ao contrário da menina do livro, Vanga e as duas primas não poderiam compreender o que era adormecer nos braços de um furacão.

O tornado levantou as duas primas de Vanga no ar e depois atirou-as ao chão perto da fonte. Vanga foi apanhada por uma nova rajada de vento e levada quase dois quilómetros. A menina assustada voava pelo ar como uma boneca de trapos. Quando a tormenta cessou, demoraram muito a encontrá-la.

E quando a encontraram, descobriram que Vanga jazia no campo sob uma camada de pedras, areia e ramos de árvores quebradas. Quando a menina foi trazida para casa, chorou longamente, porque não conseguia abrir os olhos: estavam cheios de areia. Os familiares tentavam aliviar o sofrimento da criança, lavavam os olhos com decocções de ervas, recorriam a curandeiras, mas nada ajudava. Em breve, os olhos de Vangelia encheram-se de sangue, e depois a córnea embranqueceu. Então decidiram recorrer a um médico.

Levaram a menina ao hospital, onde os doutores disseram que a situação era grave e era necessária uma operação. O pai gastou muito dinheiro para que fossem feitas duas operações, mas todos os esforços foram em vão, e no fim os olhos de Vanga cobriram-se de uma película. Ao pai inconsolável aconselharam levar a menina a Belgrado para uma terceira operação, mas para isso precisava de ainda mais dinheiro. Com dificuldade, o pai juntou metade da soma necessária e enviou Vanga para a cidade com um vizinho rico. Ele próprio não foi, para não gastar dinheiro na viagem.

Dizem que o médico a quem levaram a menina disse: se me trouxeram metade da soma, farei metade da operação, e quando juntarem o necessário, farei a operação novamente.

O que aconteceu à pequena Vanga nas horas terríveis entre o céu e a terra foi apenas o início das suas provações…

Ao regressar a casa, Vanga embora debilmente, mas ainda conseguia ver. Ao despedir-se, o médico disse que a menina precisava de alimentação reforçada, repouso e cuidados. No entanto, na família nesse tempo nascera outra criança, por isso Vangelia teve de cuidar com renovado vigor dos irmãozinhos pequenos e ocupar-se das tarefas domésticas.

As consequências manifestaram-se muito rapidamente: nos olhos apareceu novamente a película, mas de operação não podia haver fala, pois o dinheiro para a realizar nunca foi juntado. E em breve Vanga cegou, agora já para sempre.

A menina, que tanto amava a vida e todas as suas manifestações brilhantes, estava em completo desespero, chorava e orava dias e noites inteiros. A criança desesperava com a ideia de se ter tornado um fardo para os entes queridos. Os vizinhos aconselharam o pai a colocar Vanga numa Casa de Cegos, que ficava em Zemun; convenciam-no de que lá, pelo menos, ela não passaria fome e haveria quem cuidasse dela. Assim, em 1925, Vanga foi arrancada da família.

Quando a jovem invisuada chegou a Zemun, tinha quase 15 anos. Na Casa de Cegos muitas coisas eram novas para ela: cheiros, roupa, estudos… Provavelmente Vanga era à sua maneira feliz: usava roupa nova e limpa, cortavam-lhe e arranjavam-lhe o cabelo, e os estudos traziam novos conhecimentos interessantes e possibilidades.

As regras no internato eram bastante rigorosas: na primeira metade do dia os educandos estudavam o alfabeto Braille, música e outras disciplinas. Como em muitos invisuados, Vanga desenvolveu extraordinariamente o ouvido musical, e rapidamente aprendeu a tocar piano. Desejava que as aulas de música durassem dias inteiros. Além disso, para as meninas na Casa de Cegos havia aulas de economia doméstica: ensinavam a cozinhar, tricotar, arrumar os espaços. As crianças cegas aprendiam a «ver» com as mãos o espaço à sua volta. Afirmam que a Vanga tudo lhe era fácil, e os professores estavam muito satisfeitos com ela.

Em 1925, Vanga chegou a Zemun à Casa de Cegos. Na foto — uma ruazinha do velho Zemun

Sentia saudades de casa e dos familiares? Muito provavelmente. Mas em breve o destino virou-se de tal modo que Vanga teve de regressar ao círculo habitual. Três anos depois, novamente viúvo, o pai retira a filha da Casa de Cegos para que ela cuidasse em casa dos irmãos menores e da irmãzinha pequena. E esta viragem não era desejada para a jovem, pois até então lhe fora dado conhecer o que era o verdadeiro amor, que dava uma esperança ilusória de felicidade plena.

Na mesma Casa de Cegos vivia um jovem chamado Dimitr. Ele adorava ouvir a voz melodiosa de Vanga, e também ela ficava suspensa de uma emoção desconhecida na sua presença. Dizem que a menina tinha uma voz muito bonita, e que juntos com Dimitr formavam um bom dueto, que todo o pessoal da Casa de Cegos se reunia para ouvir. Ela tinha então 18 anos. Em breve, Dimitr confessou o seu amor a Vanga e propôs-lhe casamento. Os pais dele eram pessoas bastante abastadas, e teriam dinheiro suficiente para garantir aos enamorados uma vida normal, quase sem preocupações. Além disso, realmente não eram contra este casamento.

A menina alada envia ao pai uma carta a pedir a bênção. Parecia-lhe que cada dia de espera pela resposta apenas aproximava o seu sonho de felicidade. Mas ai, a resposta vinda de casa partiu-lhe o coração.

Em vez da bênção para o casamento com Dimitr, o pai ordena à filha que regresse o mais depressa possível a casa, porque no quarto parto morrera a madrasta, e Vanga devia cuidar das crianças e da casa. Doravante, o seu lugar era com os familiares, tinha de educar o Vasil de seis anos, o Tome e a irmãzinha pequenina Lyubka.

Na escola de cegos ensinaram Vanga a cozinhar, tricotar e ler pelo alfabeto Braille

CAPÍTULO 4

SAGA DA OVELHA DESAPARECIDA E DO TESOURO DESEJADO

Em casa reinava uma miséria terrível, as crianças estavam magras de desnutrição e adoeciam frequentemente. À jovem invisuada cabia tornar-se a dona da casa plena, substituindo a mãe aos pequeninos. O pai em breve partiu para os trabalhos, deixando a família.

A todas as desgraças acrescentou-se outra: durante um terramoto a casa deles desabou, e as crianças ficaram na rua, sem abrigo. Então o pai, sem pensar muito, construiu ali perto uma pequena cabana de canas, rebocada com barro. Numa tal «mazanka» começaram a viver, crescendo e ganhando experiência.

Assim que os irmãos cresceram um pouco, começaram a ir pelas aldeias vizinhas e contratar-se como trabalhadores ou pastores. Não desdenhavam qualquer trabalho duro.

Durante a ausência deles, Vanga vivia a sós com a irmã. Como antes, esforçava-se por manter limpeza e conforto. Os vizinhos sabiam da sua miséria, e, se alguma mulher morria ali perto, davam a Vanga a sua roupa. Como recordamos, na Casa de Cegos ensinaram Vanga a tecer e coser, além disso muito ela recuperava pela memória, quando aprendera estas habilidades

simples ainda vendo — e estes mesmos conhecimentos transmitiu à irmã. Nem sempre a menina conseguia ir brincar na rua com as amigas, porque Vanga, impondo regras rigorosas, obrigava-a a trabalhar. Tudo na casa de Vanga acontecia segundo o esquema por ela estabelecido, onde a disciplina e a responsabilidade estavam em primeiro lugar.

Cena da série «Vangelia»

Em breve, nas aldeias e cidade vizinhas souberam que Vanga cosia e tricotava bem. A trabalhadora Vanga não podia ficar de braços cruzados, bordava até de memória guardanapos, tricotava para os vizinhos cachecóis, meias, luvas. Apareceram os primeiros pedidos, pelos quais as pessoas pagavam não dinheiro, mas produtos e coisas, das quais Vanga refazia roupa para os mais novos. Para si quase nada cosia nem tricotava, pois saía muito raramente de casa. No entanto, Vanga era comunicativa e faladora, por isso as vizinhas vinham frequentemente conversar com ela, as raparigas apareciam para trocar segredos. E ainda era conhecida como curandeira de males da alma e do corpo.

— Quantas pessoas, tantas doenças, e cada um precisa de se tratar de forma diferente. Não há dois organismos iguais.

Assim afirmava aquela que, sem formação médica, se chamava simplesmente: curandeira. E na maioria das vezes os seus conselhos ajudavam os sofredores a curarem-se das suas doenças. Mas de onde sabia ela das ervas e métodos de tratamento?

Irmá Lyubka

Contam que uma vez Vanga e a irmã foram ao poço buscar água, e enquanto Lyubka enchia os cântaros, Vanga sentou-se a descansar numa pedra. Quando os cântaros estavam cheios e Lyubka se virou para Vangelia, esta já estava tão absorta em si mesma que era impossível despertá-la. À

rapariga só restava observar como a sentada na pedra sussurrava qualquer coisa, como se conversasse com um ser invisível.

Quando a sessão de ligação com o desconhecido terminou e Vanga acordou, disse à assustada e chorosa Lyubka:

— De que te assustaste? Estive a conversar com um cavaleiro invisível. Ele parou junto ao poço para dar de beber ao cavalo, e tu estavas a tirar água, mas ele esperou pacientemente que os cântaros se enchessem. Sabia que tu não o vias. E nós, entretanto, conversámos. O cavaleiro explicava-me que no mundo existem muitas ervas de que até os médicos não sabem e consideram inúteis ou prejudiciais. No entanto, não há planta que não traga benefício às pessoas. Só com as venenosas é preciso ter cuidado e aplicá-las estritamente segundo as regras, então haverá proveito do tratamento.

A irmã Lyubka

A irmã Lyubka guarda uma espécie de enciclopédia, onde estão registados casos de recuperação de doentes, bem como muitos conselhos da própria Vanga. Já após a morte da vidente-«curandeira», em diferentes países saíram livros de ervas com receitas da avó Vanga.

Naqueles lugares onde viviam, existia o costume de adivinhação a 6 de maio, na véspera do dia de São Jorge. Num grande cântaro de barro as raparigas deitavam varinhas com marcas, para no dia seguinte tirá-las e saber do seu destino. Geralmente escolhiam para isso um «oráculo», no quintal de quem era preciso colocar o cântaro durante a noite. Quer por compaixão pela cegueira de Vanga, quer acreditando em algumas das suas capacidades, mas era precisamente Vangelia que escolhiam como «oráculo». O cântaro era colocado debaixo de um arbusto de rosas que cresciam no quintal. O que Vanga predizia às raparigas na manhã seguinte sempre se cumpria com exatidão, o que não podia deixar de causar admiração.

Contam também de outras capacidades que espantavam as companheiras da jovem adivinha. Segundo a crença, no dia dos quarenta grandes mártires as raparigas colocavam ramos atravessados no ribeiro, construindo assim uma «ponte». Depois todas iam dormir, pedindo que em sonho lhes aparecesse o noivo, que as levasse pela ponte improvisada da vida. Com adivinhações semelhantes nos dias santos ainda hoje se ocupam muitas raparigas eslavas. Na manhã seguinte, as moças iam ter com Vanga, e ela… contava a cada uma o seu sonho até aos mais ínfimos pormenores, era simplesmente incrível. As capacidades surpreendentes de Vanga era impossível compreendê-las ou explicá-las, mas os rumores sobre ela espalhavam-se cada vez mais longe. Assim, gradualmente, a fama chegava à cegueira clarividente.

Vanga sempre foi um apoio fiável para os irmãos mais novos e até para o pai, que caía no desespero devido à miséria. Como a maioria dos plebeus, Pande sonhava um dia encontrar um tesouro e enriquecer. E eis que um dia a filha lhe disse que numa aldeia abandonada, debaixo de um rochedo, estava enterrado um tesouro. O pai a princípio não acreditou, mas depois lembrou-se de que realmente ali perto havia uma aldeia da qual todos os habitantes tinham fugido durante uma epidemia de peste. Começou a perguntar de onde a filha invisuada, que quase não saía de casa, poderia saber tais coisas. Esta respondeu, como de costume, que vira em sonho.

Provavelmente teve de implorar durante muito tempo aos seus ajudantes secretos que lhe indicassem o lugar com que o pai, lutando contra a pobreza, tanto sonhava. Acreditando nas capacidades da filha, Pande decidiu escavar o tesouro. E assim toda a família partiu a caminho, com Vanga a caminhar de forma tão confiante como se soubesse exatamente em que direção e para onde era preciso ir. Mas, como acontece com tesouros encantados, o tesouro não se deixou apanhar. A magia castigou os que decidiram apropriar-se dele: mal Pande começou a cavar, caiu e partiu um braço. E em breve uma nova preocupação ocupou os seus pensamentos.

«Adivinhação de Natal» Konstantin Makovsky

Um dia, desapareceu uma ovelha do rebanho que ele apascentava. Pande caiu no desespero, pois não tinha com que pagar ao dono pelo animal perdido. Vendo os tormentos do pai, Vanga consolou-o, dizendo-lhe que não se afligisse, mas que fosse a tal aldeia procurar tal pessoa. A ovelha estava no rebanho dele.

— Não te aflijas, pai, vai antes à aldeia de Monospitovo, procura lá o Atanas. E para não teres de procurar muito, lembra-te: à esquerda do velho carvalho fica uma casinha rebocada, no cercado pendem quatro cântaros de leite. Há um cão no quintal, mas não o temas, não te morderá. Por isso, entra corajosamente e recupera o que perdeste…

O pai admirou-se: Vanga, que não saía para além do quintal, de repente indicava a aldeia e o nome de uma pessoa desconhecida que lá vivia. E ele próprio não conhecia nenhum Atanas. Às perguntas do pai, a filha respondeu como sempre: tudo um sonho…

Com a experiência negativa do tesouro, o pai mesmo assim seguiu o endereço indicado e em breve encontrou a ovelha.

A história da ovelha desaparecida do rebanho foi para Pande mais uma prova das capacidades surpreendentes da filha.

E pouco tempo depois, a desgraça aproximou-se da própria Vanga. Em 1939, aos 28 anos, Vanga sofreu uma pleurisia gravíssima, e durante quase oito meses a sua vida esteve por um fio. Nessa altura, às portas do inverno,

Vangelia, tendo ficado descalça ao frio numa fila para receber subsídio para pobres, apanhou uma forte constipação e adoeceu com pleurisia. Não havia dinheiro nem para medicamentos nem para alimentação decente, por isso durante longos oito meses a doente teve de lutar pela vida. Num certo momento, o médico anunciou ao pai, à irmã e aos irmãos que já não havia esperança de recuperação. Que a rapariga tinha pouco tempo de vida, sabia praticamente toda a pequena cidade. Num momento, quando na fábrica de tabaco pagaram o salário, um dos trabalhadores mostrou misericórdia, propondo juntar dinheiro para o funeral de Vanga. Também os vizinhos, que gostavam da boa e infeliz rapariga, começaram a juntar dinheiro para o funeral.

Como a doente estava inconsciente e quase não respirava, decidiram chamar o padre para o canto fúnebre. Mas mal o padre começou a entoar os salmos lúgubres, a moribunda de repente «ressuscitou»… levantou-se e, como se nada fosse, pegou na vassoura e foi varrer o quintal.

A notícia do milagre espalhou-se imediatamente pela localidade, e isso apenas reforçava em todos a ideia de que a sua Vangelia não era como os outros. Vanga recuperou-se rapidamente, para profetizar com renovada força nos anos vindouros, que trariam provações a todos os países europeus e a milhões dos seus habitantes…

«Despedida do defunto» Vasily Perov

CAPÍTULO 5

O CAVALEIRO DOURADO:

«NÃO ESTÁ LONGE A HORA EM QUE O MUNDO SE INVERTERÁ…»

Em janeiro de 1941, manifestam-se pela primeira vez de forma brilhante as capacidades sobrenaturais e o dom de clarividência de Vanga. Um dia, apareceu-lhe em visão um cavaleiro resplandecente em armadura dourada, um belo esguio num halo de brilho divino. Ele, vindo da Eternidade a galope, parou o cavalo à porta da casa dela e desmontou para entrar. Ao encontrar-se no modesto lar mesmo diante de Vanga, disse:

— Não está longe a hora em que o mundo se inverterá e muitos morrerão. Tu predizerás a vida e a morte. Não temas, estarei sempre ao teu lado, e tu transmitirás às pessoas as minhas palavras…

O trotar do cavalo e a luz divina, tomada por um relâmpago, foram ouvidos e vistos também pela irmã mais nova Lyubka, que estava em casa.

Após dizer o mais importante para a rapariga cega que estava em casa, o cavaleiro resplandecente montou no cavalo e partiu a galope, mas nem Vanga nem Lyubka conseguiram acalmar-se durante muito tempo, tremiam de

nervosismo, e ambas compreendiam que tinham sido testemunhas de algo importante e misterioso, incompreensível para a mente de simples mortais. Não conseguiram dormir naquela noite.

Entretanto, os anciãos contavam a lenda de que naqueles lugares outrora fora enterrada uma estátua dourada de um cavaleiro em tamanho natural. Alguns consideravam que era a estátua de São Constantino, outros acreditavam que o tesouro inestimável escondido na terra era a estátua de uma divindade trácia. Vanga acreditou que era precisamente este cavaleiro mágico que lhe aparecera para a encaminhar para grandes feitos.

Um dia, apareceu-lhe em visão um cavaleiro resplandecente em armadura dourada, um belo esguio num halo de brilho divino.

O encontro com o cavaleiro dourado aconteceu dois anos após uma conversa não menos estranha e marcante com um homem que se apresentou como João Batista.

Em 1939, num dia claro e solarengo, Vanga, que estava no jardim, ouviu de repente um trovão retumbante. Nada fazia prever mau tempo, e a rapariga inquietou-se. E ainda por cima, com a visão interior viu um relâmpago e depois ouviu uma voz ao lado:

— Olá, Vangelia, não me temas.

Ela «viu» ao seu lado um desconhecido em vestes brancas como neve e perguntou:

— Quem és tu, bom homem, de onde sabes o meu nome?

— Não sou de todo um homem, sou João Batista. E vim lembrar-te da tua missão… Vieste a este mundo para ajudar as pessoas a suportar as suas adversidades, curar e predizer eventos. Por isso sabe: amanhã começa a guerra, muitos dos teus conterrâneos partirão para a frente, os seus familiares ficarão na tristeza da incerteza. Tu aliviarás os seus sofrimentos, dirás quem está vivo, quem não…

Sentes que isso está ao teu alcance?

A rapariga apenas acenou com a cabeça. E o desconhecido acrescentou consoladoramente:

— Tudo o que disseres se cumprirá. Não temas, não te abandonarei…

No dia seguinte, realmente começou a guerra.

Desde então, a vidente era visitada por diferentes entidades, e após a chegada do cavaleiro dourado num cavalo branco, foi precisamente ele o hóspede mais frequente das suas visões.

Isso aconteceu pouco antes daquele outono frio de 1939, quando Vangelia apanhou uma forte constipação e esteve vários meses à beira da morte. E pouco tempo depois vieram outras provações: em novembro de 1940, morreu de gangrena o seu pai Pande, deixando os filhos órfãos completos.

Fragmento do ícone «João Batista» do deisis *(súplica)* do Mosteiro Nikolo-Pesnoshsky perto de Dmitrov, primeira terça do século XV. Museu Andrei Rublev

A guerra, cujos eventos a clarividente búlgara devia anunciar, aproximava-se cada vez mais da sua pátria.

Krasimira Stoyanova

A 6 de abril de 1941, as tropas alemãs atravessaram a fronteira jugoslava. Muitos vizinhos, em pânico, escondiam-se em caves e outros lugares abrigados. Vanga, lembrando-se da misteriosa ordem do cavaleiro dourado «Fica aqui», decidiu não ir a lado nenhum nem esconder-se. E quando, alguns dias depois, os vizinhos regressados espreitaram a casa, ficaram espantados com o que viram.

Eis o testemunho de Krasimira Stoyanova, sobrinha de Vangelia, filha da sua irmã:

«Na pequena divisão, Vanga estava de pé num canto debaixo de uma candeia acesa e falava com voz sonora, forte. Estava muito magra, parecia excitada. O seu vestido desbotado, costurado várias vezes, tornado largo, não conseguia esconder a enorme tensão do corpo. Dos olhos cegos emanava vazio, mas o rosto mudara tanto, tornara-se tão espiritualizado e elevado, como se irradiasse luz. E ela falava, falava… Da sua boca saía outra voz, que com espantosa precisão indicava localidades e eventos, nomes de homens mobilizados, que ou regressariam vivos ou lhes aconteceria uma desgraça… Isso durou muitos dias, e ela quase não dormiu durante todo um ano.

A aparência de Vanga impressionava tanto que as pessoas sentiam vontade de se ajoelhar diante dela. Os homens de quem ela dizia que regressariam, realmente regressavam no prazo por ela indicado».

Que as visões e profecias eram características de Vanga sempre (a partir de 1941 mudou apenas a força, o nível das profecias), contou-nos a mesma Krasimira, que escreveu um livro de memórias sobre a sua grande tia, preservando cuidadosamente muitas palavras e predições.

«Nós, os filhos da sua irmã, crescemos ao lado de Vanga, e na infância o seu comportamento estranho parecia-nos completamente natural, como todas as suas ocupações. Apenas por vezes não compreendíamos por que à nossa tia de repente ficava mal, todo o sangue esvaía-se do rosto, e ela inesperadamente começava a profetizar com uma voz que nos impressionava pela sua potência, completamente diferente de timbre e pelo facto de com ela pronunciar palavras e expressões absolutamente não próprias de Vanga. Então os adultos que estavam perto dela, prendendo a respiração, escutavam-na, e depois diziam que ela predizia eventos fatídicos que deveriam acontecer na vida das pessoas muitos anos depois.

A 6 de abril de 1941, as tropas alemãs atravessaram a fronteira jugoslava

Eu tinha dezasseis anos quando um dia Vanga falou comigo. Só que não era de todo a voz dela, não era ela, mas algum «outro» que falava pela sua boca. As palavras que ouvi não tinham nada a ver com a conversa que tínhamos ainda há pouco, como se alguém estranho se tivesse «inserido» entre nós. Ouvi: «Aqui, vemos-te…», e depois contaram-me tudo o que eu fizera naquele dia, nos mais ínfimos pormenores. Fiquei simplesmente petrificada de medo. Em casa estávamos só eu e Vanga. Mas de repente Vanga suspirou e disse: «Ai, as forças deixaram-me», — e voltou a falar comigo sobre coisas banais anteriores. Perguntei-lhe por que de repente começara a descrever-me tão pormenorizadamente o que eu fizera o dia todo, e ela respondeu que não dissera nada disso.

Tive de lhe contar o que acontecera, e ela repetiu: «Oh, são as «forças», as pequenas «forças» que me rodeiam sempre. Mas há também as grandes, são os chefes delas. Quando decidem falar pela minha boca, sinto-me mal e depois ando como perdida o dia todo. Aliás, queres vê-las? Elas querem mostrar-se a ti». Estava tão abalada que literalmente gritei que não queria. Depois, porém, acalmei-me, e a curiosidade levou a melhor, e perguntei o que exatamente veria.

— Verás pontos luminosos no ar, semelhantes a vaga-lumes — disse Vanga».

A mulher fantasmagórica de Raynham Hall — provavelmente a fotografia de um fantasma mais famosa publicada na rede. O fotógrafo viu uma mulher a

descer as escadas e começou a gritar ao seu assistente. Mas o assistente não viu nada…

A própria profetisa dizia (em 1979) sobre os seus ajudantes incorpóreos:

— Os espíritos são transparentes e incolores, como água num copo. Mas brilham, irradiam luz. Comportam-se como pessoas — sentam-se, andam, riem, choram… Não me deixam em paz. Adormeço, e eles acordam-me e gritam: «Levanta-te! Está na hora de trabalhar!» Ultimamente todos me repetem: «Não temas! O mundo não perecerá!»

«Os espíritos são transparentes e incolores, como água num copo. Mas brilham, irradiam luz. Comportam-se como pessoas — sentam-se, andam, riem, choram…»

CAPÍTULO 6

COMO É ISSO — PREVER A MORTE DO IRMÃO MAIS NOVO…

Foi precisamente nos anos da Segunda Guerra Mundial que se manifestou em pleno a surpreendente força profética da clarividente. De todos os cantos do país vinham pessoas a Vanga, preocupadas com o destino dos seus entes queridos, com o terrível desconhecido que surge apenas em condições de guerra. A uns dizia palavras consoladoras: «Não te preocupes, o teu filho (marido, irmão) regressará vivo»; para outros, infelizmente, não havia notícias esperançosas, e ela pronunciava: «Coragem! Deus quer levar o teu marido (irmão, filho) para junto de Si». Mas mesmo para estes infelizes ela representava ajuda, prometendo após a guerra indicar onde encontrar a sepultura do ente querido.

Não era em vão que Vangelia se chamava «porta para outro mundo». Quando lhe perguntavam de onde sabia com tal precisão espantosa quem regressaria vivo da guerra e quem não, respondia que a resposta necessária lhe era sugerida por uma voz. No processo da resposta, na sua cabeça como que se abria uma janela para outro mundo informativo, no qual, como num filme, passavam imagens do passado, presente e futuro da pessoa que vinha ter com ela com uma pergunta.

Entre os casos ligados a profecias e que depois se tornaram amplamente conhecidos, contam-se os seguintes.

No início da guerra, desapareceu sem deixar rasto um conterrâneo de Vanga chamado Hristo Prchanov. A mãe e a noiva do jovem vieram à clarividente saber do seu destino.

— Esperem, está vivo, só que não regressará tão cedo.

Ao despedir-se, a clarividente aconselhou a mãe a ter cuidado, senão esperava-a uma desgraça. Nenhuma concretização, além do principal: o rapaz está vivo.

Mas o tempo passava, e o jovem não regressava. E eis que a noiva casou com outro.

Passado um ano, ela foi com o marido ao mercado, quando de repente vê… Hristo a vir na sua direção. A jovem mulher desmaiou de surpresa. Já a mãe, ao ver o filho, não aguentou as emoções que a transbordavam, a mulher morreu de rutura cardíaca.

Ou contam outro caso. Um dia, a vizinha Milana veio ter com Vanga, cujo marido Milan Partenov já há quatro meses não enviava notícias da frente. A mulher chorou:

— Pressinto que o meu Milan já não está vivo. Como ficarei sozinha com quatro crianças pequenas?

Ao que a dona da casa respondeu:

— Acalma-te, não chores. Vai ao rio, toma banho, lava a cabeça, veste um vestido limpo. Depois de te arranjares, prepara o jantar e tira do armário roupa limpa para o Milan. Ele esconde-se num barranco, e ao fim da tarde virá a casa só de roupa interior.

A mulher admirou-se e, embora pouco acreditasse no dito, executou tudo exatamente como lhe fora ordenado. Assim, sem esperar pelo marido, deitou as crianças e em breve adormeceu. De repente, a meio da noite, ouviu-se uma pancada leve na janela. Ao abrir a porta, a mulher viu ao umbral o magro Milan, de roupa interior rasgada. O homem faminto, agarrando depressa comida, disse que fugira do cativeiro.

Ou, por exemplo, naqueles anos houve um caso de que se lembrava a sobrinha de Vangelia, Krasimira:

«Em 1942, uma professora da cidade de Sveti Vrach (hoje Sandanski) começou a visitar frequentemente Vanga. Maria Gaygurova e as irmãs em breve se tornaram amigas. Maria tinha seis filhos: quatro raparigas e dois gémeos rapazes, que nessa altura serviam no exército em Bitola. Vanga dizia-lhe frequentemente: «Tia Maria, a minha irmã Lyuba será tua nora e casará com um dos teus gémeos». Passado algum tempo, Lyubka conheceu Stoyan (um dos gémeos), gostaram um do outro e casaram. (Aqui só acrescento que se trata da minha mãe e do meu pai, bem como dos pais dele — os meus avós.)».

Coluna de prisioneiros jugoslavos em marcha por uma estrada montanhosa

A fama de Vanga como clarividente espalhou-se rapidamente pela cidade e arredores, e em breve no quintal das irmãs juntavam-se multidões de pessoas.

Há muitos relatos semelhantes de predições da búlgara, mas o que mais impressiona é aquele em que Vanga tentou salvar a vida do irmão.

Quando Vasil, não querendo ser observador passivo enquanto os seus compatriotas lutavam nas frentes, decidiu partir para a guerra, a irmã avisou-o:

— Peço-te, irmãozinho, não vás, pois vejo que morrerás aos 23 anos!

Mas as lágrimas da irmã, que sabia que nunca mais o veria vivo, não detiveram o jovem. Alguns meses depois, caiu no cativeiro.

Sendo comandante de um grupo de sapadores, fez explodir uma ponte por onde deviam passar os alemães. Após a explosão, Vasil escondeu-se em casa de um dos locais. Os invasores enfurecidos tomaram como reféns todos os habitantes da aldeia, incluindo o corajoso sabotador. Os reféns foram fechados na igreja, ameaçando: «Se o sabotador não se entregar, fuzilamos todos. Esperamos exatamente uma hora».

Compreendendo que de qualquer modo morreria, Vasil disse que fora ele sozinho quem explodira a ponte, e que os outros não tinham nada a ver e deviam ser libertados. Os nazis torturaram cruelmente o jovem e depois fuzilaram-no à vista dos habitantes da aldeia.

O comandante do batalhão de atiradores, major V. Romanenko (no centro), conta a partisans jugoslavos e habitantes da aldeia de Starchevo (na região de Belgrado) sobre os feitos de combate do jovem explorador — cabo Vitya Zhayvoronok

Eis como Krasimira conta este triste evento:

«Em maio de 1944, o irmão mais novo de Vanga, Tome, regressou da Alemanha e instalou-se em Strumica. A 10 de junho, o mais velho, Vasil, chegou inesperadamente a Petrich vindo da aldeia de Lahana (Grécia), onde cumpria serviço militar. Disse a Vanga que iria até Strumica, e lá juntar-se-ia aos partisans.

Nessa altura, no fim da guerra, na região de Strumica formara-se uma brigada partidária, e muitos rapazes entraram nela para perseguir o exército alemão em retirada. Às escondidas de Vanga, Lyubka e Vasil combinaram partir juntos. Vasil tinha então 22 anos. Ao saber da decisão do irmão, Vanga ficou muito perturbada e com lágrimas nos olhos suplicava-lhe que não partisse. Disse-lhe: «Não vás, matar-te-ão aos 23 anos!» Mas o irmão declarou-lhe que não acreditava nas suas predições, e nesse mesmo dia partiram juntos com Lyubka para Strumica, procuraram lá Tome, e no dia seguinte os três foram para os partisans.

Em outubro de 1944, Vasil, comandante de um grupo de sapadores, recebeu a tarefa de explodir a ponte perto da aldeia de Furka, pois por ela passavam unidades do exército alemão em retirada. Vasil executou claramente a tarefa, mas não reparou que, ao tirar do bolso da camisa os fósforos para acender o cordão detonador, deixou cair o seu documento de identificação. Após explodir a ponte, escondeu-se em casa de um amigo que vivia na aldeia e preparava-se para regressar ao destacamento nessa mesma noite. Os soldados alemães, ao inspecionarem o local da explosão, encontraram o documento, e um lenhador turco, apanhado perto da ponte, confessou que vira o rapaz da fotografia na aldeia mais próxima. Todos os habitantes da aldeia foram imediatamente reunidos na igreja. Vasil, ainda sem saber do que se tratava, também foi capturado.

Os alemães deram ordem: se num prazo de uma hora os aldeãos não entregassem o partisan, queimariam todos vivos na igreja. As pessoas sabiam que Vasil estava entre elas, sabiam que fora ele quem explodira a ponte, mas calavam-se. Vasil, vendo a situação sem saída, saiu da multidão e declarou: «Fui eu que explodi a ponte!» Convencidos pela fotografia de que era realmente o procurado, os alemães arrastaram-no para o adro da igreja, expulsaram da igreja os habitantes da aldeia e à vista de todos começaram a torturar bestialmente o partisan: introduziam-lhe ferro em brasa nos ouvidos, escarneciam dele, e depois, quando ele quase perdeu os sentidos, fuzilaram-no. O cadáver desfigurado deixaram no adro como exemplo para os outros».

Vanga com o marido e a irmã Lyubka

Aconteceu isso a 8 de outubro, precisamente no dia do seu aniversário: Vasil fez 23 anos. Tal como Vanga predissera. Como é isso — prever a morte trágica do irmão mais novo? Como se pode viver com a certeza de que se perde entes queridos (num tempo em que eles ainda estão vivos)? Que castigo divino é este?! Como não enlouquecer, «vendo» os destinos das pessoas e catástrofes de escala universal… só um espírito forte o suporta…

O exército búlgaro entra em Strumica. 1941

CAPÍTULO 7

A «CARROÇA NUPCIAL» COM DIMITR GUSHTEROV,

OU A FELICIDADE A DOIS

Naqueles anos difíceis, quando os dois irmãos de Vangelia ainda estavam vivos e combatiam, a jovem mulher encontrou a sua felicidade e casou-se. Esta história é bastante notável.

Já em 1942, as pessoas vinham ter com Vanga não só de Petrich e das aldeias vizinhas, mas de lugares mais distantes. As pessoas, assustadas com o que acontecia no mundo, queriam saber do futuro das suas famílias e parentes próximos. E ainda entre os numerosos visitantes havia muitos doentes, que já tinham ouvido falar das capacidades curativas da clarividente.

Um dia, vieram ter com Vanga soldados do 14.º regimento de intendência, entre os quais um simpático rapaz de 23 anos da aldeia de Krandzhilitsa, na região de Petrich. Dimitr Gushterov estava perturbado e profundamente triste porque há pouco tempo, perto da aldeia de Sklave, uns selvagens tinham assassinado e roubado o seu irmão, comerciante de porcos. E agora Dimitr tinha de cuidar de três órfãos e da mulher do morto, doente de tuberculose, querendo saber quem eram os ofensores da sua família.

A cega saiu ao umbral da sua casa e de repente dirigiu-se ao jovem pelo nome, acrescentando:

«Sei por que vieste. Queres que eu chame os assassinos do teu irmão, talvez até te diga quem são, mas não agora. Tens de me prometer que não te vingarás, porque não é preciso. Viverás até ao dia em que com os teus próprios olhos verás o fim deles».

Vanga com o amado marido Dmitry Gushterov

Foi um encontro fatídico de dois jovens: a clarividente invisuada e o soldado abatido pela dor. Nessa altura, em Strumica, Dimitr Gushterov ficou literalmente atordoado com o que ouviu, pois ninguém lhe podia explicar de onde a jovem mulher, que nem o via, e que nunca ouvira falar dele nem da sua desgraça, sabia dos seus problemas…

E depois os encontros tornaram-se regulares; os jovens isolavam-se e conversavam longamente. A 20 de abril de 1942, Vanga disse à irmã que Dimitr queria casar com ela, após o que ambas se mudariam para Petrich. Na primavera desse ano, Vasil cumpria serviço militar em Dupnitsa, e Tome fora levado para trabalhos na Alemanha — nenhum deles esteve presente quando os jovens felizes se sentaram numa carroça pintada, mesmo em cima de um monte de feno perfumado, coberto por um tapete colorido. Todos os conhecidos e vizinhos vieram despedir-se de Vangelia e da sua irmã. Contam

que o dote da noiva era simbólico: um xaile vermelho de lã tricotada, utensílios de cozinha e outras pequenas coisas.

A «carroça nupcial» chegou a Petrich a uma casinha modesta na rua Opolchenska, 10, já ao fim da tarde. Os curiosos habitantes de Petrich correram a conhecer a nova moradora (já há muito ouviam falar das capacidades da clarividente). Alguns compadeciam o jovem, dizendo que a esposa dificilmente conseguiria realizar normalmente as tarefas domésticas e gerir a casa. E a mãe de Dimitr, Magdalena, logo à porta, com desilusão não escondida, disse diretamente: «Ai, filho, era esta a sorte que te estava reservada?»

A casinha onde Vanga viveria longos anos revelou-se bem pequena, com duas divisões, superlotada de habitantes. Eis como a descreve a mesma Krasimira Stoyanova: «Os chegados entraram num corredor escuro, longo e sujo. Dos dois lados havia uma divisão cada, uma delas tornou-se depois o quarto dos recém-casados, e na outra Vanga recebia os numerosos visitantes.

«Atrás havia ainda outra divisão — recorda Lyubka —, que servia de cozinha, quarto e, em geral, era o espaço para as necessidades de todos os da casa. Nela estava uma tarimba feita de tábuas grosseiras colocadas sobre quatro latas de querosene em vez de pernas. Não havia colchão, as almofadas eram sacos de lã cheios de folhas de milho. Nessa tarimba dormia a mãe de Dimitr, a avó Magdalena, que nessa altura tinha cerca de setenta anos, as três crianças do filho assassinado e duas crianças de outros filhos. Em todo o lado estava sujo, abandonado, a mobília pobre completava a impressão opressiva. Aconteceu que Vanga deixou uma vida miserável, cheia de privações incessantes, para a trocar por outra — não menos miserável e difícil».

Casa de Vanga na cidade de Petrich

A 10 de maio de 1942 realizou-se o solene casamento religioso, Vanga tornou-se esposa oficial de Dimitr. Não lhe foi fácil, mas conseguiu provar que podia ser uma verdadeira dona de casa; sem descanso nas mãos, ela e a irmã Lyubka lavavam, cosiam, arrumavam, transformando a casa pobre e órfã num lar limpo. Em breve nas janelas já pendiam cortinas de linho com bordados, as tarimbas estavam cobertas com novas colchas tricotadas, na mesa apareceu uma toalha rendada. A mesma ordem foi estabelecida no quintal; convém dizer que Vanga adorava flores e sabia cuidar delas.

Mal os aldeãos vizinhos souberam que em Petrich vivia uma clarividente, o quintal e a casa encheram-se de pessoas vindas de diferentes lugares. Infelizmente, Dimitr não gostava destas aglomerações, oprimia-o a grande quantidade de gente, não lhe agradava que a esposa estivesse ocupada com problemas alheios. Mas ela sempre soube que o seu objetivo nesta vida era servir e ajudar as pessoas, e que a sua vida pessoal ficaria sempre em segundo plano…

Já nos nossos tempos surgiu um novo interesse pelo destino da misteriosa clarividente, nas prateleiras das livrarias expõem-se diversos livros biográficos sobre a vidente búlgara, e os canais de TV preocuparam-se em filmar séries televisivas baseadas na vida de Vangelia. E a imprensa publicou: [1]

«Imaginem que mulher forte era Vanga, para que um jovem bonito decidisse deixar a sua bela noiva por uma rapariga cega, que ainda por cima era mais velha do que ele!»

«No processo de trabalho na série, a equipa de filmagem de «Vangelia» conseguiu lançar luz sobre a história de amor de Vanga e do seu marido Dimitr Gushterov. Muitos investigadores afirmavam que eram casados apenas nos documentos, e que na realidade viviam separados. — Sim, tiveram um casamento estranho — concorda o realizador de «Vangelia», Sergey Borchukov. — Afinal, Mitko era quase dez anos mais novo que Vanga. Mas o casamento não é só sexo. Dimitr conheceu Vanga quando veio ter com ela para uma consulta. Precisava de saber quem matara o seu irmão…

Como contaram à «KP» na equipa de filmagem da série, durante as gravações encontraram por acaso o primeiro amor de Dimitr. Esta mulher, outrora a maior beleza da aldeia, contou ao realizador que a adivinha simplesmente lhe roubara o noivo.

— Imaginem que mulher forte era Vanga, para que um jovem bonito decidisse deixar a sua bela noiva por uma rapariga cega, que ainda por cima era mais velha do que ele! — admira-se Borchukov. — Acho que Vanga e Mitko realmente se amavam. No fim da sua vida, Mitko alcoolizou-se e morreu de cirrose do fígado. As relações com o marido são uma grande tragédia na vida da profetisa: a pessoa que ajuda toda a gente não consegue ajudar o seu ente querido!»

Sim, assim foi o fim triste deste casal. No entanto, antes de isso acontecer, houve muitos anos de bondade, ternura, respeito e felicidade sincera. Não é de admirar, pois a esposa de Vanga chamava-se exatamente como o seu primeiro amor de solteira — Dimitr…

Quando começou a mobilização dos reservistas, Dimitr (Mitko, como Vanga chamava o marido) foi enviado para a Grécia. Ao despedir-se da esposa, o jovem prometeu: se regressasse vivo, construiria uma casa nova, adaptada às necessidades de uma invisuada. Todos sabiam que Dimitr tinha «mãos de ouro», por isso ninguém duvidaria de que cumpriria a promessa, se o destino fosse misericordioso. Ao despedir-se dele, Vanga avisou: «Cuidem-se da água». Mais tarde verificou-se: todos os que sobreviveram e regressaram da Grécia arruinaram seriamente a saúde com malária ou contraíram doenças do fígado por terem bebido água podre de pântanos. Dimitr regressou na primavera de 1944, mas o homem saudável e forte era irreconhecível, tão

emagrecido e debilitado estava. Durante muito tempo teve de tratar as consequências da malária; só em 1945 o homem começou a realizar o sonho prometido — a construção de uma nova casa. E enquanto a casa era construída, Vangelia levantava-se ao amanhecer para amassar a massa e cozer pão para os mestres. Depois recebia os visitantes — e assim dia após dia…

Cena da série «Vangelia» — Vanga com o marido Dimitr

Em 1947, o marido de Vanga finalmente terminou a construção da casa, mas com a alegria vieram novos problemas: o homem adoeceu gravemente, voltaram as dores de estômago, e um dia um amigo aconselhou-o a aliviar a dor com um copinho de rakia. Gradualmente, Dimitr viciou-se no álcool; mudou exteriormente, e o seu carácter piorou. Fechado, alcoolizado, o homem podia passar dias sentado no quarto, bebendo a bebida forte. O que o atormentava? A ausência de filhos? Uma vida familiar mal sucedida (na sua opinião)? A rejeição do mundo? As estranhezas da esposa, pronta a ajudar toda a gente? Nunca saberemos com certeza, mas problemas pessoais globais claramente estavam presentes neste drama. Infelizmente, nem Vanga nem os médicos podiam ajudar quem não queria mudar o estilo de vida.

Vangelia sofria muito pelo marido desregrado. Dizem que muito mais tarde confessou a Lyubka que sempre soubera o que esperava o marido, e que ele não conseguiria vencer o vício pernicioso, mas calava-se e orava, desejando adiar o predestinado para mais tarde.

Naqueles dias, meses, anos em que lhe era insuportavelmente difícil, aguentava-se com todas as forças, sem deixar de receber os sofredores que queriam saber do seu destino e dos destinos dos seus entes queridos. Como curandeira, Vanga dava a muitos receitas, e certamente ajudou mais de uma vez aqueles que tinham uma desgraça semelhante e cujos entes queridos se encostavam à garrafa mais vezes do que a consciência voltava ao estado racional.

Grécia nos anos da guerra civil

Doze anos durou o tormento penoso; até que um dia levaram Dimitr de ambulância: devido à cirrose progressiva do fígado, o fim estava próximo. Vanga passou quase uma semana na enfermaria do hospital, e depois pediu que deixassem o marido ir para casa. O fim era evidente. Trouxeram Dimitr para casa, e durante mais seis meses Vanga empreendeu esforços incríveis para prolongar a agonia da partida. Mas a doença grave venceu; vinte anos de casamento terminaram…

Mitko morreu a 1 de abril de 1962, tinha apenas 42 anos. «Desde esse dia, nós, os filhos da irmã de Vanga, Lyubka — Krasimira, Anna e Dimitr — os únicos sobrinhos de Vanga, somos testemunhas da sua vida viúva pesada e

solitária, da sua tragédia pessoal, e também da sua atividade maravilhosa e incansável em benefício das pessoas. Visivelmente assim aprouve ao destino: privada de felicidade pessoal, Vanga era feliz dando-a aos outros», — assegura-nos Krasimira.

Coisa surpreendente, mas logo após a morte do marido, Vanga, enxugando as lágrimas, deitou-se e adormeceu. Nem as pessoas que estavam em casa e preparavam o defunto para o último caminho a acordaram. Vanga só acordou quando chegou a hora do funeral. Ao sair do sono, disse: «Acompanhei-o até ao lugar que lhe estava destinado». E com isso deu a entender que estivera com a alma do marido falecido na sua viagem para o além… até à linha até onde era permitido à clarividente ir…

Vanga com familiares no Mosteiro de Rila. 1970

CAPÍTULO 8

O REI BÚLGARO BORIS III

UM HÓSPEDE TITULADO NUMA CHOUPANA POBRE

Em maio de 1942 realizou-se o casamento religioso de Vangelia com o seu marido, e quase na véspera — em abril — a vidente cega recebeu um hóspede titulado.

Um dia, na casa onde viviam as irmãs Surchev em Strumica (a mudança para Petrich ocorreu a 22 de abril), veio a avó Tina e disse a Vanga que em breve receberia um hóspede muito importante. Não explicou que hóspede era, apenas notou que em 1918 ele ficara hospedado em casa dela. Convém dizer que a própria Tina era velha amiga da família de Pande Surchev desde os anos 1920.

A 8 de abril de 1942, Tina veio acompanhada por um homem de olhos cinzentos, bigode, estatura média, vestido com um casaco cinzento e calças de golfe, segurando um chapéu na mão. O hóspede vinha com um ajudante. Quando uma das crianças que estavam em casa perguntou à hóspede quem viera visitá-los, esta respondeu baixinho o inesperado: o rei búlgaro Boris III.

Boris III subiu ao trono aos 24 anos após a derrota do país na Primeira Guerra Mundial. O rei não podia passar ao lado da conterrânea vidente, à qual, como lhe relatavam, até os nazis recorriam.

Dificilmente alguém poderia imaginar que na choupana miserável visitaria o próprio rei.

Mas não notar tal visita era impossível. Nessa altura, chegou à aldeia de Strumica um cortejo representativo de automóveis de luxo, parando junto à

modesta casa rural. De um dos carros correram ajudantes para abrir a porta àquele homem de bigode e chapéu.

Visita de Strumica pelo rei Boris III. Visita à vidente

Do que exatamente falaram Vanga e o governante búlgaro não se sabe, além disso o importante hóspede pediu que não se divulgasse o encontro. Muito mais tarde, a irmã de Vanga, Lyubka, confessou que Vanga esperava antecipadamente a sua chegada, estava sentada no seu canto, à espera, concentrada. Mal Boris saudou a dona da casa, esta começou a falar.

— A tua potência cresce, espalhaste-te amplamente, mas prepara-te para voltar a caber numa casca de noz.

E repetiu:

— Prepara-te! Sim, prepara-te!

E no fim acrescentou:

— Lembra-te da data: 28 de agosto! Isso é em breve…

Estas palavras foram confirmadas pela irmã de Vangelia, Lyubka, explicando que a profetisa queria dizer: o seu reinado permitira expandir as fronteiras da Bulgária, afirmar a sua autoridade na Europa, mas isso tudo seria por pouco tempo, pois a Bulgária encolheria.

O que deveria testemunhar a data indicada — 28 de agosto? Com que estava ligado o fatal agosto? O tempo respondeu também a este enigma.

Boris III saiu da casa da clarividente muito perturbado. As palavras sobre ter de temer o 28 de agosto trouxeram inquietação, que deveria tornar-se constante. O que o esperava?

Para compreender o destino deste governante, vejamos a enciclopédia.

Boris III nasceu a 30 de janeiro de 1894, nome completo Boris Clemente Roberto Maria Pio Luís Estanislau Xavier Saxónia-Coburgo-Gota, rei da Bulgária (desde 3 de outubro de 1918), filho de Fernando I, da dinastia Saxónia-Coburgo-Gota. Teve o posto de almirante alemão (1 de setembro de 1916).

Foi um monarca extremamente popular e é uma das figuras chave da história balcânica entre as duas guerras mundiais e durante a Segunda Guerra Mundial.

O futuro rei búlgaro Boris III na infância

Subiu ao trono aos 24 anos após a derrota da Bulgária na Primeira Guerra Mundial, onde ela lutara ao lado da Alemanha, e a abdicação do pai. Recebeu o país num estado à beira do caos.

Apesar de todos os esforços para reprimir a atividade tanto dos extremistas de esquerda como de direita e estabilizar a política búlgara, era de facto impotente durante os governos autoritários de Aleksandar Stamboliyski, depois de Aleksandar Tsankov. Em 1930 casou com a filha de Vítor Emanuel III — Giovanna (czarina Ioanna).

… o pequeno Boris foi batizado novamente, já na ortodoxia, tendo Nicolau II como padrinho.

A 19 de maio de 1934 ocorreu um golpe militar, que levou à ditadura pessoal do czar Boris.

Inicialmente não impediu a aproximação dos seus ministros pró-alemães com Hitler nos anos 1930 e o envolvimento da Bulgária no círculo de satélites da Alemanha.

Em 1938 estava entre os apoiantes da política de «apaziguamento» de Hitler: antes da assinatura do Acordo de Munique enviou uma carta pessoal a Chamberlain, na qual expôs a sua posição quanto ao desmembramento da Checoslováquia: «Deve sacrificar-se a região dos Sudetas para salvar o Estado checoslovaco e a paz na Europa».

Em 1940, a Bulgária recebeu, por acordo com a Alemanha e a Roménia, a Dobrudja do Sul, e em 1941 — regiões da Macedónia histórica (incluindo saída para o mar Egeu), perdidas pela Bulgária pelo Tratado de Neuilly de 1919 e entre as guerras integradas na Jugoslávia e Grécia ocupadas nessa altura pelos alemães. Encontrou-se repetidamente com Hitler, incluindo na sua residência montanhosa de Berghof.

No entanto, tendo em conta os sentimentos pró-russos de uma parte significativa do povo e sendo pacifista por convicções, durante a Segunda Guerra Mundial não declarou guerra à URSS nem enviou tropas búlgaras para a Frente Oriental. Além disso, conseguiu salvar 50 mil judeus búlgaros, mobilizando-os para trabalhos públicos (a sua memória está perpetuada em Israel). As tropas alemãs estavam na Bulgária apenas ao longo da linha férrea que levava à Grécia ocupada.

Boris III com a esposa Ioanna de Saboia e os filhos: Maria Luísa e Simeão II. Sófia, 1939

A morte do governante búlgaro ocorreu logo após o seu regresso da Prússia Oriental, onde se encontrara com Adolf Hitler. Possivelmente, ao führer não agradava a posição independente do aliado. Boris III regressou a Sófia abatido e sombrio. De repente, doeu-lhe o coração, e em breve parou. Os médicos foram impotentes para ajudar o homem ainda não velho: o czar tinha apenas 49 anos na altura da morte. Versão oficial — enfarte. Mas na Bulgária durante algum tempo diziam que a culpa da morte era dos médicos alemães, que poderiam tê-lo envenenado com venenos especiais de ação lenta. Este

triste evento ocorreu no dia indicado por Vanga na sua profecia. A 28 de agosto de 1943, o czar Boris III deixou de existir…

Sucessor de Boris tornou-se o seu filho de 6 anos, Simeão II, posteriormente primeiro-ministro da Bulgária (2001–2005).

Após a morte de Boris III, chegaram a Strumica três mulheres. As damas chegadas declararam ser parentes dos regentes e pediram a Vanga que dissesse o que aconteceria com a família real. Esta deu-lhes uma resposta estranha:

— Quando regressarem, decorem o leito real com um laço vermelho-escuro. Peguem num vaso com uma flor e venham novamente ter comigo, mas apressem-se!

— Não pode ser um laço branco ou cor-de-rosa? — perguntou uma das visitantes.

Vanga objetou severamente:

— Não, só vermelho!

Por tudo se via que o dito pela profetisa não agradou às importantes hóspedes; as mulheres partiram para nunca mais aparecerem nestes lugares. E a 9 de setembro de 1944, sobre o palácio do czar búlgaro em Sófia já ondulavam bandeiras vermelhas revolucionárias.

A morte do governante búlgaro ocorreu logo após o seu regresso da Prússia Oriental, onde se encontrara com Adolf Hitler

Alguns biógrafos afirmam que este mesmo sinal — «bandeira vermelha sobre o palácio» — foi proferido por Vanga também ao czar Boris III.

A Bulgária tornou-se um país socialista. Os historiadores testemunham que só graças ao patrocínio pós-guerra da URSS a Bulgária, que lutara ao lado dos nazis, foi salva do desmembramento territorial.

Na Bulgária socialista, onde Vangelia passou a maior parte da sua vida, as pessoas relacionavam-se negativamente com clarividentes e misticismo. A ideologia comunista excluía qualquer misticismo. O «ofício» de Vanga ficou proibido, mas graças à intercessão de alguns políticos e pessoas ilustres, a «divulgadora de superstições, que distrai as pessoas da construção do futuro luminoso — o socialismo» foi deixada em paz. Em breve, a sua fama espalhou-se entre altos funcionários de outros países.

A vidente búlgara tornou-se conhecida em todo o mundo. A lista de predições que conseguiu proferir impressiona.

Enquanto uns temiam as capacidades proféticas de Vanga e acusavam-na de feitiçaria, outros reverenciavam literalmente as suas possibilidades

inexplicáveis. As pessoas simples, a quem ela habitualmente ajudava, viam nela a sua protetora, e por vezes — a única salvação. Vanga era frequente convidada para casamentos, convidavam-na constantemente para ser madrinha de recém-nascidos. E simplesmente para visitas em festas familiares, Vanga era chamada como a hóspede mais desejada, que com a sua mera presença garantia paz e tranquilidade na casa.

Patrulha partidária búlgara na cidade de Plovdiv

CAPÍTULO 9

ADOLF HITLER EM BUSCA DO SANTO GRAAL RECORREU A VANGA

Muitos ouviram que Adolf Hitler visitou Vanga Gushterova. E embora não haja confirmações documentais disso, o encontro é já um facto histórico.

Aliás, alguns historiadores afirmam que a visita teve carácter oficial e por isso foi protocolada. Como se sabe, Vanga ajudava longe de todos; as pessoas em que «não via intenção pura» eram na maioria das vezes expulsas. Mas o führer não foi expulso da sua casa.

Nos anos do início da guerra, a fama do dom da búlgara espalhou-se não só entre os habitantes dos Balcãs, mas saiu muito para além das fronteiras do estado. A 1 de setembro de 1939, Adolf Hitler desencadeou a Segunda Guerra Mundial, atacando a Polónia. A 6 de abril de 1941, as tropas alemãs entram na Jugoslávia; a 22 de junho, os inimigos invadem a Rússia. Mas na pátria da Vanga, que há pouco começara a profetizar por vontade das forças celestiais, tudo ainda está calmo, mas ela sabe bem quão terrível é o mal mundial que paira sobre o seu amado país e sobre todo o mundo. À vidente é também conhecido como terminará a carnificina mundial. Sabe-se que em 1941, a um conterrâneo soldado que lhe perguntou sobre o desfecho da guerra, Vanga respondeu severamente:

«A potência que atacou a grande Rússia perderá a guerra».

Não é de admirar que muitos quisessem saber do seu destino na hora difícil. E assim Adolf Hitler, que também tinha capacidades mediúnicas, decidiu comunicar com Vanga, ouvir o que esta lhe profetizaria. O führer, sob cuja supervisão atenta foi criada uma rede de institutos únicos «Ahnenerbe», onde também se ocupavam de magia, astrologia, alquimia e outras «ciências» estranhas, acreditava no sobrenatural. Sabe-se que até o momento favorável para o ataque à Rússia no Reich nazista era calculado por astrólogos.

Adolf Hitler aceita o desfile de tropas na Varsóvia ocupada a 5 de outubro de 1939

A 2 de fevereiro de 1943, Adolf Hitler chegou à casa da vidente. Sabemos que Vanga tratava todos por «tu», falava com todos no mesmo dialeto macedónio, embora soubesse outras línguas. E mesmo sabendo da chegada de pessoas importantes, não se enfeitava, não os recebia de forma especial, mas comportava-se como habitualmente, vestida com um vestido simples, com um lenço de viúva preto (que usou até ao fim da vida). Hitler apareceu com guarda e tradutor.

Aliás, Vanga quase sempre se expressava num dialeto macedónio difícil de compreender, e como tradutora servia frequentemente a sua irmã Lyubka, que viveu com Vanga quase até ao fim dos seus dias.

Aliás, Vanga além disso conhecia e compreendia a língua russa, dominava o alfabeto Braille.

— Para que vieste? — perguntou logo à entrada e respondeu imediatamente: — Queres saber como terminará a guerra. Dir-te-ei: deixa a Rússia em paz, perderás esta guerra, e espera-te um fim ignominioso!

Nem o tom da mulher cega que falava nem a resposta agradaram ao führer. Afirmam que o líder do Terceiro Reich ficou furioso. No entanto, isso não é comprovável; Hitler sabia conter as emoções, além disso viera ele próprio e tentava encontrar respostas para as questões que o atormentavam. Significa que poderia prever antecipadamente que a resposta poderia não lhe agradar. E para refutar as conclusões categóricas, mostrou desconfiança: afinal, de onde posso saber que dizes a verdade, que não és uma charlatã?

Foi então que se manifestaram as possibilidades maravilhosas, demonstradas de forma evidente (como outrora acontecera com o pai, quando a filha o enviara procurar a ovelha desaparecida). Vanga disse ao hóspede:

«– Para que vieste? — perguntou logo à entrada e respondeu imediatamente: — Queres saber como terminará a guerra. Dir-te-ei: deixa a Rússia em paz, perderás esta guerra, e espera-te um fim ignominioso!»

— Manda os teus guardas para a extremidade da aldeia. Lá no curral de Hristo Valchev está agora a parir uma égua. Que encontrem a casinha com cerca azul, entrem no quintal e esperem que a égua dê à luz.

Hitler e o guarda e tradutor que o acompanhavam escutavam atentamente a vidente. E ela continuou:

— E vereis que o potro será fêmea, preto, e no flanco e na testa terá manchas brancas. Nascerá saudável e forte, mas no casco da pata dianteira direita encontrareis um pequeno defeito. Digam ao dono que não é nada grave, isso corrige-se facilmente.

Recebendo a descrição pormenorizada, os hóspedes partiram para o endereço indicado, para ou confirmar as capacidades paranormais da mulher ou ridicularizá-la. No fim, tudo foi exatamente como predito.

Cumpriu-se também a predição principal da vidente: Adolf Hitler e as suas tropas gabadas perderam a guerra à Rússia. O fim do führer foi ignominioso.

O realizador Sergey Borchukov, que filmou nos últimos anos na Rússia a série sobre Vanga, disse um dia aos jornalistas:

— Pelo que conseguimos apurar, Hitler visitou mesmo Vanga. Estava aproximadamente nessa altura na Bulgária, quando se preparava a ofensiva sobre a Grécia. Interessavam-lhe então as buscas pelo Santo Graal… E Hitler tentou trazer Vanga ao seu serviço. Pensámos muito como filmar esta cena. Como deveria ser este encontro… Afinal, sabe-se que às pessoas de quem não gostava, Vanga podia gritar muito grosseiramente. Mas a Hitler não gritará. Nessa altura tinha apenas 30 anos. Está apenas a experimentar as suas capacidades. Decidimos: Vanga dirá a Hitler apenas uma coisa: ele perderá a guerra com a URSS. Mas Hitler a princípio não acreditará na predição de Vanga. Posteriormente, como sabemos, esta predição revelou-se profética.

Cena da série «Vangelia»

Adolf Hitler vai ao encontro da grande profetisa

Assim, como vemos, o führer poderia ter vindo ter com Vangelia não só para decifrar o seu futuro pessoal e o futuro da sua campanha militar, mas também em busca de ajuda para encontrar o objeto mágico — o Santo Graal. Realmente, os cientistas nazis durante a Segunda Guerra Mundial procuravam ativamente este objeto, supostamente dotado de propriedades mágicas, em diferentes países do mundo. A maioria dos cientistas modernos tende porém a supor que este artefacto não existe, e que todas as histórias ligadas a ele são lendas e mitos, nada mais…

Juntamente com isso, a antiga assistente da clarividente, Elena Milcheva, numa entrevista à «AiF» informou:

«A avó tentava não fazer prognósticos políticos. Predizia os destinos de pessoas simples, dizia-lhes como agir melhor na vida. 99 % da informação sobre Vanga é pura invenção. Ela nada disse nem sobre o futuro acidente em «Fukushima», nem sobre a Síria, nem sobre a futura dissolução da URSS.

O problema é o seguinte — a avó proibia os visitantes de fazer gravações áudio. Por isso nasceram tantos rumores sem confirmações documentais».

Assim, nós nunca saberemos se houve o famoso encontro com o führer e se nele foi realmente predito o colapso do Terceiro Reich e dos seus planos de conquista…

CAPÍTULO 10

«NO OUTRO MUNDO, PARA ONDE IRÁ ESTALINE ABRIR-SE-ÃO AS PORTAS TAMBÉM PARA OUTROS…»

Com o nome de Vanga está ligado mais uma profecia, relativa ao destino do titã político do século XX — José Vissariónovitch Estaline. A revelação, proferida pela clarividente que vivia na Bulgária soviética, prestou-lhe um mau serviço — a cega Vangelia acabou… na prisão. Era 1952, no outono que se aproximava Vanga de repente anunciou que Estaline em breve iria para o inferno. Após este prognóstico, foi presa, é verdade que ficou lá muito pouco tempo.

Sobre a morte iminente do «líder dos povos» não foi dito pessoalmente a Estaline ou aos seus próximos, mas a alguém local. Mas as palavras foram transmitidas «para onde devia», e em breve as autoridades já conduziam uma investigação.

Seguiu-se a detenção, Vanga foi fechada numa cela por meio ano. E se ela se enganasse, ficaria presa, sob guarda, por muito, muito tempo; mas, como todos sabemos, Estaline partiu desta vida em março de 1953. Embora haja a opinião de alguns historiadores e investigadores de que o governante da URSS morreu ainda em dezembro de 1952, ou seja, literalmente dois ou três meses após a predição. E que em março do ano seguinte liquidaram um duplo.

Mas não nos aprofundaremos em tais pormenores, pois não possuímos conhecimentos suficientes para discutir com pessoas competentes em questões de história.

«Estaline em breve irá para o inferno» — assim soava a predição de Vanga em meados de 1952

Dizem que Vanga, ao profetizar a partida iminente do líder soviético, acrescentou:

— Nesse mundo para onde irá Estaline, abrir-se-ão as portas também para outros poderosos da Rússia.

Claro que a uma pessoa comum é agradável consciencializar-se de que os poderosos, que engordam durante a vida, estão condenados a sofrer no inferno. Talvez seja precisamente nisso que consiste a justiça social? Aliás, Vanga por vezes dizia: «A ninguém invejes sem ver o seu fim!» Pode-se respeitar uma pessoa, invejá-la, mas só a morte põe tudo no seu lugar; sabemos muitos exemplos em que, após a morte de uma ou outra pessoa, se revelavam os seus atos mais monstruosos cometidos em vida, quando os que a rodeavam a tratavam com reverência e se orgulhavam de a conhecer.

«A predição de grandes e fatídicos eventos facilitaria a transição das pessoas para um estágio mais consciente de existência, que é o nosso presente», — escreveu o clássico da literatura soviética Leonid Leonov. Aliás, ele comunicava frequentemente com Vanga. Mas as predições de catástrofes globais e destinos de países a vidente confiava a um círculo limitado de pessoas, quer para não assustar, quer porque acreditava santamente que tais coisas só deviam ser conhecidas por aqueles que podem preveni-las ou diminuir as suas consequências. Aliás, sobre as datas de morte de grandes líderes também não se espalhava. Nós recordamos que o seu nome «Vangelia» significa: aquela que traz a boa nova. Ela frequentemente trazia boas novas àqueles que vinham ter com ela com esperança e fé.

Sobre as capacidades da clarividente muito está descrito no livro da sua sobrinha Krasimira. Evitando falar dos poderosos deste mundo, a parente consanguínea da grande Vanga descrevia diferentes casos em que esta ajudava as pessoas. As histórias mais tocantes parecem as ligadas a crianças.

«A criança dos nossos vizinhos, um bebé de dez meses, ardia há mais de vinte dias com febre alta. Os médicos não conseguiam descobrir a causa, prescreveram diferentes medicamentos, mas todos eles não tinham qualquer efeito. Então trouxemo-lo a Vanga, e ela disse para o banhar em água onde tivesse sido fervida feno silvestre. Durante o primeiro banho a temperatura baixou, e após o segundo o bebé acalmou-se e recuperou».

Muitas predições de Vanga ajudaram a prevenir guerras e a morte de pessoas; mas mesmo sabendo o futuro, nem sempre se pode proteger uma pessoa do destino que lhe está reservado…

«Uma mulher de uma aldeia de Petrich perdeu durante uma feira a sua filha de três anos. Procuraram a menina em todo o lado, mas sem sucesso. A mãe desesperada não queria acreditar que a filha morrera e foi ter com Vanga saber do seu destino. Esta disse à mãe que a filha fora raptada por ciganos que estavam na feira, e que passariam muitos anos antes que um belo dia a mulher a encontrasse.

E eis que desde essa altura passaram exatamente 22 anos. Em 1962, uma visitante de Vanga viajava para Blagoevgrad e na estação de Kresna ouviu duas mulheres a conversar sobre o facto de numa aldeia próxima viverem várias famílias ciganas, mas a jovem nora não se parecia nada com a mãe — loira, de olhos azuis e de todo diferente da sua parentela. O coração materno estremeceu, após tantos anos à espera que a predição de Vanga se cumprisse. Sem demora, foi àquela aldeia, encontrou facilmente a casa necessária e, ainda sem transpor o umbral, viu a «nora loira». Nesse momento pensava que de emoção o coração lhe saltaria do peito. A mulher falou com a jovem, mas esta apenas olhava para ela atordoada, não acreditando nas suas palavras, porque toda a vida vivera entre ciganos. O marido da jovem mulher

até decidiu expulsar a hóspede descarada, como lhe pareceu. Mas a sogra ordenou aos jovens que se calassem, pois recordou o que a mãe da nora lhe contara.

Realmente, a menina ainda criança fora dada para criar a outros ciganos, que muitos anos antes tinham estado na feira de Petrich. E estes, por sua vez, receberam-na de uns camponeses. A cigana aceitara a criança e criara-a, e depois casara-a.

A mãe emocionada começou a contar à filha sobre o passado e perguntava-lhe constantemente: «Lembras-te?», — e de repente na cabeça da jovem mulher como que se esclareceu. Disse que se lembrava de um grande quintal e de um poço com uma pedra ao lado, e que um dia lá um galo lhe bicara o pé. Mostrou também a marca do galo. A mãe já não duvidava de que diante dela estava a filha desaparecida, e por isso propôs-lhe ir à aldeia natal e confirmar tudo no local. Pelo caminho, a «cigana» lembrou-se de que tinha um irmão, reconheceu sem dificuldade o quintal e orientava-se livremente na casa. Reuniram-se os habitantes da aldeia, e o encontro foi tão tocante que ninguém dos presentes conseguiu conter as lágrimas».

Ivan Kupala. «Adivinhação com grinaldas». Semyon Kozhin

Pode confiar-se em Krasimira, pois ela pessoalmente confirmou todas as minúcias da vida familiar da tia que esta anunciara e que apenas estavam por cumprir.

«…então, após a morte do marido, que ainda assim fora para Vanga algum apoio, ela já não conseguia lidar sozinha com as multidões de pessoas que estavam à porta, gritavam, pediam, esperavam, choravam e suplicavam que lhes dissesse pelo menos qualquer coisa. Um dia até derrubaram a cerca e esmagaram Vanga com ela. Após esse incidente, ela mal se recuperou. Depois Vanga falou com a minha mãe Lyubka e o meu pai Stoyan, e decidiram mudar-se para Petrich, para estar mais perto dela e ajudá-la, na medida das suas forças. Acabávamos de construir uma casa nova na cidade de Sandanski, mas deixámos tudo e partimos para Petrich. Foi em 1966.

Eis o que recorda o meu pai, Stoyan Gaygurov:

— Sobre Vanga na minha família começaram a falar ainda em 1942. Os meus pais sentiam por ela profundo respeito e recorriam frequentemente a ela por diferentes motivos. É surpreendente que ela soubesse de mim, sem nunca me ter visto (quando ela vinha a nossa casa, eu era soldado), e predisse que eu casaria com a irmã dela.

Pode dizer-se que ela estava diariamente presente na nossa vida não só como parente, mas também como fenómeno. Não consigo explicar-me como ela, ainda durante o nascimento dos meus filhos, predisse a vida deles e tudo aconteceu como ela dizia.

«A predição de grandes e fatídicos eventos facilitaria a transição das pessoas para um estágio mais consciente de existência, que é o nosso presente», — escreveu o clássico da literatura soviética Leonid Leonov

À minha filha mais velha Vanga predisse que estudaria hieróglifos e línguas estrangeiras. Quando a filha cresceu, decidiu candidatar-se à faculdade de filologia e ocupar-se da língua búlgara, mas foi distribuída para o departamento de língua turca. E assim aconteceu que estudou hieróglifos e línguas estrangeiras.

À filha mais nova, Anna, predisse que seria uma muito boa médica, e a filha na escola dedicava-se seriamente à música, tocava muito bem piano. Não sei porquê, mas no último momento decidiu candidatar-se ao instituto de medicina, tornou-se realmente médica e adora a sua profissão.

Ao filho Dimitr predisse que seria um bom técnico, e assim é realmente».

«Boris Godunov escuta a predição do astrólogo»

Em todas as épocas, personalidades conhecidas tentaram prever o seu futuro…

CAPÍTULO 11

«NUNCA ME CHAMEI PERFEITO»

O ENIGMA DO ASSASSINATO DE KENNEDY

Além das histórias já contadas com os grandes deste mundo, houve outras predições sérias de Vanga referentes a políticos. Uns dos poderosos deste mundo e estrelas mundialmente conhecidas visitavam a vidente abertamente, e sabemos disso, sabemos o que lhes foi predito; outros chegavam a Vanga incógnitos. E quantos deles, escolhidos do seu talento, que levarão ou já levaram os segredos das suas profecias para o outro mundo?

Por exemplo, Vangelia Gushterova predisse o atentado contra John Kennedy em 1963, o ferimento mortal do senador Robert Kennedy e a vitória do candidato republicano.

O dia 22 de novembro de 1963 revelou-se fatal para o líder americano. Na cidade de Dallas, no estado do Texas, um tiro cortou a vida do 35.º presidente dos EUA (desde 20 de janeiro de 1961) John Fitzgerald Kennedy.

J. Kennedy — o único presidente dos EUA católico, o primeiro presidente nascido no século XX.

Os quase três anos de presidência de Kennedy, interrompidos pelo seu misterioso assassinato, foram marcados pela Crise dos Mísseis de Cuba; por passos sérios para igualar os direitos dos negros; pelo início do programa espacial dos EUA «Apollo». Tendo iniciado o lançamento do programa

«Apollo» («Decidimos ir à Lua»), propôs ao Primeiro Secretário do CC do PCUS Khrushchev unir esforços na preparação do voo à Lua. No entanto, ao grandioso projeto não estava destinado realizar-se.

J. Kennedy propôs ao Primeiro Secretário do CC do PCUS Khrushchev unir esforços na preparação do voo à Lua. No entanto, ao grandioso projeto não estava destinado realizar-se…

Um dia este homem multifacetado confessou: «Nunca me chamei perfeito. Cumpri a norma habitual de erros para um político».

Pode olhar-se para os principais marcos do seu caminho político mais de perto. Possivelmente, são precisamente eles que revelarão o segredo da sua morte, predita por Vanga. Como escrevem os historiadores, o governo de Kennedy juntamente com os governos da URSS e do Reino Unido a 5 de agosto de 1963 assinou o Tratado de Moscovo sobre a proibição de testes de armas nucleares em três ambientes: na atmosfera, no espaço cósmico e debaixo de água. Após o que imediatamente aumentaram os ataques violentos à política de J. Kennedy por parte dos círculos extremamente reacionários dos EUA, que desejavam a militarização do país.

No fim do verão de 1963, Vanga já sabia que ocorreria um atentado contra o presidente dos EUA e tentou transmitir a informação ao destino. E quatro meses depois o evento sinistro, predito ou visto com «outra visão», cumpriu-se.

O assassinato abalou o mundo inteiro; provavelmente cada um de nós viu na televisão em programas documentais os planos em que se vê que no limusine presidencial algo aconteceu, porque de repente a primeira-dama da América, sentada num fato cor-de-rosa ao lado do marido, começa a sair do carro em movimento, os seus movimentos nervosos e incompreensíveis, se não se souber o pano de fundo do ocorrido.

Mais tarde, por suspeita no cometido, detiveram Lee Harvey Oswald, um ex-fuzileiro naval de 24 anos, que algum tempo vivera e trabalhara na URSS. Uma hora após a detenção, o jovem foi morto a tiro pelo dono de um clube noturno em Dallas, Jack Ruby. Mas nem todos os peritos acreditam na culpa de Oswald; há afirmações de que os tiros foram feitos de diferentes lugares, e possivelmente não foram três, como se afirmava, mas seis. Por isso, considerar que o rapaz morto era certamente cúmplice da morte do presidente dos EUA não pode.

Além disso, já após o facto consumado, a clarividente búlgara procurava um encontro com a esposa de Kennedy para informar quem era o verdadeiro assassino! Sobre isso contou bastante pormenorizadamente uma pessoa em quem não se pode deixar de confiar. O antigo vice-presidente do KGB da URSS, general Filipp Denisovich Bobkov, contou, e os jornalistas divulgaram,

como o general juntamente com a esposa visitou a Bulgária. Em Petrich com a clarividente encontrou-se apenas a esposa do alto funcionário do KGB, enquanto o próprio Bobkov não foi à consulta, para que a clarividente não fosse suspeita de ligações com os serviços especiais soviéticos. A mulher queria saber do irmão natal, morto nos anos da guerra. Assim, segundo as palavras do general, Vanga planeava encontrar-se com Jacqueline Kennedy. A clarividente através de um senador americano transmitiu o pedido para que a viúva de Kennedy viesse ter com ela, e então Vanga contar-lhe-ia quem matara o presidente.

O presidente John Kennedy e a primeira-dama Jacqueline Kennedy saúdam o povo em Dallas minutos antes dos tiros, 22 de novembro de 1963

— Não quero falar pela boca de outros, venha você mesma ter comigo, Jacqueline, e eu dir-lhe-ei quem matou o seu marido.

Mas Jacqueline não veio, possivelmente o pedido nem foi transmitido. Que Vanga esperava e insistentemente chamava Jacqueline a vir, confirmava também o empresário de origem búlgara, vivendo na América, Dmitry Gachev.

Aliás, o general Bobkov (desde 1987 — general do exército) confirmou que a clarividente búlgara nunca fez nada que contradissesse os interesses do Estado. Muitos notavam a sua clara orientação para o pensamento socialista, possivelmente era precisamente no socialismo que Vanga via um regime mais justo dos que existiam no planeta.

Alguns especialistas americanos reuniram todos os dados sobre a tragédia acontecida com John Kennedy e apuraram que as autoridades dos EUA não estavam interessadas em desvendar o crime, pelo contrário — o seu objetivo era o silenciamento de provas importantes. Após as primeiras pretensões divulgadas às autoridades, surgiu a suposição de que o caso contra Oswald fora fabricado, para que não fossem encontrados os verdadeiros cúmplices do assassinato. À luz disso, parece lógico que aqueles que organizaram o atentado contra o presidente dos EUA fizessem tudo o possível para impedir o encontro da sua viúva com a famosa e respeitada em muitos países vidente. Infelizmente, também Vanga não divulgou o que «via» (ou ouvia das entidades que tomava por anjos) e levou este segredo do século consigo para a sepultura.

A clarividente através de um senador americano transmitiu o pedido para que a viúva de Kennedy viesse ter com ela, e então Vanga contar-lhe-ia quem matara o presidente. Mas Jacqueline não veio, possivelmente o pedido nem foi transmitido…

O dono do clube noturno em Dallas, Jack Ruby, dispara contra Lee Harvey Oswald, acusado do assassinato de Kennedy, na esquadra de polícia em Dallas, 24 de novembro de 1963

CAPÍTULO 12

INDIRA GANDHI. «VEJO ESTA MULHER DIGNA NO FUMO E NO FOGO…»

Muitos recordam (quem por fotos, quem por programas televisivos) a bela indiana Indira Gandhi, cujo triste destino abalou o mundo inteiro e horrorizou os defensores da paz na Terra. Sobre o destino desta mulher, morta às mãos de terroristas, fora avisado antecipadamente.

No livro de Zheni Kostadinova «Vanga» informa-se:

«Quando em 1979 Vanga foi visitada pelo escritor Valentin Sidorov, conversaram sobre muitas coisas. À profetisa gostava de conversar com Sidorov, e convidou-o a obrigatoriamente telefonar-lhe quando estivesse na Bulgária. Na conversa Vanga disse:

«Tu és amigo de Indira Gandhi. Sabe que em breve ela voltará ao poder. Mas isso não durará muito. A morte interromperá o seu governo.

Transmite-lhe que não chore pelo filho (nessa altura o filho mais novo de Indira Gandhi morrera numa catástrofe aérea, pilotando um avião desportivo. — Red.). Aquele a quem na Índia chamam Rama levou-o para junto de si. O filho dela está ao lado de Rama, e está-lhe bem».»

Vanga falava disso em 1979. Nessa altura Indira Gandhi acabara de sair da prisão, para onde fora por acusação de corrupção em outubro de 1977. Ninguém nessa altura supunha que em 1980 na Índia se realizariam eleições parlamentares antecipadas, nas quais venceria Indira Gandhi; todos consideravam que as suas hipóteses eram nulas.

O triste destino de Indira Gandhi abalou o mundo inteiro

Os eventos subsequentes confirmaram com absoluta precisão também a segunda parte da profecia de Vanga — Indira Gandhi voltou ao poder, mas por pouco tempo. A 31 de outubro de 1984 mata-a o seu guarda-costas pessoal, participante da conspiração».

Sete meses antes das eleições para o parlamento indiano, Vanga já predissera a vitória de Indira nas eleições antecipadas. E a sua profecia sobre os eventos posteriores soava assim:

— Vejo esta mulher digna no fumo e no fogo, e vestida com um vestido cor de laranja!

Indira, cujo nome significa «País da lua» (nomeada pelos pais em honra da sua pátria), sendo primeira-ministra do país, devia encontrar-se com o escritor e dramaturgo inglês Peter Ustinov, para gravar uma entrevista televisiva. O dia 31 de outubro de 1984 não fazia prever desgraça.

A política indiana era uma mulher muito culta; Indira estudou na universidade popular criada pelo famoso poeta Rabindranath Tagore, depois continuou a educação na Europa, ingressando em 1937 no Somerville College de Oxford em Inglaterra, onde estudou gestão, história e antropologia. E, como qualquer mulher, mesmo ocupando-se de política, com especial cuidado escolhia o traje para a entrevista televisiva. A primeira-ministra viu diferentes amostras de roupa nacional indiana, fatos de gala e de negócio. No fim, parou num vestido amarelo-alaranjado. Ficava-lhe maravilhosamente no rosto.

Vestindo o colete à prova de bala e o vestido, Gandhi observou-se criticamente ao espelho e decidiu que o colete dava quilos extras à sua figura. Foi por isso que tirou o colete, cometendo o erro fatal. Passando rodeada pela sua guarda, nem suspeitava que precisamente essas pessoas planeavam cometer o crime. A questão é que os seus guarda-costas eram sikhs. E há pouco tempo no país ocorrera um sério conflito, no qual estava implicada a primeira-ministra. Eis o que nos informa a enciclopédia: «O segundo mandato do seu governo foi marcado pelo conflito com os sikhs, que viviam principalmente no estado de Punjab.

O líder dos sikhs Jarnail Singh Bhindranwale declarou os sikhs uma comunidade autónoma independente. Os seus seguidores também estavam implicados em ataques a hindus em Punjab. Ocuparam o principal santuário dos sikhs — o Templo Dourado em Amritsar. Em resposta, o governo indiano em junho de 1984 realizou a operação militar «Estrela Azul», durante a qual o templo foi libertado, morrendo cerca de 500 pessoas. A vingança dos sikhs não se fez esperar muito».

A maldição da família Gandhi — assim muitos chamam a sucessão de eventos no destino desta família. Em 1980 morreu o filho mais novo Sanjay, em 1984 — a própria Indira, e em 1991 foi morto o filho mais velho Rajiv

E eis que Indira Gandhi se encontrou diante dos vingadores precisamente naquele vestido cor de laranja que antes Vanga «vira» claramente. E enquanto Peter Ustinov com a sua equipa de filmagem esperava a política, ouviu tiros isolados, e depois uma rajada de metralhadora.

O que aconteceu está brevemente descrito na Wikipédia:

«O caminho para a sala de receção, onde esperava a equipa de filmagem, ia através de um pátio aberto e estava coberto de cascalho branco. Dos lados de guarda estavam dois guarda-costas sikhs com turbantes azuis — Beant Singh e Satwant Singh. Ao passar por eles, sorriu amavelmente, em resposta o que estava à esquerda sacou do revólver e disparou três balas contra Gandhi, e o seu companheiro varreu-a com uma rajada de metralhadora à queima-roupa.

Como recordava mais tarde o general-major do KGB Valery Velichko: «Indira Gandhi foi fuzilada à queima-roupa na sua residência na rua Safdarjang por funcionários da guarda — sikhs — Satwant Singh, Balbir e Kehar Singh. No corpo de I. Gandhi foram encontradas 20 balas. Este evento resultou em distúrbios em massa de grande escala, durante os quais morreram milhares de pessoas. Multidões de hindus enlouquecidos de dor lidavam impiedosamente com sikhs, queimavam as suas casas e lojas».»

O traje de Indira no dia do assassinato. Museu Memorial de Indira Gandhi

Aos tiros acorreu a guarda, mataram os sikhs, e a ferida Indira foi levada urgentemente para o Instituto Indiano de Medicina, para onde chegaram os melhores médicos. Mas salvá-la já não foi possível — oito balas atingiram órgãos vitais. Às três e meia Indira Gandhi, sem recuperar a consciência, faleceu. A cerimónia de despedida de Indira Gandhi, à qual vieram milhões de pessoas, realizou-se no palácio «Teen Murti House».

Posteriormente, o caminho por onde Indira Gandhi ia no seu último trajeto, e onde encontrou as balas, foi coberto por uma cúpula de cristal — presente do governo da amigável Checoslováquia (este país próspero nos anos 1990 foi bombardeado pela NATO e rasgado em partes).

Após a morte de Indira Gandhi, o partido e governo por ela criado foram encabeçados pelo seu filho mais velho Rajiv, mas em 1991 também este político foi morto por uma terrorista suicida da organização «Tigres de Libertação do Tamil Eelam». O atentado ocorreu em resposta à introdução de tropas indianas no Sri Lanka a meio dos anos 1980. Nos nossos tempos, o INC (partido de Gandhi) é encabeçado pela sua viúva, nora de Indira Gandhi, Sonia Gandhi; ela levou o partido a uma vitória sensacional nas eleições parlamentares em maio de 2004.

A governante indiana Indira Gandhi entrou na história como a primeira mulher a encabeçar o governo da Índia e a tornar-se uma das líderes do movimento de não alinhamento a blocos militares.

Ver que esta «mulher digna no fumo e no fogo» foi dado à clarividente búlgara; do que se pode julgar que tudo neste mundo está predeterminado… todos os eventos têm o seu fim lógico… e que cada um de nós é apenas uma marioneta no jogo global do Senhor Deus…

Pode ainda recordar-se outra profecia de Vanga, expressa de forma mais alegórica, mas que permaneceu tão verdadeira como a maioria das profecias feitas por esta única vidente.

Ver que esta «mulher digna no fumo e no fogo» foi dado à clarividente búlgara; do que se pode julgar que tudo neste mundo está predeterminado…

Em janeiro de 1968, em transe, Vanga exclamou:

— Lembrem-se de Praga! Vejo: em breve Praga transformar-se-á num aquário, no qual loucos pescarão peixes!

Nessa altura, quando foram ditas estas palavras, ninguém as podia compreender. Mas já em agosto desse mesmo ano as tropas do Pacto de Varsóvia foram introduzidas na Checoslováquia.

O dom surpreendente, não desvendado pela ciência, da mulher cega não deixava em paz nem as autoridades de Petrich nem o governo da Bulgária. Aliás, o seu dom interessava até aos serviços especiais de outros países, distantes da Europa. Dizem que Vanga até planeavam raptá-la os EUA — como um unicum inestimável, capaz de prognosticar eventos.

Em Moscovo há uma praça com o nome de Indira Gandhi, situada na esquina dos prospetos Lomonosovsky e Michurinsky. Em 1987, nesta praça foi instalado um monumento à mulher-política indiana.

CAPÍTULO 13

RUPITE: O LUGAR QUE DÁ ENERGIA MÁGICA E FORÇA PARA AS PREDIÇÕES

Quando nos falam do estranho dom da clarividência, muitos tomam isso por charlatanismo; houve forças que também chamaram Vanga de charlatã. Ela não reagia à grosseria e à desconfiança: com o que se pode discutir com os estúpidos?! Já só o facto de uma mulher cega de uma província remota saber tudo sobre o mundo circundante, e saber mais do que qualquer indivíduo vendo, confirma maravilhosamente que as forças superiores dão aos seus escolhidos novas possibilidades, não compreendidas nem aceites pela psique comum. Mas afinal o mundo visível e existente não se limita às leis da física ou da química que os cientistas conseguiram determinar. E quantas ainda não conseguiram determinar?!

Eis, por exemplo, Vanga sinceramente considerava que precisamente o lugar onde profetizava lhe dava as possibilidades míticas.

Vanga Gushterova vivia em Petrich, no oeste da Bulgária. Mas a cega tinha ainda uma casinha em Rupite, na qual descansava e recebia visitantes. E a sobrinha de Vanga, Krasimira, assegurava que a sua famosa tia não escolhera por acaso este lugar para os seus encontros com as pessoas e sessões de ligação com forças desconhecidas para nós. A própria Vanga mais de uma vez dizia que precisamente em Rupite tirava energia e força para as predições e acreditava que «precisamente lá se encontra a chave para o enigma do nosso passado».

Rupite — é um lugar especial na Bulgária, mesmo na fronteira com a Grécia e a Macedónia

«A pequena cidade de Petrich a vinte quilómetros da fronteira com a Grécia não é notável por nada especial. Uma aldeia búlgara comum — a maioria dos habitantes no verão trabalha para os gregos, e a casa só regressam no inverno. No entanto, é precisamente aqui que se localiza um dos principais objetos turísticos da Bulgária — a casa da «avó Vanga»: a vidente cega, falecida em 1996», — começam a sua narrativa os jornalistas da «AiF», que decidiram realizar uma investigação: era Vanga uma profetisa ou apenas uma marca bem promovida?[2]

Rupite — é um lugar especial na Bulgária, mesmo na fronteira com a Grécia e a Macedónia. Localizou-se na cratera do único vulcão antigo na Bulgária, há muito extinto, do qual restou apenas uma pequena crista, com o nome de Kozhuh. É muito curioso que um pequeno e belo lugar com nome bastante semelhante — Rupit — também se encontre em Espanha, nele vivem pouco mais de 300 habitantes, e foi construído num desfiladeiro sobre lava solidificada, que formou protuberâncias após a erupção do vulcão há mais de 11 000 anos. No fundo do lago, que está na baixa do desfiladeiro, dorme o sono eterno uma aldeia inundada. Existe uma lenda de que nela vivem gnomos e por vezes tocam os sinos da torre sineira, cujo topo sobressai sobre a água quieta. Assim, este «irmão» espanhol tem o nome não oficial de «cidade das bruxas»!

Com a água está ligado também o lugar onde profetizava a «bruxa» do século XX — Vangelia. No Rupite búlgaro há numerosas fontes geotérmicas, que formam pequenos lagos e poças; a água nelas é curativa, com temperatura de 75 graus Celsius. Muitos consideram Rupite uma zona anómala, e, muito provavelmente, têm todas as razões para isso. A própria Vanga afirmava que Rupite é a fontícula (ou seja, a moleira) da Terra, considerava este lugar fonte de força. Sobre lugares semelhantes numerosos no nosso planeta os cientistas começaram a falar seriamente apenas recentemente.

Fontes termais. A temperatura nelas atinge os 75 graus.

Os conhecedores locais da região contam que mesmo junto a Rupite, no sopé sudoeste de Kozhuh, foram descobertos vestígios da antiga cidade de Petra, que existiu do século IV a.C. ao século VI d.C. Mas, antes que os arqueólogos encontrassem este lugar, Vanga, ao falar aos entes próximos sobre a antiga Petra, dizia que via debaixo da terra uma bela cidade antiga sepultada por uma poderosa erupção há muitos séculos.

— Neste lugar havia uma cidade antiga, destruída pela lava. Nela viviam gigantes, que usavam roupas etéreas prateadas.

Entretanto, a sobrinha Krasimira Stoyanova no seu livro de memórias sobre Vanga mencionava que outro lugar antigo poderia ter-se tornado refúgio da sua única tia cega: esta considerava místico não só Rupite, mas também Melnik.

«Ela abarca com o pensamento também o renascimento de cidades inteiras. Tomemos, por exemplo, Melnik.

«Aqui — diz Vanga —, cada ervinha, cada pedrinha, cada palmo de terra é uma santidade. Para este lugar venho com prazer, aqui descanso como em nenhum outro. Carrego-me de força, energia e inspiração. Sento-me em alguma pedra, e apetece-me ficar em silêncio. E que ninguém me incomode. Tudo o que me rodeia fala comigo — as pedras, as ruínas, os montes. A cidade conta-me a sua história desde tempos de profunda antiguidade: vejo pessoas mortas há muito, templos e casas destruídos, que existiram há milhares de anos».»

Desde 1970 e até à própria morte, Vanga recebe visitantes em Rupite. No último ano da sua vida, Vanga vive em Rupite permanentemente. Para ela foram construídas ali várias casinhas pequenas, nas quais foi organizado um simples modo de vida camponês para a clarividente. Muitos visitantes notam o seu dom como curandeira e negam o dom de clarividência. Outros, pelo contrário, acreditam que precisamente o dom de «ver» era o principal no seu destino.

À volta de Rupite — rochedos, no declive de um deles localiza-se o objeto escultórico «Cruz», que foi erguido em memória das pessoas outrora mortas na erupção do vulcão.

Por exemplo, na imprensa encontra-se a confissão de Irina Valskaya de Irkutsk, que reconhece:

— Só uma vez vi Vanga em 1994. Disse-lhe: tenho problemas de coração, os médicos prometem morte próxima. Ela deu-me um frasquinho de pomada de ervas e mandou que me esfregasse. Segundo Vanga, com ervas de Rupite pode curar-se qualquer doença, mas não se podem tomar em forma de decocções e pílulas — o nosso organismo percebe os medicamentos através dos poros da pele. Recuperei e desde então visito Rupite de três em três anos, rezo na sepultura de Vanga: ela é verdadeiramente uma grande curandeira. Já quanto às predições… Parece-me que Vanga simplesmente dizia tudo o que lhe vinha à cabeça.

Eis o que o jornalista do popular jornal «AiF» Georgy Zotov escreveu no seu artigo sobre a vidente (n.º 47 de 20/11/2013):

«Aliás, para os próprios búlgaros Vanga é em primeiro lugar uma «curandeira»: considera-se que podia aliviar a dor, curar com recolha de ervas, imposição de mãos e encantamento. Agora na Bulgária oferecem serviços

centenas de «curandeiros», quase cada um na biografia indica — «discípulo de Vanga». Diplomas não há — o «ensino» confirmam com fotos conjuntas com Vanga: embora seja conhecido que a vidente se fotografava com todos os que desejavam. A avó cega ostenta-se em emblemas, ímanes, calendários de Petrich («É o nosso petróleo», — brincam na cidade). Após a morte, Vanga transformou-se numa marca.

Bem popular em Petrich é a burla — informar o hóspede de que a clarividente predissera outrora a sua chegada à cidade: dos arquivos podem extrair um dossiê com revelação… por pagamento a partir de 500 euros. Burlões vendem uma quantidade de objetos «milagrosos», aos quais Vanga supostamente tocara — por isso, dizem, devem aplicar-se aos lugares doentes…

Possivelmente, nos anos 40-50 Vanga foi uma profetisa. No entanto, a transformação da mística numa linha de montagem com bens de consumo ao serviço do Estado matou nela a clarividente. Dezenas das suas predições não se cumpriram — mas as pessoas não pensam nisso. A todos agrada o mito».

Desde 1970 e até à própria morte, Vangelia recebe em Rupite os visitantes. Para ela construíram ali um par de casinhas modestas.

Para desmascarar ou confirmar este mito, o jornalista russo foi a Rupite.

Os habitantes locais contam que antes na estrada para Rupite aconteciam frequentemente acidentes e morriam pessoas. Um dia, pessoas preocupadas perguntaram a Vanga: o que é preciso fazer para que os acidentes cessem? A resposta pareceu-lhes estranha.

— Espalhem açúcar na estrada — respondeu inesperadamente a cega.

Compreende-se que muitos sorriam ao ouvir tais palavras. Mas houve quem estivesse pronto a tomar o conselho como guia para a ação. Um dos empresários locais comprou um camião de açúcar e espalhou na estrada, e, como afirmam, precisamente desde então não houve acidentes sérios na estrada.

Vanga era muito devota (apesar de ter vivido a maior parte da vida num Estado soviético ateu). Com as suas próprias poupanças, no fim da vida construiu a igreja de Santa Petka, escolhendo ela própria o arquiteto e o pintor. Vanga considerava Santa Petka a sua protetora e intercessora. Alguns até afirmavam que Vanga se via como encarnação de Santa Petka (ou talvez soubesse? ou acreditasse que era a reencarnação de Petka?). Dizia-se que a cega tinha três nomes: «Um é Vanga, outro é Petka, e o terceiro é secreto, desconhecido de ninguém».

Alguns leitores seguramente recordam que paixões se inflamaram na comunicação social quando foi construída a igreja com meios e segundo a

ideia de Vangelia Gushterova. A Igreja Ortodoxa Búlgara não reconhecia a vidente, nem quis reconhecer o templo. Mas as pessoas simples ignoravam a opinião dos padres da igreja, os peregrinos vinham constantemente ao templo, que lhes parecia milagroso pela sua singularidade.

Os ícones e imagens dos santos, representados nas paredes da igreja, não eram canónicos, mas por isso não parecem menos atraentes ou indignos de um lugar espiritual.

Junto ao templo de Santa Petka, Vanga legou que a sepultassem. E agora lá está cheio de peregrinos, sofredores e curiosos. Atualmente, no lugar onde viveu e profetizou Vanga, foi fundado o complexo monástico natural de Rupite. Muitos notam que ao chegar aqui se sentem de forma especial; «Estado de contemplação, semitranse. Aqui nem as crianças falam alto. Silêncio, tranquilidade aqui», — partilhou um dos hóspedes da Bulgária.

O território do complexo é cuidado, em todo o lado estão plantadas árvores, há bancos; a água termal curativa das fontes foi canalizada para fontanários de bebida. No declive da crista de Kozhuh — com a bênção de Vanga — foi colocado uma enorme cruz volumosa, erguida em memória das pessoas mortas na erupção do vulcão. Talvez seja um monumento àqueles mesmos gigantes que aqui viveram muito antes das pessoas modernas, e sobre os quais falava Vanga?

Junto ao complexo de Rupite encontram-se banhos termais nas fontes quentes, há cafés e estacionamento para carros. Tudo está previsto para aqueles que acreditam que Vanga é uma santidade nacional. E uma santidade para sempre.

Sabe-se que em vida de Vanga os comerciantes decidiram engarrafar a água mineral curativa da fonte em Rupite e vender sob a marca «Vanga», mas a clarividente avisou: a fonte secará, pois a terra antiga será profanada. Mas os empresários gregos arriscaram e começaram a perfurar a terra, mas o negócio, como predito, fracassou.

O sobrinho de Vanga, Dimitr, mencionava casos de cura com água no vale de Rupite. Geralmente, ao entardecer, o sofredor que desejava curar-se vinha ao vale, cavava um buraco na areia, e de manhã já se acumulava lá uma poça de água mineral. Ao nascer do sol, mal os primeiros raios iluminavam o topo da montanha Kozhuh, as pessoas tiravam água com uma krastunka — recipiente escavado de uma abóbora —, e regavam-se com ela. Olhavam diretamente para o sol nascente e sussurravam orações ao Senhor, para que Ele os curasse física e espiritualmente. O ritual tinha o seu nome: «ablução ao nascer do sol». Após a sua realização, era necessário guardar silêncio durante todo o ato. Se a fé da pessoa no Senhor e na força mágica da água era muito forte, recebia cura dos seus males.

Curiosas e ambíguas são as pinturas das paredes, os ícones na igreja de Santa Petka…

Sobre a sua permanência precisamente neste lugar, a própria Vanga dizia:

— Devo ficar aqui um certo tempo. Aqui sinto-me bem, enquanto me sinto bem, a energia flui através de mim da terra e do cosmos por uma ponte invisível, absorvo-a facilmente, respiro-a como um bálsamo vivificante. Diante do meu olhar mental arde a chama infernal, que outrora, em tempos imemoriais, queimava a terra. Tudo incinerou e refundiu o fogo, tudo o que antes era impuro purificou da impureza. O segredo da purificação pelo fogo escondem as montanhas, estão perto daqui, sinto a sua presença».

E no verão de 1988, Vanga confessou:

— Fui deixada precisamente aqui. Para cá devem vir os confundidos e os que perderam a esperança, para cá se dirigem, como aves que encontram orientação. O sedento de libertação encontra o caminho, e a mim resta apenas ler as escritas da sua alma, sem ouvir a língua, que é tão faladora, tão hábil em misturar e confundir tudo, que cem mentes não reconheceriam a verdade. E ainda: devo não só ler o ontem e o hoje, mas dar a direção certa para o amanhã…

Aliás, após a morte de Gushterova a 11 de agosto de 1996, muitos esperavam que no país acontecesse algo mau, as pessoas estavam alarmadas. O fim do século XX foi um período complicado para muitos países, especialmente para os países do bloco soviético em desagregação. Mas sobre a Bulgária não caíram catástrofes naturais ou desgraças de outro tipo. E até hoje os adeptos e admiradores do dom da clarividente acreditam que o espírito de Vanga protege o país e os seus habitantes búlgaros das desgraças e infortúnios que constantemente perseguem os Balcãs.

O território do complexo é cuidado, em todo o lado estão plantadas árvores, há bancos; a água termal curativa das fontes foi canalizada para fontanários de bebida.

CAPÍTULO 14

SOBRE ESTRANHAS ENTIDADES INVISÍVEIS

QUE SABEM TODA A VERDADE

As suas capacidades invulgares a «portadora da boa nova» explicava pela presença à sua volta de certas criaturas transparentes, cuja origem não conseguia explicar. Às vezes dizia que via ou ouvia anjos, às vezes ajudavam-na as almas de pessoas mortas, geralmente — parentes daqueles que recorriam a ela em busca de ajuda.

A afilhada da clarividente, Verka Tokova, dizia:

— Às vezes tudo se lhe revelava a ela própria, e às vezes as profecias sussurravam-lhe certas criaturas. A avó considerava que eram anjos.

Um dia Vanga disse a alguém próximo sobre tal entidade:

— À minha volta paira uma mulher muito bela em vestes brancas, e as suas vestes brilham como prata. Ela está diante das pessoas que em breve entrarão para junto de mim, mas ninguém a vê. Nunca me aconteceu ver tanta beleza num corpo humano, quando eu via e via como todos vós.

Mas havia também outras criaturas estranhas, visíveis só à cega. Por exemplo, mencionava «extraterrestres»:

— Vejo-os, são transparentes. Parecem como uma pessoa vê a sua imagem refletida na água. Usam roupa semelhante a armaduras, que brilham como escamas de peixe. Parece que entre eles há mulheres. Os seus cabelos parecem algas, macios como penugem de pato; enquadram as suas cabeças como um halo.

Às vezes atrás têm algo como asas. Muito frequentemente, ao regressar à minha casa em Petrich, encontro-os nos quartos. Falo com eles. Às vezes de longe, ainda sem me aproximar do portão, ouço sons lentos e prolongados, como se um coro cantasse salmos. Dizem-me que vieram da terra Vamfim, ou talvez eu ouça assim, e que ela é a terceira da Terra… Estes vindos dizem que através de mim realizam uma ligação direta com a Terra. Comunicam com contadas pessoas no nosso planeta. Controlam-nos.

As suas capacidades invulgares a «portadora da boa nova» explicava pela presença à sua volta de certas criaturas transparentes, cuja origem não conseguia explicar.

Noutra vez esclareceu que os hóspedes invisíveis estão na Terra há muito tempo, e sabem perfeitamente o que espera a humanidade.

— Entrei em casa e sentei-me no centro da sala do andar de baixo, e eles sentaram-se à minha volta. Todos eram homens de idade avançada, mais

velhos, vestidos com roupas brilhantes, das quais emanava uma luz tão forte que a sala parecia iluminada pela luz solar. Disseram: «Levanta-te e escuta, e nós contar-te-emos o futuro. Não temas nada, porque diante da tua porta há um guarda — um poste de ferro». Acrescentaram que ainda não chegara o tempo de contar tudo o que partilham comigo. Mas posso citar isto: «O mundo sofrerá muitas mudanças. Conhecerá subidas e descidas. E o equilíbrio chegará quando começarmos a falar com as pessoas!»

E cientistas e jornalistas muitas vezes tentaram desvendar o segredo do fenómeno de Vanga.

Que o mundo tem a ver com um milagre testemunhava também a académica Natalia Bekhtereva, que dizia: «…o fenómeno da clarividente Vanga é um facto irrefutável… Embora seja uma realidade não conhecida». Na Bulgária foi até criado o Instituto de Sugestologia (ciência da sugestão sem uso de palavras) e Parapsicologia com um quadro de 30 funcionários — todos se ocupavam do estudo do fenómeno da clarividência. Mas o segredo não foi desvendado. Os investigadores asseguram que a percentagem mais alta de «acertos» foi mostrada por Vanga na busca de pessoas desaparecidas — o predito por Vanga cumpria-se em 80 por cento.

Os cientistas até hoje não conseguem dar uma explicação razoável para o dom milagroso de Vanga.

Eis como Krasimira Stoyanova descreve os encontros com o mundo dos mortos no seu livro, fazendo-o com a ajuda de um literato búlgaro pessoalmente conhecido da sua parente:

«A capacidade incrível de Vanga de comunicar com os mortos produziu uma enorme impressão também no nosso conhecido crítico literário Zdravko Petrov. No número de 24–30 de julho de 1975, a revista «Sofia News» publicou o seu interessante material, intitulado «Búlgara — profetisa». Em versão algo abreviada, oferecemos à vossa atenção o seu relato.

«Até ao outono de 1972 não dava particular importância ao facto de na pequena cidade de Petrich, mesmo junto à fronteira grega, viver uma profetisa viva, que atrai a atenção de todos os búlgaros. Desde cedo de manhã até tarde da noite diante da casa dela aglomeram-se pessoas. Ela fala onde se encontram parentes desaparecidos, lança luz sobre casos criminais, põe diagnósticos médicos, revela vestígios do passado. A propriedade mais espantosa do seu dom consiste em que explica o presente e penetra no futuro. Aliás, as suas profecias não têm uma regularidade fatal. A experiência ensinou-a a ser cautelosa nas suas predições…

Sobre algumas coisas fala com precisão espantosa.

Tive ocasião de estar presente numa «sessão» que decorria na sua casa, e fui testemunha de como pediu a um dos seus «pacientes» que lhe desse o

relógio (geralmente os visitantes trazem um pedaço de açúcar), para o apalpar. Este admirou-se de que lhe fosse necessário tal objeto, e ela disse-lhe o seguinte: «Dá-me o teu relógio, eu seguro não ele, mas o teu cérebro».

…Cheguei a Petrich por pura casualidade. Decidi dar-me uma pequena pausa e fiquei lá alguns dias. O meu conhecimento desta mulher de 60 anos do povo, dotada de dom de profecia e de um sentido de humor notável, tornou-se um dos eventos mais notáveis da minha vida.

Na essência, nem pensava submeter-me a qualquer sessão. Pelo visto, Vanga sentiu este meu estado ainda nas primeiras horas de permanência em Petrich, porque depois disse ao meu amigo advogado: «Ele veio não para que eu lhe dissesse algo, mas eu mesmo assim lhe disse». E soltou o seu riso característico.

Toda a vida Vanga tentou rodear-se de pessoas, não gostava de solidão…

Mas a parte mais interessante desta história apenas começa.

O amigo que me apresentou a Vanga tinha carro e propôs às irmãs após o almoço irmos para fora da cidade. Chegámos à aldeia de Samuilovo, perto da qual se conservam as muralhas da fortaleza do czar Samuel — objeto de investigações arqueológicas e trabalhos de restauro. No carro quase todo o tempo calei-me, trocando com o amigo apenas um par de frases. Ao chegar ao local, subimos ao val da fortaleza e pudemos observar as escavações. Vanga não podia desfrutar da paisagem pitoresca e ficou no carro com a irmã. Elas conversavam sobre algo, e eu passeava pelo prado.

De repente, quando estava a 7–8 metros dela, começou a falar. Era completamente evidente que as suas palavras se referiam precisamente a mim. Espantou-me com a primeira frase: «O teu pai Petar está aqui». E eu, como Hamlet, fiquei diante do espírito do meu pai. O que podia dizer? O pai morrera há 15 anos. Vanga pôs-se a conversar com ele, mencionando tais pormenores que fiquei petrificado. Não recordo o que sentia então, mas segundo testemunhas oculares, parecia terrivelmente excitado, uma palidez mortal cobria o meu rosto. Vanga repetiu várias vezes que o meu pai estava diante dela, embora até hoje não saiba em que projeção o via: no passado, presente ou futuro; até indicou na sua direção com a mão. Para ela o tempo não existia de forma fragmentada — passado, presente, futuro —, mas como um fluxo homogéneo. Pelo menos, assim me parece.

Para Vanga o tempo não existia de forma fragmentada — passado, presente, futuro —, mas como um fluxo homogéneo.

Depois a sessão continuou com relatos sobre parentes próximos e distantes do literato, aliás todos os pormenores coincidiam. Mas Zdravko Petrov espantou-se com outra coisa: acontecia que Vanga sabe (sente, vê —

como se penetra no fundo de eventos outrora ocorridos) muitos segredos da História.

Estando então na aldeia de Samuilovo, a cega, como um antigo oráculo, de repente começou a profetizar sobre estranhos eventos que aqui ocorreram nos tempos mais antigos.

«…começou a contar que via soldados alinhados diante dela, soldados do czar Samuel — figura trágica na história búlgara. Como se sabe, foram cegados por Basílio II, apelidado por isso de Bulgaróctono. Vanga perguntou-me quem os cegara, de que nacionalidade era a pessoa que dera tal ordem. Estava tão atordoado que esqueci completamente a que dinastia imperial pertencia Basílio II. Depois o meu amigo admirava-se de como eu, que conheço tão bem a história bizantina, podia esquecer a origem do imperador. Provavelmente, espantou-me até que passado distante ela penetra. Noutra vez Vanga perguntou-me quem eram os bizantinos. Contou que uma vez, estando na igreja da cidade de Melnik, ouvira vozes: «Somos bizantinos». Via pessoas em roupas de brocado e restos de termas romanas debaixo da terra. Da história sabe-se que vários dignitários bizantinos proeminentes foram realmente exilados do império para Melnik.

Contava também sobre outras personalidades históricas».

A outros confessava:

— Vejo o entorno e um círculo que gradualmente se estreita à volta da Terra, sofro os sofrimentos de todas as pessoas e não ouso explicá-lo, porque uma voz severa constantemente me avisa para nem tentar explicar algo, pois as pessoas merecem o modo de vida que levam…

Como ajudar estas pessoas, que deixam de sentir respeito por quem quer que seja, competem na aquisição de dinheiro e coisas? Como se o único aspiração do homem fosse espezinhar tudo o que é luminoso e santo — ao preço de enormes sacrifícios.

«A feiticeira de Endor evoca a sombra do profeta Samuel». Dmitry Martynov

Ou eis num dos livros de Krasimira Stoyanova encontramos tal diálogo sobre a «visão» da profetisa:

«Pergunta: — Como concretamente se manifesta o futuro de uma ou outra personalidade: iluminam-se apenas os eventos principais, ou vês toda a vida por inteiro, na sequência de eventos?

Numa palavra, como num cinema ou de outra forma?

Resposta: — Vejo a vida de uma pessoa como se filmada numa película cinematográfica.

Pergunta: — Lês os pensamentos?

Resposta: — Sim… A distância não tem importância… Barreiras linguísticas não existem. Geralmente ouve-se uma voz, a língua é sempre búlgara.

Pergunta: — Depende a profundidade das tuas revelações da seriedade da pergunta posta e da personalidade de quem recorre a ti?

Resposta: — Sim, isso é importante…

Pergunta: — Se acontece que vês com a visão interior que te é dada do alto uma desgraça próxima ou a morte da pessoa que veio ter contigo, podes fazer algo para que se possa evitar a desgraça?

Resposta: — Não, nem eu nem ninguém mais pode fazer nada.

Pergunta: — E se as desgraças, mesmo catastróficas, ameaçam não uma pessoa, mas um grupo de pessoas, uma cidade inteira, um Estado, pode preparar-se algo antecipadamente?

Resposta: — É inútil.

Pergunta: — Depende o destino de uma pessoa da sua força moral interior, das suas capacidades físicas? Pode influenciar-se o destino?

Resposta: — Não pode. Cada um percorrerá o seu, e só o seu caminho».

Claro que não uma vez perguntaram a Vanga como sabe da morte próxima de uma ou outra pessoa, e um dia esta confessou:

«A morte e o lenhador». Jean Millet

— Vejo ao lado dele um homem alto com um rosto surpreendentemente belo. Mas dele emana frio, como de uma montanha de gelo. Quando vem ter comigo uma pessoa acompanhada precisamente deste companheiro, ele não o vê, mas eu vejo, compreendo que os seus dias estão contados. Mas falar-lhe disso diretamente não tenho direito.

Vanga descrevia os espíritos que a visitavam como transparentes e incolores (como «água num copo»), e ao mesmo tempo luminosos, quentes como o calor de um forno; mas todos têm os mesmos hábitos que as pessoas simples.

Às vezes a grande profetisa até se queixava dos seus ajudantes invisíveis:

— Estou muito cansada, cansada, não me dão paz…

— Durmo, acontece, apenas uma hora por dia. Os espíritos não dão paz. Sacodem, acordam, repetem: «Levanta-te. Está na hora de trabalhar…

Nos últimos anos de vida confessava que os espíritos repetiam uma e a mesma coisa:

— Não temam. O mundo já não vai para a perdição.

E este tranquilizador «não temam» dá-nos fé num futuro sensato, pacífico para todos os terráqueos…

«— Um dia falámos sobre a sua capacidade de ver o passado e o futuro — testemunhava o mesmo Zdravko Petrov. — Todo o tempo entre nós decorria uma conversa invulgar. Vanga começou a falar da morte.

Todos não desviávamos o olhar atento do seu rosto. Evidentemente, tinha visões. Contou sobre vários casos em que sentiu a morte. Sobre o seu marido e que vira o momento exato da sua morte. Depois descreveu como uma vez no quintal cozinhavam compota de ameixas, e a morte «farfalhou» entre os ramos das árvores. Tudo isso soava como uma balada. Vanga falava da morte como de uma mulher com cabelos belos e abundantes. Tinha a sensação de que diante de mim não estava uma clarividente, mas uma poetisa».

«— Durmo, acontece, apenas uma hora por dia. Os espíritos não dão paz. Sacodem, acordam, repetem: «Levanta-te. Está na hora de trabalhar…»»

CAPÍTULO 15

MÁRTIR AO SERVIÇO DO SENHOR

E O MITO DO TRABALHO PARA OS SERVIÇOS ESPECIAIS

A clarividente chamava-se a si mesma mártir, que carrega a sua cruz, e mais de uma vez dizia que seguia submissamente o destino que lhe fora dado por Deus, pois só Deus pode determinar quem é quem nesta terra.

Mas como nem todos acreditavam no dom divino da clarividência, consideravam que tudo o que ela dizia lhe era previamente fornecido por pessoas interessadas, e ela apenas o anunciava, por isso mais de uma vez se tentaram acusar Vanga de colaboração com os serviços especiais. Afinal, num certo momento Vanga tornou-se funcionária estatal e pelas suas sessões cobrava-se dinheiro, que ia para o tesouro da cidade. Assim foi lançado o projeto oficial chamado «Vanga»; enquanto à mulher surpreendente não eram precisas honras, nem fama, nem reconhecimento da pátria, apenas a possibilidade de ajudar as pessoas. Mas escolha não havia, e teve de concordar em «empregar-se», como foi indicado. Caso contrário, muito provavelmente, as autoridades continuariam a persegui-la por «charlatanismo», até a obrigarem a cessar para sempre de «fazer feitiços».

Sim, realmente, em certos autores expressa-se a opinião de que informações secretas sobre os seus visitantes eram transmitidas a Vanga pelos

chekistas búlgaros. Aliás, acusações tão estúpidas soavam em relação à invisuada ainda em vida. Dizia-se que materiais sobre os visitantes de Vanga eram recolhidos antecipadamente por taxistas e empregadas de hotéis recrutados pelos serviços especiais, onde paravam hóspedes conhecidos.

Dizia-se que a Vanga só se chegava por marcação, às vezes esperavam quase um ano, por isso os serviços especiais tinham tempo de reunir dossiês sobre as pessoas necessárias. E já no encontro com estes visitantes a pitonisa dava os seus «segredos revelados».

Ainda em vida corriam rumores de que materiais sobre os visitantes de Vanga eram recolhidos antecipadamente por taxistas e empregadas de hotéis recrutados pelos serviços especiais, onde paravam hóspedes conhecidos.

Não pensem que Vanga era insensível e não se ofendia com as palavras. Houve casos em que chorava após palavras ofensivas ditas no seu endereço.

Eis que o jornalista contemporâneo Ivan Angelov fala sobre a compatriota de forma pouco lisonjeira:[3]

— A avó Vanga pouco se interessava por dinheiro. Mas além das estruturas estatais à volta dela alimentava-se uma massa de pessoas diversas — eram centenas. Eram eles que espalhavam rumores sobre milagres. A própria Vanga dava predições bastante vagas. Por exemplo, aos pais gostava de dizer que os filhos deles estariam no topo de uma montanha e agitar uma vara. Isso interpretava-se depois de formas diferentes. O pai de Kirkorov após o sucesso do filho na Rússia considerou que a montanha era o Olimpo musical, e a vara — o microfone. Os visitantes eram multidões inteiras, a cada um Vanga dedicava não mais de um par de minutos, frequentemente eram respostas pré-preparadas.

Em 1967, Vanga foi registada como funcionária estatal, com salário de 200 levs por mês. Cada cidadão da Bulgária pela consulta pagava 10 levs, enquanto o estrangeiro 50 dólares. «É um caso único — comentava o ex-major do KGB búlgaro Nikolai Stoychev, que vive agora em Madrid. — Imaginem que na URSS nomeassem para um cargo oficial um louco ou um monge?»

Este homem também está convencido de que Vanga é uma burlona, e que quando veio ter com ela o líder soviético da Bulgária Todor Zhivkov, ficou muito impressionado, pois ela sabia tudo sobre a sua vida, mas, na opinião do ex-major, as «sensações» foram fornecidas ao entorno de Vanga pelo então presidente do KGB Angel Solakov.

Quarto de Vanga em Rupite

«— Vanga é um projeto comercial bem-sucedido da Bulgária — considera o jornalista local Vasil Stoyanov, outrora colaborador do jornal do partido comunista búlgaro «Rabotnichesko Delo». — De 1967 a 1991 ela ganhou para

o Estado 10 milhões de dólares. No entanto, Vanga era mantida com rédea curta — quando lhe encontraram 90 mil levs (é aproximadamente como em rublos na URSS), eclodiu um escândalo, as poupanças foram confiscadas.

Os órgãos de segurança estatal planeavam o seu dia — o que devia comer, beber, para onde ir e o que fazer. Possivelmente por isso a visitavam acessos de irritação. A avó não tocava em dinheiro — compravam-lhe produtos, pagavam as despesas de luz e gás. Usavam-na, para que a profetisa desse aos «pessoas necessárias» as predições necessárias: por exemplo, «demite-te urgentemente para preservar a saúde». Assim os serviços especiais da Bulgária manipulavam habilmente tanto ministros como funcionários mais simples». Tais informações comunicava o jornalista da «AiF» G. Zotov.

Afirmam que a profetisa após busca e a enorme soma encontrada de 90 mil levs não foi metida na prisão, escrevendo no relatório que era uma «mulher subdesenvolvida e muito descarada». Ou talvez não a puniram porque era um projeto búlgaro muito rentável: os economistas calcularam que Vanga trouxe ao tesouro búlgaro 9 milhões de levs!

A autora Svetlana Kudryavtseva no livro «O Fenómeno da Clarividente Vanga. Profecias, Predições, Encantamentos» conta como as autoridades búlgaras quase tomaram a invisuada por uma espiã estrangeira.

«A sobrinha de Vanga, Krasimira Stoyanova, contou como um dia uma busca na casa da vidente em Petrich quase lhe custou a vida.

Isso aconteceu a 20 de setembro de 1974. A causa da busca foi uma suspeita absurda de espionagem. A cega Vanga, que nunca saíra do seu país e só fazia o bem às pessoas, foi considerada uma Mata Hari búlgara! Os funcionários da milícia, à procura de provas, reviraram toda a casa de Vanga. E ao saírem, levaram consigo o que lhes apetecera (convém dizer que eram presentes que os visitantes deixavam em gratidão por cura ou conselho). Após este assalto bárbaro, Vanga sofreu um enfarte e foi internada no hospital. Passou um mês inteiro no hospital em Sófia, e quando regressou pediu que pintassem as paredes, para que não restassem vestígios do terrível saque.

Krasimira Stoyanova e Vanga

A causa deste assalto revelou-se simples: nessa altura, a Bulgária tinha relações tensas com a vizinha Jugoslávia, e os habitantes da Jugoslávia vinham constantemente ter com Vanga. Assim, as autoridades locais decidiram destruir o «ninho de espionagem», suspeitando que a vidente colaborava com os serviços de inteligência estrangeiros.

Mas Vanga perdoou a todos, não tinha o hábito de guardar rancor às pessoas. Os objetos roubados foram depois devolvidos pelos assaltantes. Vanga disse que perdoava os seus ofensores, mas que a punição divina já não podia ser detida. Durante a doença, quando Vanga estava em Sófia,

desapareceu de casa um transistor «Sokol», que ela ouvia frequentemente. A sobrinha não conseguia encontrá-lo em lado nenhum, e a tia um dia disse: «Não faz mal, ele próprio me trará o rádio». O transistor realmente apareceu, mas só 15 anos depois.

Verdadeiramente, não há nada oculto que não se torne manifesto. Acontece que o roubara o caixa, quando Vanga estava gravemente doente. Passados 15 anos, arrependido, veio ter com a clarividente e devolveu o objeto roubado. Acontece que o caixa estava gravemente doente, mas Vanga já não podia ajudar o pobre homem: «Pagarás por teres roubado este objeto. Eu perdoo-te, mas já nada se pode fazer». Tal foi a punição divina. Posteriormente, este homem morreu de cancro».

Aliás, apesar da pressão das autoridades, no país havia altos funcionários que defendiam fervorosamente Vanga. Muitos habitantes da Bulgária recordam a história em que um dos altos funcionários perdeu uma pasta com documentos importantes. A polícia e os serviços especiais não conseguiram encontrá-la durante longo tempo, e tiveram de recorrer à ajuda de Vanga. Segundo a sua recomendação, a pasta foi encontrada, e a clarividente foi agraciada com uma carta de agradecimento.

Transistor «Sokol». Era exatamente um assim que outrora fora roubado a Vanga.

Dizem que o primeiro homem do partido comunista búlgaro, Todor Zhivkov (1911–1998), podia telefonar à clarividente a qualquer hora do dia ou da noite e ordenava que levassem a profetisa a casa dele ou ao trabalho. Pessoas de confiança do antigo líder comunista búlgaro afirmam que ele consultava Vanga antes de tomar decisões políticas importantes. Por exemplo, quando em 1962 se decidia a questão da reforma monetária, Zhivkov recorreu ao conselho de Vanga. Ela disse que, se não quisesse que o Estado chegasse ao fim, era preciso trocar urgentemente o dinheiro.

E ainda é conhecido o caso em que Vanga ajudou a encontrar um ícone inestimável, que fora roubado durante a reparação da igreja de Santa Petka Samardzhiyska em Sófia. O líder do país, Todor Zhivkov, contactou pessoalmente a clarividente e pediu que encontrasse os malfeitores. Ela indicou os nomes de três clérigos e o local exato onde estava escondido o ícone. Vanga, vendo com a visão interior o crime, contou aos funcionários das forças da ordem:

— Vão à ponte com os passarinhos, depois sigam pela estrada de Tsargrad e no terceiro cruzamento verão uma casa que parece uma dacha. Aí viram, fica à esquerda da estrada, atravessam um ribeiro e no fundo da rua verão uma casinha pequena. Lá está escondido o ícone.

Exatamente assim, atrás da «ponte com os passarinhos», que era a Ponte das Águias em Sófia, decorada com imagens de águias, foi encontrado o antigo ícone.

Pode compreender-se que as autoridades da Bulgária socialista em relação a Vanga agiam de forma dúplice: por um lado, guiadas pela ideologia comunista, lutavam contra a «bruxa e resquícios obscurantistas», por outro, ganhavam com as predições, enchendo o tesouro local e estatal.

O primeiro homem do Partido Comunista Búlgaro — Todor Zhivkov — consultava Vanga antes de tomar decisões políticas importantes.

Vanga sempre foi «não viajante». As autoridades búlgaras, embora a protegessem e até ganhassem bem com o seu fenómeno, nunca deixaram o património nacional vivo ir nem a Paris, onde desejava visitar a catedral de Notre-Dame, nem mesmo a Moscovo, onde sonhava visitar durante muitos e muitos anos da sua longa vida.

As autoridades da Bulgária em relação a Vanga agiam de forma dúplice: por um lado, lutavam contra a «bruxa e resquícios obscurantistas», por outro, ganhavam com as predições, enchendo o tesouro local e estatal.

Lyudmila Zhivkova

CAPÍTULO 16

A «PRINCESA VERMELHA» LYUDMILA ZHIVKOVA: VIDA E TRAGÉDIA

O facto de em 1967 Vanga ter sido nomeada para um cargo inventado como «funcionária estatal» aconteceu por ordem da sua forte protetora — a filha do então líder búlgaro, secretário-geral do partido no poder Todor Zhivkov, Lyudmila Zhivkova. Lyudmila era uma pessoa progressiva, curiosa, interessava-se por ensinamentos esotéricos e visitava frequentemente a clarividente. A filha do líder do país era popular entre o povo, e todos sabiam perfeitamente que era amiga de Vanga. Pode dizer-se que em grande medida graças à proteção de Lyudmila a perseguição à mulher cega, que durara muitos anos, gradualmente cessou.

Sobre a pessoa não comum, que se tornou boa ajudante da compatriota cega, conta-se no livro de Nadezhda Dimova «Vanga. O Mistério do Dom da Cassandra Búlgara»:

«O seu destino de alguma forma assemelha-se ao de Vanga. Aos 18 anos, Lyudmila sofreu um acidente de automóvel com risco de morte. Vangelia veio em ajuda, manifestando toda a força do seu dom curativo. Mas, sobrevivendo graças à sua mão leve, a rapariga ouviu dos médicos que a ameaçava cegueira para toda a vida. Naturalmente, tratavam-na os médicos mais qualificados, mas a visão não regressava, ou melhor, Lyudmila via o mundo, mas… invertido. E então, com persistência e determinação invulgares, começou a tratar-se a si mesma. Realizava regularmente exercícios especiais de ioga para os olhos, e passados alguns meses a visão recuperou-se.

Lyudmila Zhivkova

Não foi só uma ressurreição física, mas também espiritual. Os seus ídolos tornaram-se os Roerich e Blavatskaya, representantes de outros ensinamentos

orientais, cuja filosofia visa a erradicação do mal e o estabelecimento da paz em todo o mundo. E como a isso mesmo apelava também a nossa heroína, a comunidade de visão do mundo aproximou a simples camponesa, que nem terminara o ensino secundário, e a requintada senhora — filha do secretário-geral do partido comunista.

Lyudmila comunicava através de uma amiga com os que partiram para o outro mundo Leonardo da Vinci, Blavatskaya, outras pessoas espiritualmente próximas. Consultava a vidente em muitas questões importantes, por exemplo, com a sua bênção criou um programa único — dedicar cada ano do século passado a algum dos génios desaparecidos. Toda a população da Bulgária, dos pequenos aos grandes, devia estudar o legado de um ou outro grande homem, que apelava à humanidade a viver em harmonia com tudo o que existe, a não hostilizar, a aspirar à fraternidade universal».

Passados muitos anos, a antiga ginasta que a conhecia, tornada deputada do parlamento búlgaro, considerava que a própria Lyudmila tinha dom de clarividência. Aqui, a propósito, pode acrescentar-se que a comunista e ministra Zhivkova muitos chamam «mãe» da perestroika búlgara. Já a sua filha, Zheni Zhivkova, que até há pouco tempo era deputada popular e designer de moda, recorda Lyudmila como uma mãe muito rigorosa, mas carinhosa.

Lyudmila Zhivkova estudou história na Universidade de Sófia, depois estudou algum tempo na URSS e no Ocidente (especializou-se em história da arte na Universidade Estatal de Moscovo e em Oxford). Trabalhou no Comité de Arte e Cultura, e em 1981, tornando-se a sua presidente, obteve o grau de ministra. Participa na direção do partido comunista, é deputada da Assembleia Nacional. Lyudmila Zhivkova desenvolve uma atividade ativa à frente do Comité de Arte e Cultura. Graças a uma série de ações do Comité, a Bulgária torna-se uma descoberta para o mundo ocidental. Não será por conselho de Vanga que se ocupa de popularização e empreende todos os passos brilhantes que tornam a sua pátria aberta ao diálogo das culturas?

Uma das iniciativas mais significativas dessa altura chama-se a exposição «Arte e Cultura Trácia nas Terras Búlgaras», que obteve fama mundial. Sob a supervisão de Lyudmila foi também criado o Conjunto Infantil Internacional «Bandeira da Paz», sob o patrocínio da UNESCO. Foi ela a iniciadora da construção em Sófia do Palácio Nacional da Cultura. E ainda precisamente L. Zhivkova foi a iniciadora de uma série de expedições arqueológicas bem sucedidas (como aqui não recordar como Vanga mais de uma vez contava sobre o passado distante de lugares onde outrora viveram antepassados misteriosos altamente civilizados?!)

Universidade de Sófia São Clemente de Ohrid. Bulgária

Sobre os seus encontros nos apartamentos de Lyudmila Zhivkova em Sófia recordava o escritor russo Valentin Sidorov; posteriormente escreverá o

livro de memórias «Lyudmila e Vanga». Os encontros — conta ele — «…decorriam não em Petrich, a esta cidade nunca consegui chegar, mas em Sófia, para onde, interrompendo a receção da interminável fila de pessoas, Vanga vinha especialmente. Conversávamos com a avó Vanga como que em condições de alguma conspiração, completamente isolados do mundo exterior. Ninguém perturbava a nossa conversa. Nada nos limitava no tempo…

Em segundo lugar, participante obrigatória das nossas conversas era Lyudmila Zhivkova, que assumira as funções de tradutora. Sim, sim, precisamente ela. Filha de Todor Zhivkov. Presidente do Comité da Cultura, noutras palavras, ministra da cultura do país. Membro do Politburo do CC do partido comunista búlgaro. Sobre isso, naturalmente, muitos sabiam bem. Mas poucos sabiam então que Lyudmila Zhivkova era seguidora do Ensino Espiritual Agni Yoga e considerava a sua tarefa principal a afirmação dos princípios deste Ensino na vida».

Palácio Nacional da Cultura. Sófia

Aliás, Sidorov cita palavras de Vanga sobre a então Leningrado; eis o que disse sobre a gloriosa cidade de Pedro a profetisa búlgara:

— Lá muitos morreram. As suas almas rezam e criam um espaço purificado, e neste espaço purificado manifestar-se-ão espíritos eminentes. No aspeto espiritual. Leningrado hoje está acima de Moscovo.

Vanga e a «princesa vermelha», como os jornalistas passariam a chamar a filha do líder da Bulgária, estavam ligadas por uma amizade de 10 anos. Em 1979, Vanga predisse que Lyudmila Zhivkova sofreria um acidente de automóvel. «Graças à sua abertura ao mundo, popularização da cultura e história búlgara na pátria e no estrangeiro, Lyudmila Zhivkova adquiriu muitos adversários. Encontram-se os seus malquerentes também entre os círculos dirigentes na URSS dessa altura no PCUS. Atacam Lyudmila também pelos seus contactos com Nikolai Roerich. Na essência, o profundo fascínio pela filosofia oriental vem a Zhivkova após o acidente de automóvel sofrido em 1973. Nesse momento difícil da vida, Lyudmila conseguiu fortalecer a sua saúde graças à medicina não tradicional. Desde essa altura começam os seus contactos com Roerich», — diz-se num dos artigos sobre Vangelia. [4]

Os serviços especiais do país tentaram prevenir a tragédia, pois as palavras de Vanga foram ouvidas e tomadas com grande seriedade. Mas mesmo medidas de segurança sem precedentes não podiam impedir o destino dado do alto: meio ano após a predição, Lyudmila Zhivkova, acompanhada por um cortejo governamental, a caminho do aeroporto, onde ia receber uma delegação estrangeira, sofre um acidente de automóvel. Pela sua vida e saúde lutaram os melhores luminares médicos mundiais. Após a operação, Lyudmila usa chapéus que cobrem as cicatrizes e continua a trabalhar. Mas passados

dois anos, duas semanas antes do dia trágico, Vanga com a sua visão interior vê novamente a morte iminente de Lyudmila Zhivkova.

Svyatoslav Roerich e Lyudmila Zhivkova

Convém dizer que, com todas as suas qualidades positivas de caráter, a filha do primeiro homem do país possuía um temperamento suave e bondoso, era uma pessoa compassiva e sensível. Protegia Vanga até ao último dia da sua vida. Sabia ela o que a esperava, uma morte súbita, inesperada? Muito possivelmente, pois Vanga frequentemente, juntamente com a irmã Lyubka, era hóspede de Lyudmila tanto na residência de campo como na sua casa em Sófia, e entre elas decorriam conversas surpreendentes sobre o existente e os destinos do mundo…

Sabe-se que quando a 21 de julho de 1981 Vanga foi visitada pela ministra da cultura da Índia Sheila Raul, e a conversa entre outras coisas tocou na amiga da clarividente Zhivkova, esta de repente exclamou o inesperado:

— Lyudmila, Lyudmila! Vão levá-la!

E já à noite desse mesmo dia, pelo rádio anunciaram de repente a morte de Lyudmila Zhivkova (conclusão oficial: de «forte sobrecarga… em resultado de uma hemorragia cerebral súbita»). Esta tragédia está envolta em mistério e conjecturas, entre as quais conspiração e assassinato.

Uma interpretação algo diferente dos eventos dá a autora búlgara Zheni Kostadinova, que afirma que Vanga confessava que «não a avisaram do alto» sobre o último dia e hora da «princesa vermelha».

«A vida de Lyudmila Zhivkova não pode chamar-se feliz. Embora quase sempre em viagens e deslocações pelo mundo, onde se encontra com personalidades eminentes do seu tempo, a «filha do Partido» frequentemente está sombria, silenciosa, solitária. A linha especial de comportamento que conduz nos mais altos escalões do poder (L. Zhivkova era ministra da cultura da República Popular da Bulgária, membro do Politburo do CC do PCB. — Trad.) cria-lhe muitos problemas, e possivelmente custa a vida. Aberta ao Ocidente e à sua cultura, participante do Oriente e da sua sabedoria, Lyudmila era estranha na então direção do país.

«— Lyudmila, Lyudmila! Vão levá-la!»

O destino, parecia, não uma vez «avisava» sobre a participação trágica: dois acidentes de automóvel, divórcio, conflitos na família…

Em 1973, Lyudmila Zhivkova sofreu um acidente de automóvel perigoso para a vida a caminho do aeroporto de Sófia, para onde se apressava para acompanhar o pai, que partia em visita oficial à Polónia. Preocupado com o estado da filha após o acidente, Zhivkov pessoalmente telefona de Varsóvia a Vanga:

— Diz, sobreviverá Lyudmila? Talvez deva regressar à Bulgária?

— Fica tranquilo, Todor! Lyudmila viverá. Vejo também a tua esposa Mara de casaco azul, também preocupada. E a ela direi que não se preocupe. (Nessa altura a esposa de T. Zhivkov, Mara Maleeva, já morrera. — Trad.)

Sobre este caso contou o operador de televisão N. Toshev, que em 1973 foi testemunha desta conversa telefónica — nessa altura filmava um filme sobre Vanga.

Após o acidente, Lyudmila recuperou bastante rapidamente, mas passados alguns anos sofre novamente um acidente de automóvel.

Vanga frequentemente partilhava com pessoas especialmente de confiança as suas preocupações pela vida de Lyudmila: «Saibam que a minha filhinha será enviada para o outro mundo», — lamentava-se frequentemente a profetisa. Dizia que Lyudmila esperava uma vida curta, cheia de amarguras. «E com o marido não teve sorte, e com os filhos, e até com o pai…»

À notícia da morte súbita de L. Zhivkova a 21 de julho de 1981, Vanga como que petrificou. Nesse momento estava com ela a sua amiga Ivanka Yaneva. A setuagenária contou que almoçavam juntas. Ao ouvir da morte de Lyudmila, Vanga largou a colher e com soluços pôs-se a lamentar:

Todor Zhivkov e Leonid Brezhnev num Cadillac durante a visita de Brezhnev à Bulgária, anos 1960

«Porquê, Lyudmila, porquê partiste, filhinha? Porquê nada me disseste, não avisaste? O que te aconteceu? Ah, Mara, Mara Maleeva, invejaste que Lyudmila fosse para mim como uma filha, e tiraste-ma! E a ela estava destinada uma viagem à Síria, e prometera que após o regresso viria ter comigo…»

A morte de L. Zhivkova provocou no país uma verdadeira tempestade de suposições e suspeitas. Não tinha ainda 39 anos, não se queixava especialmente da saúde, como ministra da cultura diariamente recebia e acompanhava delegações internacionais, e ela própria viajava constantemente pelo mundo. Ninguém esperava o seu fim trágico, e a informação escassa sobre as circunstâncias da sua morte misteriosa naturalmente provocou perplexidade natural.

Vanga, a clarividente que centenas, milhares de vezes predisse a morte, da qual nada podia esconder-se, desta vez também estava na ignorância. Porquê?

O poeta Lyubomir Levchev, que fora vice de Lyudmila Zhivkova no Comité da Cultura, recorda que alguns dias após a sua morte visitou Vanga em Petrich. Levchev queria saber alguns pormenores do acontecido com Lyudmila e perguntar por que Vanga não a avisara da possível morte. Vanga recebeu-o

com as palavras: «Ai, dor, dor! Há muito mal no mundo, muitas pessoas más. Nada pode esconder-se de mim, mas como escapou o que aconteceu com Lyudmila, não compreendo. Afinal, tudo estava bem com ela. Não me avisaram do alto, não me informaram do mau… A morte não lhe estava destinada».»

Um episódio muito maravilhoso descobriu-se também no escritor russo Valentin Mitrofanovich Sidorov, que mais de uma vez se encontrou com Vanga graças a Lyudmila Zhivkova (sobre o que já se falou acima).

Antes de dar este pequeno excerto das suas memórias, acrescentarei, talvez, o importante ao retrato do escritor: após concluir a pós-graduação no Instituto Literário A. M. Gorky em 1978, defendeu a dissertação de candidatura sobre o tema «Visões literário-estéticas e poesia de Nikolai Roerich». Mais ainda — os motivos da obra e filosofia de Roerich estão presentes na obra de Valentin Mitrofanovich, que era conhecido do filho do grande filósofo S. N. Roerich.

Valentin Mitrofanovich Sidorov — poeta russo, escritor, cientista, figura pública

«Existe um retrato do Mestre de Blavatskaya, que se tornou posteriormente também Mestre de Roerich, reproduzido numa das primeiras edições do seu livro «Das Cavernas e Selvas do Hindustão». Segundo o seu testemunho, o retrato foi feito de forma invulgar. Invulgar é o rosto, que atrai como um íman, especialmente — os olhos. A força do seu olhar muitos experimentaram em si. Eu — também.

Lyudmila contava que viu este retrato pela primeira vez após a catástrofe. «O rosto pareceu-me dolorosamente familiar. Senti imediatamente que era o Mestre, que era o meu Mestre».

Decidimos, como uma espécie de experiência, mostrar a fotografia do retrato à avó Vanga.

O facto de ela ser cega, neste caso, não tinha importância. Mais de uma vez tivemos ocasião de observar como a fotografia servia para ela de ponto de apoio. Colocava as mãos na imagem da pessoa e como que entrava em contacto com os seus pensamentos. Em resultado, dava uma descrição exata não só das características externas da pessoa, mas também da sua biografia, particularidades do seu carácter etc.

Assim procedemos. Meu Deus! O que aconteceu com Vanga! Estremeceu, como se tocasse num fio elétrico descarnado. Nunca a vi em tal estado de espírito.

— Por que não deste antes a fotografia? — exclamou excitada. — Ele está aqui. Está convosco.

Por alguma razão, diante de mim surge a Sibéria. Ele é russo, esteve na Rússia?

— Não. É indiano. É Mahatma Morya.

Retrato do Mestre de Blavatskaya, que se tornou posteriormente também Mestre de Roerich, reproduzido numa das primeiras edições do seu livro «Das Cavernas e Selvas do Hindustão»

Vanga:

— Ele é o protetor de Moscovo, melhor, é o protetor da Rússia. Já o vi antes, só não sabia quem era.

Para fazer prazer à avó Vanga, propus:

— Toma de presente este retrato.

— Não — respondeu assustada. Até afastou a fotografia para o lado. — Ele vai-me perturbar.

Acalmando-se um pouco, disse:

— À minha casa vêm espíritos, muitos-muitos espíritos. Mas este espírito é o mais forte de todos os que conheço, nunca transpõe o umbral do quarto. Fica sempre atrás da porta. É difícil olhá-lo, porque brilha como o sol. Às vezes vejo-o num cavalo branco e com olhos tais que assustam».»

Lyudmila Zhivkova era criticada pelo fascínio pela teosofia e maçonaria, pelas ligações com Armand Hammer e David Rockefeller. Reprovavam-na pelas relações próximas com Nikolai e Elena Roerich, zombavam de que se apresentava «no papel da russa Elena Blavatskaya». Foi com o seu apoio ativo que 1978 foi declarado «Ano de Roerich». No Ocidente chamavam-na «a primeira dissidente da Bulgária», «a Sonhadora de Sófia». E eis o que, na opinião da edição online «Dobro Pozhalovat» sobre búlgaros e Bulgária, poderia ter-se tornado a causa da morte de Lyudmila Zhivkova:[5]

«Na política cultural de Lyudmila não há base do marxismo-leninismo. Como sublinham os investigadores, ela apoia-se no ensino de Dyanov. Encantada pela simbologia do fogo e da espiral, eleva-se, especialmente na área da cultura, acima dos dogmas partidários e ideológicos dessa altura. Em 1979, Lyudmila expressa abertamente a sua posição perante a Assembleia Geral da ONU e anuncia o tema das «relações humanas» nos assuntos internacionais. As suas intervenções internas e internacionais criam-lhe muitos inimigos na Bulgária e na URSS. Existem testemunhos de que Lyudmila não aceitava a humilhação do povo russo na URSS dessa altura, compreendendo claramente a inaplicabilidade do socialismo na vida real. Há sinais de que Brezhnev realmente sentia sérias dúvidas em relação a ela. Este tema é mencionado pelo escritor Sergey Mikhalkov.

Existe também a hipótese de que a morte de Lyudmila está ligada a uma intervenção do Kremlin ao mais alto nível dessa altura. Esta versão foi «lançada» pelo general-major Oleg Kalugin, antigo chefe da contrainteligência externa do KGB. Novamente pela linha do Kremlin fala-se da cumplicidade de Lyudmila na morte do escritor dissidente Georgy Markov em Londres.

A presidente do Comité da Cultura da Bulgária Lyudmila Zhivkova entrega a S.N. Roerich a ordem de Cirilo e Metódio de I grau. 8 de maio de 1978

Convém também notar que com a sua ajuda sai à luz a monografia que fez furor no país no fim do regime comunista do ex-presidente da Bulgária, o filósofo Zhelyu Zhelev. O livro representa uma crítica séria ao socialismo e ao regime comunista».»

Se realmente a rejeição e reforma da ideologia comunista foi a causa da morte do político progressivo — já não saberemos. Pode acrescentar-se que em 1982 foi emitida uma moeda de 5 levs com o rosto de Lyudmila Zhivkova. Esta moeda nos nossos dias tem valor numismático.

Ou aqui está um pormenor interessante. Muitos acreditam que a filha do líder da Bulgária, Todor Jivkov, tinha reunido um grande arquivo de predições de Vanga sobre o país e o mundo, o qual desapareceu logo após a morte de Lyudmila.

Em 1987, quando Todor Jivkov ainda estava no poder, Vanga predisse que a Bulgária enfrentaria mudanças sérias e que, em breve, o país teria uma mudança de líder: seria um cientista proeminente que, no entanto, deixaria de apoiar a doutrina de Lenine. Em 1992, chegou ao poder na Bulgária o filósofo Jélio Jélev; o regime socialista foi substituído pela tentativa de seguir os chamados padrões europeus e da NATO. O irmão de Lyudmila, Viktor Jivkov, passou a dedicar-se ao negócio de cosméticos. Quanto à proteção jurídica e aos assuntos do antigo líder comunista, ficaram a cargo da neta adotada pelo avô, Evguénia, filha da sua amada «princesa vermelha».

CAPÍTULO 17

COMO O PRESIDENTE BORIS IÉLTSINE

ENVIOU UM EMISSÁRIO A VANGA

Chegou a altura de contar mais uma história misteriosa ligada à fenomenal vidente. Acontece que, no final de 1995, baba Vanga enviou representantes a Moscovo, que deviam transmitir ao Presidente da Rússia, Boris Iéltsine, um pedido pessoal para que ele viesse urgentemente ter com ela. Dizia que o assunto pelo qual o convidava estava relacionado com as eleições presidenciais que se aproximavam na Rússia. Convém explicar que, na altura, havia uma grande probabilidade de Iéltsine perder as eleições para Ziugánov ou outro político, pois a sua popularidade no país era inferior a 10 por cento.

Surpreendentemente, no Kremlin levaram o convite da vidente muito a sério, mas à Bulgária não foi o próprio presidente, e sim o seu secretário de imprensa, Serguei Medvedev.

A predição feita a Boris Iéltsine revelou-se profética, como mais tarde contou o alto funcionário «enviado». Aliás, na série já mencionada «Vangeliya», filmada há não muito tempo para o público russo, participou também o antigo secretário de imprensa de Iéltsine, o conhecido jornalista Serguei Medvedev. Ele representou um curto episódio da vida real, quando, em 1996, lhe coube visitar a profetisa; nas reuniões esteve presente o tradutor búlgaro Stoyan Petrov, que acompanhou S. Medvedev na viagem secreta.

Boris Iéltsine com o seu secretário de imprensa Serguei Medvedev (ao centro) e o chefe do protocolo Vladimir Chevtchenko

«– Estávamos em plena campanha eleitoral presidencial – recorda Medvedev. – Telefonaram-me da embaixada da República Popular da Bulgária. Disseram que Vanga queria falar com Iéltsine. Que a profetisa queria contar algo importante a Boris Nikolaevitch antes das eleições. Contei tudo ao presidente. Boris Nikolaevitch disse que não ia a lado nenhum. Despachou o assunto: se quiseres, vai tu. Iéltsine não era supersticioso. E também não me deu relógio nem um pedaço de açúcar que tivesse passado a noite debaixo da almofada. Mas eu decidi ir na mesma. Tinha muita vontade de conhecer Vanga.

Ela recebeu-me numa casinha pequena. Nessa altura já estava gravemente doente, praticamente semi-deitada. E poucos meses após o nosso encontro morreu. Na altura disse-me que Iéltsine teria problemas de coração, que ia passar por momentos muito difíceis. Mas que venceria as eleições. Quis gravar a conversa, liguei o gravador, acendeu-se a luzinha a indicar que estava a funcionar. Imaginem a minha deceção: quando cheguei a Moscovo e liguei a fita, só lá estava «olá»! Mais tarde descobri que todos os que gravaram a

profetisa – tanto o grupo de televisão búlgaro como os documentaristas que a filmaram – tiveram problemas com o som».[6]

Noutra ocasião, o guardião de informação importante, quase segredo de Estado, S. Medvedev confessava como foi filmar e o que realmente aconteceu:[7]

«– Quantos takes fizeste? – Normalmente fazem-se vários takes – plano médio, plano aproximado, refilmagens… Não foram mais do que os de atores profissionais. Três ou quatro. – E o relógio de Boris Nikolaevitch que deste a Vanga e que ela te devolveu era o verdadeiro, do Iéltsine, ou era adereço?

– Claro que era o relógio verdadeiro. Não vou dizer de que pulso o tirámos. Mas na vida real isso não aconteceu. Também não houve o pedaço de açúcar, que Vanga normalmente pedia para mergulhar melhor e mais a sério na história de cada pessoa. Não houve nada disso, só eu e uma garrafa de uísque. No filme bebemos um copinho com ela. Exatamente como na vida real. A única diferença é que, no filme, estavam sentados à mesa o tradutor e uma intermediária, que depois soube ser funcionária dos serviços secretos búlgaros, Boika Tsvetkova. E mais nada. Foi uma conversa muito íntima. Não como no filme. No filme é um pouco oficial. Há uma certa barreira entre a minha personagem e Vanga. Na vida real não havia barreira. Logo se abraçou a mim. Encontrámo-nos como pessoas próximas. Como se Vanga me conhecesse há muito tempo».

Para esclarecer, Serguei Medvedev levou de presente a Vanga uma garrafa de uísque com 18 anos de envelhecimento, e realmente beberam um copinho juntos. E no filme «Vangeliya», o papel principal foi brilhantemente interpretado pela atriz Elena Iakovleva; fê-lo tão bem que, quando apareceu no set de filmagem na Bulgária, os habitantes exclamavam: «A nossa Vanga voltou!».

A «Komsomolka», graças à amizade com o jornalista S. Medvedev, voltou várias vezes ao mistério da sua visita à pítonisa búlgara. Se recorrermos a mais uma entrevista publicada nas páginas deste popular jornal, encontraremos novos pormenores do ocorrido. Citamos com algumas abbreviaturas.[8]

«Numa das reuniões em que discutimos com o presidente muitos outros assuntos, disse-lhe de passagem mais ou menos o seguinte: “Boris Nikolaevitch, recebi uma chamada inesperada. Há uma vidente chamada Vanga…” “Claro que sei quem é”, reagiu Iéltsine. “Ela gostaria – continuei – que o senhor encontrasse forma de se encontrar com ela. Compreende que é uma pessoa única, não há outra no mundo. E muitas das coisas que diz acontecem”.

Iéltsine disse: “Não, resolvam vocês”. E não falou mais no assunto. – Como explicar isso? – Talvez ele também tivesse algum preconceito. Como soou “resolvam vocês”, interpretei como “têm luz verde”. Falei novamente com os familiares de Vanga. Disseram: “O desejo de Vanga é que Boris Nikolaevitch lhe entregasse o relógio dele”. Perguntei: “Para quê?” “Porque – explicaram-me – ela tem capacidades únicas, pode determinar muitas coisas por um objeto pessoal. Às vezes o objeto pessoal substitui completamente a pessoa. E o melhor para isso são os relógios de pulso”.

Perguntei: “Talvez sirva uma caneta, um cinto, um lenço?” Responderam: “Não, Vanga disse que o melhor são precisamente os relógios de pulso”. – E voltou a falar com Iéltsine? – Liguei-lhe pelo telefone direto e transmiti o pedido dos familiares de Vanga quanto ao relógio. Ele respondeu: “Não”.

Então disse-lhes: “Não haverá objetos pessoais, mas posso ter a conversa eu, se ela aceitar”. Concordaram imediatamente.

E comecei a preparar-me interiormente para o encontro. Sabia muito sobre Vanga – que era uma mulher única, que às vezes recusava receber alguém, mandava embora logo à entrada, como se visse o passado da pessoa e compreendesse que não era digna dessa conversa.

Embora tudo se revelasse muito mais simples. – Vanga recebeu-o logo? – Primeiro foi preciso ir de carro de Sófia até à aldeia dela, uma viagem longa. Já sabia que vivia de forma modesta, que era muito difícil chegar até ela – as pessoas esperavam anos pela sua vez.

Quando íamos a caminho, disse aos familiares de Vanga que me acompanhavam: não é bonito aparecer de mãos vazias. Aconselharam-me: “Vanga adora uísque. Seria um bom presente”. Comprei uísque “Ballantine’s” – envelhecido, acho que 18 anos.

Quando chegámos a casa dela, já era tarde da noite. Não havia filas, nem vi segurança.

Com emoção abro a porta e, através de uma pequena entrada, entro num quarto forrado a tábuas. Quase como nas nossas banhos. Só que duas paredes estavam forradas até ao teto, e as outras duas apenas até meio, rebocadas e pintadas. No quarto havia uma cama e uma mesa coberta com oleado. Nas paredes pendiam ícones. A julgar pela caligrafia, búlgaros.

Vanga estava semi-deitada na cama, debaixo de um cobertor. Mal abri a porta, algo a impeliu como uma mola. Primeiro sentou-se, depois pôs-se de pé. A aparência dela, claro, impressionou-me.

Via-se que Vanga não se sentia bem. Para ser honesto, na altura não sabia que já estava mortalmente doente.

E surpreendeu-me também como aquela avó cega reagiu à minha chegada – parecia que me via através. E estendeu-se para mim de forma tão sincera e amistosa, como se nos conhecêssemos toda a vida. Abraçámo-nos. Vanga disse: “Como estou contente”. Disse ainda: que bom que vim.

– Em que língua falaram? – Como me explicaram, ela falava um antigo dialeto macedónio, e traduzia para russo um dos seus familiares. Eu levava um gravador. Perguntei: “Se não se importar, baba Vanga, podemos pôr o gravador na mesa e gravar a nossa conversa”. Ela respondeu: “Não, não me importo”. Pusemos o gravador na mesa.

Depois tirei a garrafa de uísque: “Aqui tem uma prenda”. Ela disse: “Ótimo, vamos beber”. Sentámo-nos à mesa, servimos uísque. Não havia petiscos. Só a mesa, os copos, a garrafa de uísque, Vanga e eu.

Estivemos quase abraçados.

– Sobre o que conversaram com Vanga? – Primeiro foi um monólogo dela – Vanga falou com muita emoção que ama muito a Rússia, os russos, que tem grande respeito pelo nosso povo. Soava do coração.

Disse ainda que gosta de Boris Nikolaevitch, que queria muito encontrar-se com ele. – E o que mais disse sobre Iéltsine? – Muitas coisas… Que Boris é um grande homem, que ela sente como ele ama a Rússia.

Expliquei: “Vim para saber pelo menos algo sobre o futuro da Rússia e de Boris Nikolaevitch após 1996, porque temos eleições, é um período complicado”. Ela respondeu: “Sim, vejo isso, sei, acompanho o que acontece aí. Porque isso influencia tudo o que acontece no mundo. E é muito importante não só para vocês, é importante para mim, para os búlgaros, para a Europa”.

Eu digo: “A situação aí é complicada. Há até dúvidas se Boris Nikolaevitch deve candidatar-se às eleições. Muitos aconselham-lhe a não o fazer. O que acha que vai acontecer?” Vanga disse que para Iéltsine seria muito difícil. Perguntei: “Em que sentido difícil?” Ela respondeu: “O coração”. Eu: “Quer dizer que vai preocupar-se?” Ela: “Vai doer”. “Vai adoecer gravemente?” Vanga não quis explicar mais. Falava de forma bastante geral. Mas ficou claro que Iéltsine adoeceria, mas as eleições correriam bem e ele superaria tudo com sucesso. Que teria problemas. Mas até aos últimos dias ficaria com a Rússia. Era mais ou menos essa a ideia.

Percebam, Vanga não disse nada concreto, como que haveria uma crise na Rússia em 1998 ou que Iéltsine se demitiria em 2000…

– Não perguntou a Vanga quem sucederia a Iéltsine? – Não. Preocupavam-nos mais as eleições de 1996.

A vitória de Boris Iéltsine nas eleições de 1996 estava predestinada, e Vanga sabia-o…

Embora me interessasse o tema da mudança de milénio: haveria cataclismos? Toda a gente falava de um grave problema informático. Vanga respondeu que a mudança de século correria de forma bastante calma para a Rússia.

Quanto a quem governaria a Rússia no novo século, foi ela própria que disse: “Será uma pessoa que vocês não conhecem”. Deixou tudo no ar. Mas esclareceu: “Uma pessoa que não conhecem agora, mas cujo nome depois ecoará pelo mundo inteiro”.

– Falaram sobre o que aconteceria daqui a dez anos? – Sim, houve conversa sobre isso. Vanga disse que a Rússia conhecerá prosperidade, que se tornará estável, grande, poderosa, que os outros se espelharão nela.

– Não perguntou a Vanga por que queria encontrar-se com Iéltsine? – Não. Mas parecia-me que ela tinha um grande sonho de visitar o nosso país e encontrar-se com os líderes. Certamente queria encontrar-se com Gorbatchov e com Brejnev.

Agora percebo que Vanga queria falar com Boris Nikolaevitch não tanto como profetisa, mas como pessoa que simpatiza com a Rússia, com o nosso povo, com o presidente.

– Depois regressou a Moscovo e relatou tudo a Iéltsine? – Só lhe contei de passagem, numa das reuniões: “Boris Nikolaevitch, fui ter com Vanga…” Ele perguntou: “E então?” … Pareceu-me até que Iéltsine não queria ouvir nada sobre isso da minha boca. Tal como eu não queria saber do meu futuro, ele também não queria – pelo menos dessa fonte.

– Contou as predições de Vanga só a Iéltsine e a mais ninguém? – A ninguém. Falo disso em pormenor pela primeira vez.

Provavelmente fui um dos poucos que a visitou antes de ela morrer. Vanga faleceu em 1996. Fiquei muito abatido quando soube da sua morte.

E o que ela me disse no encontro, penso que ainda hoje pode ser visto como uma mensagem de despedida. Uma mensagem bondosa de uma pessoa solidária.

Guardo também o ícone de Santa Petka que Vanga me ofereceu…»

Após a chegada do secretário de imprensa do presidente da Rússia, no início de 1996, espalhou-se pela Bulgária o rumor de que Vanga tinha recebido uma pessoa da equipa de Boris Nikolaevitch Iéltsine. O nome do visitante foi mantido em segredo, mas o jornal búlgaro «Duma» publicou corajosamente a «mensagem» que a profetisa enviou ao presidente russo: «Iéltsine voltará ao poder! Vencerá as eleições presidenciais».

Como Vanga predisse, nas eleições de 20 de junho de 1996, Iéltsine venceu…

E mais um pormenor ligado a este político, que deixou uma marca ambígua na história russa. Em 1995, como afirmava o professor D. Filipov, Vanga, ao falar do conflito na Chechénia, disse:

– A guerra na Chechénia terminará quando Iéltsine partir.

Todos sabemos bem que foi exatamente isso que aconteceu…

CAPÍTULO 18

«O VERDADEIRO VALOR: AMIZADE, CAMARADAGEM, AMOR – NÃO SE PODE COMPRAR COM DINHEIRO…»

Vangeliya Guschterova era uma filósofa; apesar da ocupação constante, da dor e dúvidas infinitas com que chegavam até ela multidões de desconhecidos, a mulher cega conseguiu preservar uma mente clara, compaixão e bondade. A sua sobrinha Krassimira contava momentos em que a vidente se punha a refletir sobre os destinos das pessoas no contexto do mundo inteiro. A opinião e os sentimentos de Vangeliya estão preservados nas recordações de outros testemunhos, que escutavam avidamente as palavras da profetisa. Entre os que ouviram com os próprios ouvidos predições e desejos de Vanga, há muitos dos nossos compatriotas.

As reflexões de Vanga sobre o mundo e o conhecimento do mundo, as relações humanas e os verdadeiros valores merecem ser citadas, pois talvez nos ajudem a olhar de forma nova para o nosso mundo e para nós próprios…

Vanga refletia:

– Vivemos tempos difíceis. As pessoas já nada têm em comum entre si. As mães dão à luz filhos, mas não têm leite para os alimentar. Dizem que é porque estão nervosas. Não, não é por isso. Simplesmente os filhos nada têm em comum com as mães, só apareceram no mundo com a ajuda delas. Os filhos não recebem nada das mães: nem leite, nem calor. Entregam-nos ainda bebés às creches, deitam-nos a dormir separados, as crianças raramente veem um sorriso no rosto da mãe. As mães estão insatisfeitas porque os maridos não as respeitam devidamente.

Os maridos, por sua vez, acham que se casaram só para serem como toda a gente. Os idosos também estão insatisfeitos porque os jovens não os respeitam. Entre as pessoas não há proximidade. Só se interessam pelo dinheiro. Pensam que, se tiverem dinheiro, tudo se resolverá por si. Não sabem que chegará o dia em que o dinheiro de nada lhes servirá… Há uma parábola muito antiga: houve um tempo em que um camelo custava 10 groschen e era

considerado um animal muito valioso. Depois vieram tempos em que havia muitos camelos, e um camelo vendia-se por apenas uma aspra, mas já não havia quem o quisesse comprar. Reflitam mais vezes sobre esta parábola, porque chegará o dia em que as pessoas terão tudo, mas não poderão comprar nada do que tem verdadeiro valor e representa uma riqueza inestimável – amizade, camaradagem, amor, partilha…

Ela também ensinava:

– Todas as provações humanas não são por acaso. A vida humana, tal como os destinos de povos inteiros da Terra, está predestinada lá de cima, e é preciso aprender paciência e coragem para resistir ao mal.

Advertia:

– Nada é por acaso. Por isso digo a todas as pessoas que a nossa consciência deve mudar para a bondade. E não é só um desejo. A Terra está a entrar num novo período de tempo, que pode ser caracterizado como o tempo das virtudes. Este novo estado do planeta não depende de nós, está a chegar, quer queiramos ou não. O novo tempo exigirá um novo pensamento, outra consciência, pessoas qualitativamente novas, para que a harmonia no Universo não seja violada.

Garantia:

– Digo-vos: só o bem pode vencer o mal. A bondade é a graça de Deus. Sede sábios, não acrediteis em discursos loucos! Assim salvar-vos-eis mais depressa.

Monumento «O Bem vence o Mal». Zurab Tsereteli. Criado a partir de fragmentos de mísseis Pershing-2 e SS-20 desmantelados, foi instalado em 1990 junto à sede da ONU em Nova Iorque e tornou-se símbolo do fim da «Guerra Fria»

As testemunhas recordam que, por vezes, a grande pitonisa ficava concentrada, sem querer falar com ninguém, e os que a rodeavam compreendiam que ela estava a escutar sobre vários eventos e pessoas, sobre o passado e o futuro; por vezes a sessão de contacto com o desconhecido (ou desconhecidos) durava muitas horas. E ninguém se atrevia a perturbar a vidente enquanto absorvia informação; se alguém a chamava de repente, zangava-se muito e pedia que a deixassem em paz.

Aliás, nas recordações da sobrinha próxima da profetisa, Krassimira, encontramos a confissão de Vanga sobre essas entidades que contactavam com ela. Seriam elas que lhe mostravam «filmes» sobre o que foi e o que será? Seriam elas que forneciam à vidente informações sobre cada um dos que vinham ter com ela? Nos capítulos anteriores já mencionámos os contactos

misteriosos, mas não dissemos que todos esses seres invisíveis (ou energias) têm a sua hierarquia própria. Krassimira escreveu:

«Que seres são esses que comunicam com Vanga e muitas vezes se encontram em sua casa? Na opinião dela, há entre eles uma certa hierarquia, porque há "chefes", que aparecem mais raramente e normalmente quando é preciso anunciar eventos excecionais ou cataclismos iminentes. Nesses momentos, empalidece, perde os sentidos, e da sua boca começa a sair uma voz que nada tem a ver com a dela – muito alta e de timbre completamente diferente. As palavras e frases que saem não se parecem nada com as que usa no dia a dia. É como se um intelecto estranho, uma consciência estranha se instalasse nela para anunciar pela sua boca eventos decisivos para a humanidade.

Quanto aos seres com quem comunica, Vanga usa expressões como "grande força" ou "grande espírito", mas isso não deve provocar sorrisos céticos; esses nomes devem ser entendidos de forma completamente convencional. Na verdade, ainda nem temos termos para os designar. Vanga simplesmente escolheu as palavras mais próximas das suas conceções e representações.

O mesmo com a "voz" que lhe transmite – deve ser entendida de forma convencional. Soa dentro dela mesma, "na minha cabeça", como diz a própria Vanga, e ela compreende-a, ouve-a e responde-lhe mentalmente. Não sabe explicar como acontece, mas a comunicação decorre de forma fácil e natural, sem qualquer esforço da parte dela, não a provoca, mas também não pode pará-la ou evitá-la».

Não serão após contactos desses com os «grandes espíritos» que Vangeliya instruía a humanidade:

– Lutar pela paz não exige necessariamente armas na mão; inspirar pensamentos bons nas pessoas também é um passo sério para alcançar a paz. Muitos líderes de diferentes países dirigem os seus esforços exatamente nessa direção. Não temos outra escolha. Devemos ser bondosos e amar-nos uns aos outros para nos salvarmos. Se não o compreendermos com a nossa razão – as leis inexoráveis do Cosmos obrigar-nos-ão a isso, mas então já será tarde demais e custar-nos-á muito caro… Às vezes vejo uma imagem assim: a Terra enegrecida e queimada, e por ela move-se um punhado de pessoas, semelhantes a sombras… Não devemos permitir que a vida na Terra pereça por causa da nossa miopia.

Chegou o momento de fazer o máximo esforço e renunciar à inimizade, à inveja e ao ódio. Assim está predestinado. Mesmo que não queiramos o mal, a vida deve avançar…

– Sede mais bondosos para não sofrer mais. O homem nasceu para boas ações; as más não ficam impunes. O castigo mais cruel espera não o que causou o mal, mas os seus descendentes. Isso dói ainda mais.

– Não vos queixeis ao sofrer. Os sofrimentos purificam. Para uma coisa ficar limpa, é preciso lavá-la.

Como pessoa verdadeiramente crente, que sabia que tudo no mundo não se constrói apenas no materialismo, como ensinavam no seu país soviético, e que todas as disciplinas e fórmulas conhecidas pela ciência são apenas uma parte do mundo, Vanga advertia muitas vezes:

– Obedecei a Deus e tudo correrá bem. Se forem contra Ele, sofrerão e padecerão. Batizem os vossos filhos para os proteger das desgraças.

– Orai para que Deus poupe o homem, pois ele enlouqueceu na sua haine ao próximo.

– Deus deu ao homem uma arma poderosa – a vontade, que nenhuma força consegue quebrar, por isso o homem decide sozinho a quem servir.

– O homem é aquilo que é. Se o homem conseguir mudar os seus pensamentos para o bem – mudará a sua vida.

– Se deres nesta vida, tereis também no céu. Se tens duas maçãs, uma grande e uma pequena, dá uma delas. Receberás o mesmo no outro mundo. Se nada deres nesta vida, também lá nada receberás.

Refletindo sobre a morte e a imortalidade, consolava, dizendo o principal para cada um:

– Lá onde habitam os falecidos, não há nem paraíso, nem inferno, nem esquecimento, nem abismo. É um mundo inteiro, mas não como na Terra. E ao chegar lá, o falecido inicialmente nem percebe grande diferença e pensa que ainda está vivo… O falecido continua a ver e a ouvir os familiares, mas não pode entrar em contacto com eles.

– Após a morte, o corpo decompõe-se, desaparece, como tudo o que é vivo após a morte. Mas uma certa parte não se submete à corrupção nem à putrefação. Algo no homem, que não está sujeito à decomposição, desenvolve-se e passa a um novo estado mais elevado, do qual nada sabemos. Acontece aproximadamente assim: morres analfabeto, depois morres como aluno, depois como pessoa com ensino superior, depois como cientista… O homem espera várias mortes, mas o princípio superior não morre. E isso é a alma do homem…

A vidente explicou-nos também o que é mais importante do que todas as fórmulas científicas:

– Deus não pode estar na luz, Deus é a própria luz. Não há Deus no homem, mas o homem está em Deus!

«Para ela não existia o conceito de “natureza inanimada”; tudo o que nos rodeia é um todo único, vive e desenvolve-se segundo leis e regras ainda incompreensíveis para nós», afirmava Krassimira Stoyanova; sob estas palavras pode subscrever qualquer um que conheceu ou que acreditava e acredita nas capacidades fenomenais de pessoas como a principal vidente do século XX, Vangeliya Guschterova. Desde que esta mulher única nos deixou, o mundo avançou tanto no caminho da investigação do desconhecido que as críticas mesquinhas, os reproches e a desconfiança manifestados em relação a Vanga parecem ridículos. Para nós, que vivemos no século XXI, em breve quaisquer capacidades fenomenais deixarão de parecer algo extraordinário e passarão a ser algo bastante comum, próprio de muitas pessoas.

«…é precisamente da ciência futura que esperamos a decifração do fenómeno Vanga, e eu acredito – afirmava corajosamente Krassimira no final do século XX – que ela encontrará uma resposta digna ao desafio da natureza. A certeza nisso dá-ma a própria Vanga, que frequentemente dizia: “Chegou o tempo dos ‘milagres’, e a ciência fará grandes descobertas na área do imaterial. Os cientistas ficarão a saber muitos factos sobre o futuro do nosso planeta e sobre o Cosmos. Encontrarão dados sobre isso nos antigos livros sagrados. Muitos mistérios serão desvendados. Serão descobertas muitas antiguidades”».

E quem se cansou de provar aos que não acreditam que o mundo se abrirá para nós com muitas facetas maravilhosas, nas quais se revelará o equilíbrio entre o material e o imaterial, semelhante ao mágico – que recorde as palavras da grande Vanga:

– Não lutem contra os tolos, eles não são assim tão perigosos, não tentem mudá-los ou ensiná-los. Piores são os meio-tolos. Eles podem fazer coisas que agitam todo um povo.

Rupite.

«Para ela não existia o conceito de “natureza inanimada”; tudo o que nos rodeia é um todo único, vive e desenvolve-se segundo leis e regras ainda incompreensíveis para nós» – Krassimira Stoyanova

CAPÍTULO 19

«A SÍRIA AINDA NÃO CAIU»,

OU QUAIS AS PROVAÇÕES QUE NOS ESPERAM

E se nos lembrarmos do conselho de Vangeliya sobre os meio-tolos, apliquemo-lo diretamente àquilo que esses mesmos «meio-tolos» fazem na Ucrânia, tão cara aos nossos corações, onde, em fevereiro de 2014, ocorreu um golpe de Estado armado por forças longe de serem inteligentes, mas precisamente meio-tolas – traidores da Pátria, de todo o povo ucraniano e daqueles que pisaram os valores mais elevados – a paz, a amizade e o amor – sobre os quais a profetisa búlgara dizia: «nunca se compram com dinheiro nenhum!». Sobre os cadáveres dos mortos no Maidan chegaram ao poder políticos ucranianos sectários – o cientologista Yatsenyuk e o líder da «Igreja de Cristo de Boston» Turchynov. Mas o destino não lhes reservou governar por muito tempo…

Consultemos todas as fontes impressas em que foram mencionadas as profecias de Vanga sobre este país, para termos possibilidade de verificar a misteriosa força da vidência. Se, claro, as suas profecias puderem ser referidas ao tempo em que vivemos…

Então, o que dizia Vanga sobre a Ucrânia?

– A Ucrânia tornar-se-á a principal entre cinco países.

O que exatamente queria dizer a cega? Alguns investigadores inclinavam-se a pensar que se tratava da união de cinco países: Geórgia, Ucrânia, Uzbequistão, Arménia e Moldávia num sindicato político chamado GUUAM, criado em 1997. No entanto, o tempo mostrou a inviabilidade da união, e com ela o papel de liderança da Ucrânia.

E há ainda uma profecia estranha, que pode referir-se tanto à Ucrânia, tão sofrida e desorientada, que foi reunida de forma estranha a partir de terras de diferentes Estados por vontade dos governantes bolcheviques, como à União Europeia «montada aos pedaços». Pouco antes de morrer, Vanga disse, e os seus ajudantes registaram:

– Aquilo que se uniu desfar-se-á em pedaços. Isso acontecerá junto à Rússia.

Mas se por enquanto não compreendemos este futuro predestinado, outra profecia dela parece mais concreta:

– Após longas e longas dificuldades, as pessoas finalmente viverão muito bem, pois para a Ucrânia deverão chegar tempos maravilhosos.

Muito consolador; resta apenas compreender quantos meses, anos ou mesmo séculos os ucranianos e os seus vizinhos terão de esperar por esses tempos maravilhosos…

Pode também presumir-se que esse tempo se prolongará, e que, segundo outras palavras de Vanga, o mundo inteiro passará por momentos difíceis…

– O mundo viverá muitos cataclismos e fortes abalos. Mudará a própria consciência das pessoas. Virão tempos difíceis. As pessoas dividir-se-ão pelo sinal da fé. Regressará a elas o mais antigo e sábio ensinamento. Perguntam-me quando isso acontecerá? Ainda não muito em breve! A Síria ainda não caiu.

Nós compreendemos perfeitamente que a Síria, mencionada por baba Vanga no final da sua vida, à luz dos acontecimentos atuais, ainda não caiu apenas graças ao poderoso apoio do nosso país, a Rússia. Agora, quando os EUA e os seus aliados belicosos e malévolos da UE tentam derrubar o que chamam de «regime de Assad», o povo simples reza perante os retratos de Putin, que não permitiu que este país fosse bombardeado com «democráticas» bombas americanas – como antes bombardearam a Jugoslávia, o Iraque, o Afeganistão, a Líbia. Mas significará «ainda não caiu» um fim triste para o país do Médio Oriente ou será apenas um aviso do tipo já conhecido: pessoas, estejam atentas? Eh, se soubéssemos…

Profetizou Vanga também sobre o seu país.

– Todas as desgraças vêm para a Bulgária da América. E a Rússia… A Rússia corrigirá tudo!

Infelizmente, à Rússia está destinado um papel difícil: limpar a porcaria que a América traz ao mundo. Transformar países do mundo em pontos quentes – esse é o destino do país que foi construído sobre os ossos do povo indígena americano. E os pontos quentes aproximam-se cada vez mais das fronteiras da Rússia graças aos esforços dos americanos e dos seus satélites da UE. Tendo investido milhares de milhões de dólares na Ucrânia, os governantes dos EUA prepararam jovens fascistas que assaltaram o parlamento e outros órgãos de poder e, no final, conseguiram tomar as rédeas do governo, mudando o líder do país.

Mas o mais terrível nem é a tomada de poder pela força, mas a ideologia misantrópica que, nas últimas décadas, conseguiram inculcar nas cabeças dos ucranianos e da qual será muito difícil livrar-se. Por isso, a profecia de Vangeliya de que a Ucrânia um dia será um dos cinco países mais fortes do mundo só se cumprirá numa condição: se o país não se dissolver no Ocidente (pois, se entrar na UE, perde imediatamente o estatuto de parceiro sério, transformando-se numa… território para escoamento de produtos europeus, mão de obra barata etc.). Só pode ser forte numa condição: em união com a Rússia – sobre o que a grande profetisa búlgara falava diretamente.

Voltemos a outro país que preocupava o coração de Vanga – a Síria. Como sabemos, no final de 2012 os EUA reconheceram a coligação nacional de forças opositoras e revolucionárias da Síria como o único representante legítimo do povo desse país. Para analogia: após a tomada de poder armada em Kiev, foram precisamente os EUA e os seus aliados da UE que se apressaram a reconhecer esse poder ilegal e criminoso como o único legítimo. E, tal como na Síria, o país vizinho Ucrânia encontrou-se à beira da divisão e da guerra civil. A guerra na Síria já dura há anos; em abril de 2014, representantes do chamado Exército Livre Sírio confirmaram factos de receção e utilização em combate de mísseis recebidos dos «benfeitores» do outro lado do oceano. Nos media mundiais passou a informação:

«Os EUA e a Arábia Saudita fornecem aos combatentes sírios mísseis anticarro modernos de fabrico americano. Foram entregues através da vizinha Jordânia e Turquia. Segundo o Wall Street Journal, os EUA preparam-se para organizar fornecimentos de armamento em maior escala. Tudo isto acontece no contexto das declarações de Washington sobre a necessidade de resolução pacífica do conflito na Síria». País hipócrita, que conduz uma política hipócrita. E se o mundo realmente caminha para o apocalipse, para as desgraças e infortúnios de que falava Vanga, e que chegarão quando «a Síria cair», a culpa será apenas dos EUA e dos seus aliados inadequados; sabemos que à volta de um tigre forte andam sempre bandos de chacais, desejosos de comer os restos.

A guerra civil na Síria já dura há anos.

À destruição e à guerra civil – eis a que conduz a intervenção da América nos assuntos de países independentes situados em diferentes partes do mundo. Vê-se que o anel listrado de estrelas se aperta cada vez mais em torno das nossas fronteiras. Por tudo, a próxima vítima deveria ser a nossa Rússia. É por isso que nós temos de estar preparados. E, possivelmente, ajudar-nos-á nisso ninguém menos do que a própria baba Vanga. Pois os seus conselhos eram simples e compreensíveis, e além disso davam-nos a todos a certeza de que venceremos, se nos orientarmos pelo bem.

O dom místico de Vanga de saber e ver o futuro atrai-nos como um íman. Cada um deseja saber o que espera o mundo, quais as provações que nos aguardam… Vanga repetiu muitas vezes que a verdade sobre o mundo deve ser procurada nos antigos livros sagrados. Dizia que na Bíblia estão ocultos os mistérios do passado da humanidade e está predestinado o futuro da Terra. Nós sabemos que a Bíblia mostra-nos o menos cor-de-rosa: o mundo espera o Apocalipse, o fim predestinado para todos os pecadores…

E Deus completou no sétimo dia as suas obras, e repousou no sétimo dia de todas as obras que tinha feito e criado.

E Deus abençoou o sétimo dia e santificou-o…

Em diferentes épocas, Vangeliya advertia sobre o mais sombrio:

– Seguir-se-ão anos em que cidades e aldeias ruirão devido a terramotos e inundações, cataclismos naturais abalarão a Terra, as pessoas más vencerão, e de ladrões, bêbados, delatores e prostitutas não haverá conta… Entre as pessoas criar-se-ão ligações frágeis, duvidosas, condenadas ao colapso logo no início. Os sentimentos desvalorizar-se-ão muito, e apenas a paixão falsa, ou melhor, as ambições e o egoísmo tornar-se-ão estímulos nas relações humanas.

– Muitas pessoas sofrerão. As desgraças cairão de todos os lados, todos os povos afundar-se-ão… As pessoas serão menos, e por isso também os bens – a carne de ovelhas, vacas e cabras não se poderá comer. As pessoas andarão sem sapatos e sem roupa, viverão sem comida, combustível e luz…

– …haverá o fim do mundo, a Terra virar-se-á do Sol. Onde era quente, haverá gelo, muitos animais extinguir-se-ão. As pessoas lutarão pela energia, mas terão alma suficiente para parar. E depois o tempo voltará atrás.

– …ondas varrerão muitos países, e o Sol apagar-se-á por três anos. Sobreviverão apenas as pessoas com bons pensamentos, os restantes perecerão… Mas depois virá a idade de ouro.

Certamente muitos ouviram que o empresário e viajante ucraniano Anatoliy Lubchenko, no início do século XXI, publicou uma entrevista guardada por ele com Vanga, feita pouco antes da morte da vidente em 1996. Segundo ele, Vanga pediu para não divulgar antes do tempo o que dissera. Pressentindo a sua partida iminente, a cega foi franca nas suas predições do futuro. Eis, por exemplo, o que está escrito sobre esta entrevista no livro de Svetlana Kudryavtseva (citamos com abbreviaturas):

Vanga repetiu muitas vezes que a verdade sobre o mundo deve ser procurada nos antigos livros sagrados. Na Bíblia estão ocultos os mistérios do passado da humanidade e está predestinado o futuro da Terra.

«Interessa-nos, claro, o que Vanga disse sobre a Rússia. Citamos um excerto da conversa de Vanga com o empresário ucraniano.

Vanga: – À Rússia espera-a o bem, à Bulgária e à Macedónia – não muito. As mulheres na Rússia darão à luz muitos bons filhos, que mudarão o mundo. Depois virá o milagre, tempos maravilhosos. A ciência dirá o que nas velhas livros é verdade e o que não é, no cosmos encontrarão vida e saberão de onde ela veio para a Terra. Na terra escavarão uma grande cidade. Do céu chegarão pessoas novas, e haverá grandes milagres. Mas é preciso esperar, não se pode apressar os acontecimentos, não será tão cedo.

A. Lubchenko: – E o que acontecerá em breve?

Vanga: – Daqui a 9 anos haverá o fim do mundo (a entrevista, recordemos, foi gravada em 1994), a Terra virar-se-á do Sol. Onde era quente, haverá gelo, muitos animais extinguir-se-ão. As pessoas lutarão pela energia, mas terão alma suficiente para parar. E depois o tempo voltará atrás.

Vanga confirmou a suposição de que a Terra espera um dilúvio semelhante ao bíblico. Isso acontecerá daqui a 30–40 anos. A profetisa disse que na Terra cairá um grande corpo cósmico, e a sua queda causará muitas desgraças: «ondas varrerão muitos países, e o Sol apagar-se-á por três anos». Sobreviverão apenas as pessoas com bons pensamentos, os restantes perecerão. Mas depois virá a idade de ouro.

Quanto às mudanças no mundo, serão globais. Claro, deve recordar-se que as palavras de Vanga tinham carácter alegórico, e as suas profecias não são fáceis de decifrar.

Vanga: – Daqui a 7 anos as pessoas não semearão nem ceifarão, apenas cultivarão tudo. Os animais reproduzir-se-ão como plantas, e as plantas como animais. Daqui a 21 anos ninguém andará pela terra. Os comboios serão abastecidos com energia do Sol, o petróleo será proibido, a terra apenas dará à luz e descansará. Daqui a 40 anos não haverá as doenças atuais, mas aparecerão outras. Estarão ligadas ao cérebro, porque todos beberão do mar, e no mar não haverá ilhas. Depois encontrarão água no cosmos, e será boa. As pessoas serão muitas. A Índia mais do que a China. Mas as pessoas livrar-se-ão dos corpos.

A. Lubchenko: – O que significa «livrar-se dos corpos»?

Vanga: – Pode viver-se sem corpo, apenas a personalidade, apenas a energia, como nos mortos. Mas isso não será tão cedo.

Lubchenko perguntou o que espera o mundo nos próximos 5 anos.

Vanga: – A Rússia emagrecerá e voltará a ocupar o seu lugar, o bem estará dentro, e a experiência fora. A Europa não poderá rejuvenescer. A América aceitará o barbudo e compreenderá que o medo é pior do que o amor. A Síria ruirá aos pés do vencedor, mas o vencedor não será aquele. Os extraterrestres não quererão partilhar conhecimentos com os fortes. Os países femininos recuarão perante os masculinos, mas conservarão os seus planos. O homem pequeno governará vocês toda a vida.

Quanto a esta predição, já se podem tirar conclusões: o que se cumpriu e o que não, pois os 5 anos já passaram. Mas decifrar profecias não é tão fácil como pode parecer.

O território da Rússia realmente diminuiu, já não é a «União indestrutível de repúblicas livres». «O homem pequeno governará vocês toda a vida» – não

se percebe a quem se refere: se à Rússia, recorda-se logo V. Putin, se a outros países, é difícil dizer a quem Vanga tinha em mente».

Claro que não é compreensível o que exatamente dizia Vanga, e como isso se relaciona com as datas indicadas. Mas se recordarmos que para ela não existia passado-presente-futuro no contexto em que nos parece a nós, então pode admitir-se que todas as suas palavras possam ser decifradas. Por exemplo, ela não diz «daqui a 9 anos… daqui a 7 anos» depois do quê… Por isso, não é difícil supor que na Terra, após cataclismos, guerras, doenças e dilúvios, chegarão «tempos de ouro»; os produtos serão cultivados em tubos de ensaio, criados artificialmente; todo o transporte funcionará com energia solar, e o petróleo ficará nas entranhas da terra; extraterrestres estarão aqui, mas não quererão partilhar conhecimentos com os terrestres… Em suma, tudo como nos filmes futuristas sobre o futuro. Mas não se pode deixar de notar que a maioria das ideias e teorias fantásticas descritas por conhecidos escritores de ficção científica já ganhou realidade. Por isso, também as predições de Vangeliya podem ser verdade, mas uma verdade da qual nós nunca saberemos… a não ser quando renascermos nas vidas mais distantes do futuro…

Despedida da grande vidente

– O futuro pertence às pessoas boas, e elas viverão num mundo maravilhoso, que agora nos é difícil imaginar…

– Chegará o dia em que a mentira desaparecerá da face da Terra, não haverá violência nem roubo. Cessarão as guerras, os sobreviventes saberão o valor da vida e protegê-la-ão. A Terra entra num novo período de tempo, que pode ser caracterizado como tempo das virtudes. Este novo estado do planeta não depende de nós, está a chegar, quer queiramos ou não. O novo tempo exigirá um novo pensamento, outra consciência, pessoas qualitativamente novas, para que a harmonia no Universo não seja violada.

«O novo tempo exigirá um novo pensamento, outra consciência, pessoas qualitativamente novas, para que a harmonia no Universo não seja violada…»

CAPÍTULO 20

«A RÚSSIA SERÁ A ÚNICA SUPERPOTÊNCIA DO MUNDO!»

Em casa de Vanga passaram dezenas, senão centenas de milhares de pessoas: desde as mais famosas até às mais simples, cidadãos completamente desconhecidos. Entre os peticionários e visitantes havia muitos dos nossos compatriotas; a uns Vanga ajudava nas suas desgraças quotidianas, a outros expulsava, a outros ainda predizia a glória da futura Rússia. Entre as personalidades conhecidas e até eminentes que, em diferentes anos, estiveram na Bulgária e visitaram Vanga, estavam o Secretário-Geral do Comité Central do PCUS L. I. Brejnev, a famosa fisiologista Natalia Bekhtereva, o pintor Svyatoslav Roerich, os escritores Leonid Leonov, Yevgeniy Yevtushenko, Sergey Mikhalkov, os atores Vyacheslav Tikhonov, Alla Demidova e muitos, muitos outros.

Gostaria de recordar uma frase estranha dita pela vidente ao encontrar-se com a atriz Alla Demidova. Entre elas houve um diálogo, no decurso do qual foi dito o seguinte:

– Que peça representas hoje? – perguntou Vanga.

– «O Bom Homem de Sezuan».

– Na tua opinião, há pessoas boas?

– Não sei, talvez haja – respondeu a atriz.

Ao que Vanga replicou:

– Não, não há pessoas boas. – Mas logo acrescentou: – Aliás, é uma brincadeira.

Nós estamos habituados a dizer: o mundo não é sem pessoas boas, esperando que elas nos apareçam em diferentes circunstâncias da vida; mas baba Vanga sabia perfeitamente: no mundo as pessoas boas são muito menos do que as vis, más e invejosas…

Em casa da velha búlgara cega esteve também Kirsan Ilyumzhinov, que se tornou presidente da Calmúquia segundo a profecia dela. Também de acordo com o dito por Vanga, na Calmúquia foi encontrado petróleo. Na série já várias vezes mencionada «Vangeliya», Ilyumzhinov também interpretou a si próprio. A «Komsomolka» não perdeu a oportunidade de lhe fazer algumas perguntas; aproveitaremos também nós as respostas daquele que mantinha relações de amizade com a celebridade estrangeira, e citamo-las no livro. [9]

«– Como conheceu Vanga?

– No final de 1992 telefonou-me o meu amigo do MGIMO, o búlgaro Stoyan. Nessa altura eu dedicava-me aos negócios, era presidente da

corporação “San”. Stoyan propôs-me ir a Petrich: “Vanga pediu para trazer de Moscovo um ‘jovem presidente’, mas não encontramos ninguém, talvez tu sirvas. Conhecem-se, falam”. Claro que concordei. Baba Vanga era uma lenda!

Chegámos à Bulgária. No dia seguinte, muito cedo de manhã, a tia Vanga chamou-me a casa dela. Sentou-me e perguntou: “Então, jovem presidente, como vão as coisas?” Eu tinha acabado o instituto, tinha 29 anos. Digo, que presidente sou eu? Ela acenou com as mãos: “Vais comandar o povo, vais ser um grande presidente!”. E meio ano depois fui eleito presidente da Calmúquia. Nem me passava pela cabeça. Aconteceu tudo espontaneamente. Cheguei a Elista à fábrica “Zvezda”, onde tinha trabalhado antes do exército.

Lá apareceu um dos candidatos a fazer campanha. Os rapazes disseram: “Para quê um candidato estranho? Temos o nosso. Kirsan, já és rico, vives no comunismo. Faz com que também nós vivamos no comunismo!” E candidataram-me. Após a vitória nas eleições, baba Vanga telefonou-me logo, felicitou-me. E eu, logo após as eleições, voei ter com ela. Assim começou a nossa amizade. Encontrávamo-nos muito frequentemente. Às vezes vinha 2–3 vezes por mês.

– Por que princípio Vanga admitia pessoas no seu círculo próximo?

– Para mim próprio é um mistério. Tenho muitos amigos em Moscovo. Trouxe um, também se tornaram amigos de Vanga. A outro expulsou, nem o deixou entrar. Não recebia, por exemplo, o presidente da Bulgária Jélev. Sei isso bem, porque me pediram para organizar o encontro. Mas era inútil. Visivelmente, a aura tinha de coincidir.

– De Vanga recordam-se, em regra, em ligação com profecias de carácter catastrófico: o submarino “Kursk”, os atentados de 11 de setembro… Como lhe pareceu: Vanga via o futuro em tons sombrios ou, afinal, positivos?

– Ela era uma pessoa que amava a vida. Referia-se muito bem à Rússia e predizia-nos o futuro em tons maiores. Aos políticos búlgaros aconselhava sempre que se mantivessem agarrados à Rússia. Embora em meados dos anos noventa também não estivéssemos bem. Quanto às catástrofes… Agora especulam muito com o nome de Vanga… E depois ela tinha uma particularidade: muitas vezes, se via algo mau, não falava disso».

Ela carregava com tanta fé e tanta energia que muitos mudavam a sua vida, e as pessoas criativas – a sua relação com a criação. Um conhecido próximo de Vanga, o nosso compatriota Valentin Sidorov – poeta, prosador e figura pública, autor da famosa novela «Sete dias nos Himalaias», investigador do legado do notável pintor e pensador russo Nikolai Roerich – criou um belo ciclo de poemas patrióticos sobre a Rússia. Possivelmente, assim influenciou o que Vanga afirmava sobre o nosso país, ou talvez ela fosse amiga dele pela

sua grande devoção espiritual à Pátria. Palavras ditas com amor à Pátria não podem pertencer ao passado, são sempre atuais.

«Agora que me vou embora…

Tomem medidas…

Não briguem…

Não invejem…

Não espiem…

Vivam em paz. Não se dividam…

E amem-se, porque todos são meus filhos!»

Que força ressuscitou O parentesco meio esquecido? De novo estamos possessos pela Rússia, E isso em nós é o mais forte de tudo.

Rússia de Púchkin e de Blok, Quem me explicará por que razão Nos inclinávamos perante profetas alheios, Acreditávamos na inteligência estrangeira?

Através da nuvem enevoada Cada vez mais indistinto e vago Brilhava para mim a imagem pura e severa Da minha pátria transparente.

Que força, então, ressuscitou E de novo nos uniu? De novo estamos possessos pela Rússia, Que agora se ergue.

Talvez, as predições de Vanga sobre o nosso país tenham sido as mais prolixas, as mais ricas de conteúdo e as mais sonoras. A última profecia sobre a Rússia, Vangeliya Guschterova, ou como então a chamavam baba Vanga, fê-la pouco antes de partir para o outro mundo. Ao longo de muitos anos em Petrich, recebeu um enorme número de russos, em primeiro lugar porque os estrangeiros eram admitidos junto dela com cautela e, na maioria dos casos, apenas de países do campo socialista, e também porque era uma verdadeira patriota da Rússia, amava profundamente a nossa forte potência e expressou muitas vezes o seu desejo mais querido de visitar Moscovo.

Não duvido de que, precisamente agora, em tempos de mudanças tão inesperadas e de confrontos, a muitos russos interessa sobremaneira saber se as profecias de Vanga relativas à Rússia se cumprirão.

Ainda em 1979, durante um encontro com o escritor Valentin Sidorov, Vanga disse:

– Tudo derreterá, como gelo, apenas uma coisa permanecerá intocada – a glória de Vladimir, a glória da Rússia. Demasiado foi sacrificado. Ninguém poderá deter a Rússia. Tudo e todos serão varridos do seu caminho, e ela tornar-se-á senhora do mundo.

Noutra variante, as últimas palavras desta profecia soam assim:

– Ninguém poderá deter a Rússia. Ela varrerá tudo do seu caminho e não só se preservará, como se tornará senhora do mundo.

E em 1996, antes da sua morte, Vanga predisse mais uma vez um futuro glorioso para a Rússia:

– A Rússia tornar-se-á a única superpotência do mundo.

Também a escritora búlgara Jeni Kostadinova sublinhava:

«Na realidade, Vanga falava sempre da Rússia com um sentimento especial. Era precisamente com a Rússia que a vidente búlgara associava as mudanças mais importantes no mundo, os processos políticos e sociais globais. Para Vanga, a Rússia era sempre um grande país, ao qual está destinada uma missão cósmica especial na evolução terrestre. A profetisa enfatizava que o "futuro luminoso" da Bulgária só é possível em estreita união com a Rússia».

Em abril de 1996, durante uma conversa com o vice-presidente da União Russa de Empresários, Yu. Sakharov, baba Vanga disse o seguinte:

– A Rússia é a mãe de todas as potências eslavas. Aqueles que dela se afastaram regressarão sob nova forma. A Rússia não desviará do caminho das reformas, que no final conduzirão ao crescimento da sua força e poder.

Perspetiva muito positiva para a Rússia; apetece dizer à grande profetisa "obrigado" pelas suas visões, que infundem esperança nos verdadeiros patriotas da nossa imensa Pátria.

– Agora a Rússia chama-se União. Mas a velha Rússia regressará e chamar-se-á como no tempo de São Sérgio. Todos reconhecerão a sua superioridade espiritual, e a América também. Isso acontecerá daqui a 60 anos. Antes disso, três países aproximar-se-ão – China, Índia e Rússia. A Bulgária estará com eles apenas em união com a Rússia; se se tornar parte dela. Sem a Rússia, a Bulgária não tem futuro.

À luz da crise ucraniana de 2014, muitos dos nossos compatriotas notaram que a Rússia realmente trabalha no sentido de uma aproximação com a Índia e a China – os países mais populosos do mundo, com as tradições antigas mais profundas.

Interessante que um futuro semelhante para a Rússia, que se tornará grande em todos os sentidos, foi predito também pelo vidente americano Edgar Cayce, considerado o maior profeta do século XX e cujas predições se cumprem com precisão surpreendente. Eis as suas palavras, ditas em diferentes épocas e circunstâncias:

– Da Rússia virá a esperança para o mundo; não é aquilo a que por vezes se chama comunismo ou bolchevismo, não; mas liberdade, liberdade! Cada pessoa viverá para o seu semelhante! Esse princípio nasceu. Passarão anos até à sua cristalização, mas da Rússia virá novamente a esperança para o mundo. Guiada por quê? Pela amizade com o povo nos cujas notas está escrito: «In God We Trust».

– No desenvolvimento religioso da Rússia está a grande esperança para o mundo. O povo ou grupo de povos que estiverem mais próximos nas relações com a Rússia poderá viver melhor durante o período de mudanças graduais e do estabelecimento definitivo das regras que regulam a ordem no mundo.

– Será precisamente a Rússia que liderará a civilização renascida da Terra, e o centro desse renascimento de todo o mundo será a Sibéria. Através da Rússia chegará ao resto do mundo a esperança de uma paz duradoura e justa. Cada pessoa viverá para o seu próximo. E esse princípio de vida nasceu precisamente na Rússia, mas antes que se cristalize passarão muitos anos. No entanto, será precisamente a Rússia que oferecerá ao mundo inteiro essa esperança.

– O Novo Líder da Rússia será durante longos anos desconhecido de todos, mas um dia entrará inesperadamente no poder. Isso acontecerá graças à força das suas novas tecnologias completamente únicas, que ninguém mais terá para lhe fazer frente. Depois ele tomará nas suas mãos todo o poder supremo da Rússia e ninguém poderá opor-se-lhe. Mais tarde, ele próprio tornar-se-á Senhor do Mundo, tornar-se-á a Lei que traz luz e prosperidade a tudo o que existe no Planeta…

Outro americano – Max Heindel, um dos filósofos religioso-místicos mais conhecidos, afirma que a Rússia é a mensageira de uma nova era na história humana, quando o papel principal na vida da Terra será desempenhado pelos povos eslavos. A missão dos povos eslavos consiste em mudar a essência das relações humanas, libertá-las do egoísmo e das paixões materiais grosseiras, restabelecê-las com base no amor, na confiança e na sabedoria, ou seja, com base naqueles valores que a América há muito esqueceu e que o Ocidente ignora.

O seu compatriota, o vidente Denton Brinkley, indicava:

– Observem a Rússia – o caminho que a Rússia seguir, o mesmo caminho seguirá todo o resto do mundo.

A vidente americana Jane Dixon também é extremamente clara na sua previsão:

– As catástrofes naturais do início do século XXI e todas as desgraças globais por elas provocadas afetarão menos precisamente a Rússia, e ainda

menos afetarão a Sibéria russa. À Rússia abrir-se-á a possibilidade de um desenvolvimento impetuoso e poderoso. As esperanças do Mundo e o seu renascimento virão precisamente da Rússia.

O filósofo-místico Rudolf Steiner também vê o futuro do mundo nas mãos dos povos eslavos.

Vanga via até a base ideológica, espiritual, sobre a qual se construirá a união das nações eslavas, atrás das quais seguirão depois muitos outros povos do mundo. Ela proclamava:

– O Novo Homem sob o signo do Novo Ensino aparecerá na Rússia, e ele governará a Rússia toda a vida… O Novo Ensino virá da Rússia – é o mais antigo e o mais verdadeiro ensino – espalhar-se-á por todo o mundo e chegará o dia em que todas as religiões do mundo desaparecerão e serão substituídas por este novo ensino filosófico da Bíblia de Fogo.

A sensitiva italiana Mavis anunciou um projeto não menos tendencioso:

– A Rússia tem um futuro muito interessante, que absolutamente ninguém no mundo espera da Rússia. Serão precisamente os russos que darão início ao renascimento de todo o mundo. E ninguém imagina quão profundas serão essas mudanças em todo o vasto mundo, provocadas precisamente pela Rússia. Na Rússia reviverá até a província mais profunda, surgirão e crescerão muitos novos cidades na periferia mais longínqua… A Rússia alcançará um nível de desenvolvimento tão unicamente elevado, que não existe agora e nem mesmo nessa altura existirá em nenhum outro Estado, por mais desenvolvido que seja… Depois, atrás da Rússia, seguirão todos os outros países… O atual caminho de desenvolvimento ocidental da civilização terrestre será muito em breve substituído pelo novo, precisamente o caminho russo.

Os jornalistas citam palavras da profetisa búlgara, que em muito coincidem com o que foi dito acima. [10]

«Como testemunha o professor Dobriyanov, já Vanga dizia que chegaria o tempo em que todos os eslavos se unirão. Que ao poder na Rússia chegará um governante que, não imediatamente, não sem erros, mas reunirá num todo todas as terras eslavas e conseguirá o fim das guerras. A propósito, uma vez a profetisa anunciou de repente que as pessoas terão dinheiro vermelho. Que “vejo os números 5 e zeros”. Referia-se às atuais notas de 5 mil? Então, precisamente elas – os rublos russos – tornar-se-ão a moeda nas terras eslavas unidas. E o mais importante, talvez.

À pergunta se haverá grandes guerras que atinjam todos – ou seja, mundiais –, Vanga respondia invariavelmente que tais não haverá… Do estranho: Vanga predisse que o presidente negro dos EUA, ou seja, Barack Obama, seria o último para o país. Porque a América ou congelará, ou será

“quebrada” pela maior crise económica, ou desagregar-se-á em estados do sul e do norte. Por enquanto, é difícil acreditar nisso».

De facto, é difícil acreditar, embora existam algumas premissas para esse processo. Afinal, também a nossa vidente compatriota Valeria Koltsova predizia ainda em 1996:

– Uma enorme onda de tsunami cobrirá Nova Iorque e todas as cidades da costa leste dos EUA. Na América começará uma pânica histérica terrível, as pessoas serão urgentemente evacuadas e transferidas para outras cidades…

Como se costuma dizer: viver para ver (se não nós, os nossos descendentes). Acreditar ou não acreditar é assunto de cada um.

Em contrapartida, esta previsão de baba Vanga não suscita dúvidas em ninguém:

– A ninguém é dado deter a Rússia. Não existe força que possa quebrar a Rússia.

Vanga com familiares no Mosteiro de Rila, em 1970

Inauguração da Igreja de Santa Petka. Vanga acompanhada pela sua família. 14 de outubro de 1994